

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

Pablo Santana

**O Vendedor de sonhos, de livros e de si mesmo:
Augusto Cury e seu esquema terapêutico-performático**

Dissertação de mestrado

RIO DE JANEIRO

Abril de 2019

Pablo Santana

**O Vendedor de sonhos, de livros e de si mesmo:
Augusto Cury e seu esquema terapêutico-performático**

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura
da Escola de Comunicação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como parte das exigências para obtenção do título de
Mestre em Comunicação e Cultura

Orientadora: Ieda Tucherman

Rio de Janeiro
Abril de 2019

**O Vendedor de sonhos, de livros e de si mesmo:
Augusto Cury e seu esquema terapêutico-performático**

Pablo Santana

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura, sob orientação da professora Doutora Ieda Tucherman.

Rio de Janeiro, 4 de abril de 2019.

Prof^a Dr^a Ieda Tucherman – Orientadora
Doutora em Comunicação (UFRJ), ECO/UFRJ

Prof^o Dr^o Igor Pinto Sacramento
Doutor em Comunicação (UFRJ), ECO/UFRJ

Prof^a Dr^a Mayka Juliana Castellano Reis
Doutora em Comunicação (UFRJ), ECO/UFRJ

**Rio de Janeiro
2019**

Aos meus pais, Denyse e Everaldo.

Agradecimentos

Ao Colégio Pedro II, à UFF, à Escola Universitária da UFRJ (em Cabo Frio) e à Escola de Comunicação da UFRJ, onde o pensamento crítico mais me foi estimulado.

Aos professores do Programa de Pós-graduação, que contribuíram com minha formação dentro desta Escola. E à prestatividade dos funcionários da Pós.

À minha orientadora, Prof^a Ieda Tucherman, por ter me acolhido depois de anos afastado do estudo acadêmico, e me ajudado tanto por seus questionamentos quanto por seus conselhos.

Aos amigos que conheci na UFRJ, especialmente Lisbeth Araya e aos amigos mais antigos, como Michele Intrator e Robson Wellington, cujas conversas me estimularam a chegar até aqui.

A meus pais por todo o esforço que fizeram para oferecer o melhor que podiam na formação dos três filhos, Evellyn, Diego e eu.

RESUMO

Essa dissertação analisa como a subjetividade contemporânea tem sido remodelada na interconexão da cultura somática, do consumo e dos afetos. O meu lugar de observação desse objeto será o contexto político e econômico do momento, com destaque para os conceitos de neoliberalismo e biocapital, e algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea, privilegiando os elementos da cultura terapêutica e autoajuda. Com base na aceitação popular revertida em sucesso de vendas do escritor Augusto Cury, o objetivo é identificar para onde a autoajuda está direcionando seu discurso. Para compor o trajeto dessa análise, os objetivos anteriores são: refletir sobre o fenômeno da autoajuda, especialmente suas formas de subjetivação na colonização dos afetos, como parte de um movimento maior na sociedade contemporânea; questionar como esse gênero tem ampliado sua penetração em uma proporção e velocidade sem precedentes na literatura (além de sua recente entrada em outras áreas da indústria cultural); e analisar os interesses envolvidos em quem produz esses livros. Esse estudo se empenha em buscar e identificar o que não é mostrado por Cury, desmistificando a percepção de que ele pode aconselhar seu público de forma desinteressada ou altruísta. Para isso, é abordada sua arbitrariedade, como quando demarca sem uma metodologia aparente o desejável e o deplorável, as emoções úteis e inúteis; sua falta de comprovações e demonstração efetiva em determinados assuntos, sua narrativa de coerção, em que estimula o medo para oferecer seus serviços como proteção ou salvação; suas diversas contradições, especialmente a que diz não fazer autoajuda quando segue muitos dos padrões e se utiliza de referências compartilhadas pelo gênero; seu estímulo à manipulação do outro como estratégias de conquista e convencimento; seu alinhamento à exploração no trabalho, incentivando aos profissionais trabalharem mais do que o acordado; é permissivo com práticas de assédio, como da vez que ele considera um bom profissional quem se utiliza do poder do medo, lembrando no final que essa estratégia é apenas menos eficiente do que usar elogios. Cury estimula o conformismo diante das dificuldades de articulação social para a luta política, baseado em sua descrença no debate político e social, fazendo parecer que as dificuldades de mudança social são impedimentos irreversíveis.

SUMÁRIO

Introdução

Capítulo 1: Cury

- 1.1) Apresentação
- 1.2) Outras atuações
- 1.3) Legitimação do discurso
- 1.4) Criação de sentido

Capítulo 2: O discurso de subjetivação (e sujeição) de Cury

- 2.1) Conformismo, individualismo e visão de mercado
- 2.2) A nova moral de Cury: uma ética empreendedora, eficaz e aut centrada
- 2.3) Subjetividade e afetos como recursos energéticos
- 2.4) Gerenciamento da emoção e do pensamento
- 2.5) Psicologia aplicada ou psicologia positiva

Capítulo 3: Condições de possibilidade do surgimento das narrativas de autoajuda

- 3.1) Perda da experiência coletiva (ou Desnarrativização geral do mundo)
- 3.2) Mercantilização da Vida
- 3.3) Instrumentalização da subjetividade
- 3.4) Surto de aconselhamento

Considerações finais

Referências bibliográficas

Anexos

Introdução

No meu quarto período de graduação (primeiro semestre de 2005), frequentei uma disciplina chamada Psicologia e Comunicação que me despertou o interesse pelo estudo da subjetividade e pela análise das técnicas e estratégias da mídia. Principalmente porque ficou claro para mim o poder da mídia de massa na construção de um imaginário coletivo em um país que reconhecidamente sofre pela precariedade da educação.

No trabalho de conclusão do curso, aproveitei para pesquisar as influências do merchandising da TV Globo no consumo e no comportamento do seu público, me valendo da experiência de quem já atuava como estagiário da divisão de propaganda da Central Globo de Comunicação há mais de um ano, e contando com o apoio do diretor José Land para obter grande parte do material e dos relatos analisados.

Concluí meu curso em 14 de agosto de 2007, e, seis dias depois, iniciava uma nova pesquisa. O recorte dessa vez era eu mesmo e tinha um direcionamento majoritariamente corporativo, já que passei a fazer parte do programa Geração Trainee da Oi no qual um dos primeiros treinamentos teve como foco o autoconhecimento. Ainda na Oi, e depois de ser recrutado por uma equipe de psicólogas (que me sugeriram a leitura do livro *Inteligência Emocional* de Daniel Goleman), participei do Programa de Desenvolvimento Acelerado no qual tive outros treinamentos de autoconhecimento e fui treinado para ministrar cursos com o mesmo tema para estagiários da empresa (usando como base o livro *Descubra Seus Pontos Fortes* de Marcus Buckingham e Donald Clifton). Por fim, a empresa custeou para cada membro do programa um serviço de *coaching* personalizado, no qual fui orientado a ler o livro *Em Busca de Sentido* de Viktor Frankl.

Depois de todos esses treinamentos de autoconhecimento, *coaching* e leituras de livros de autoajuda (escritos por um Ph.D. em psicologia ou psiquiatria), realmente refleti mais sobre minhas escolhas e busquei ser mais coerente com meus valores e desejos. Por conta disso, resolvi parar minha trajetória corporativa naquele momento

e me dedicar a novas atividades que me despertavam interesse, entre elas a docência, e à retomada do estudo acadêmico.

Apesar de não ter buscado espontaneamente o primeiro contato com a literatura de autoajuda, tenho que assumir que as reflexões estimuladas por ela fizeram parte de uma importante mudança na minha vida profissional, na minha contribuição social e na retomada da pesquisa acadêmica sobre a subjetividade e a comunicação.

Dessa forma, esse estudo surge de uma motivação dupla envolvendo o gênero de autoajuda e a produção acadêmica. O sucesso da autoajuda me chama a atenção pela busca popular de orientação, me soa como um pedido de ajuda ecoando em cada livro comprado, cada vídeo assistido e cada postagem compartilhada. Pela expansão do movimento de autoajuda suponho que a necessidade de apoio é cada vez maior e que, por isso, os produtos desse mercado devam ser questionados em relação à origem de sua demanda e ao direcionamento apontado por eles.

Acredito que o característico senso crítico da pesquisa acadêmica possa ajudar na análise da autoajuda, já que a reflexão e o questionamento são essenciais para identificar os movimentos de força envolvidos nas dinâmicas de poder da sociedade.

Esse estudo tem como objetivo principal analisar como a subjetividade contemporânea tem sido remodelada na interconexão da cultura somática, do consumo e dos afetos. O meu lugar de observação desse objeto será o contexto político e econômico do momento, com destaque para os conceitos de neoliberalismo e biocapital, e algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea, privilegiando os elementos da cultura terapêutica e autoajuda.

Com base na aceitação popular revertida em sucesso de vendas do escritor Augusto Cury, nosso objetivo será identificar para onde a autoajuda está direcionando seu discurso. Para compor o trajeto dessa análise, os objetivos anteriores são: refletir sobre o fenômeno da autoajuda, especialmente suas formas de subjetivação na colonização dos afetos, como parte de um movimento maior na sociedade contemporânea; questionar como esse gênero tem ampliado sua penetração em uma proporção e velocidade sem precedentes na literatura (além de sua recente entrada em

outras áreas da indústria cultural); e analisar os interesses envolvidos em quem produz esses livros.

Se o conceito foucaultiano de *poder* pode ser visto como a luta entre forças diversas que se relacionam entre si em busca de controle, é no discurso que tal luta se articula ao saber. Portanto, é razoável supor que os discursos (assim como as táticas das forças em luta) atuam de forma instável, de acordo com as condições de quem, onde e quando se fala. Ainda nessa perspectiva, pode-se dizer que, nas trincheiras do discurso, há procedimentos que buscam controlar sua produção e distribuição. E, assim, o discurso pode ser tanto instrumento quanto efeito de poder, para aumentar sua força ou diminuí-la.

Baseado nos conceitos acima, utilizarei um modelo híbrido entre genealogia (para mapear de onde veio a autoajuda) e arqueologia (para descrever o que a autoajuda é hoje) na análise do discurso proposta por Foucault (1988, 2008 e 2014) para a metodologia desse trabalho.

Com a análise do discurso, buscarei seus jogos de controle e exclusão, assim como seus efeitos, entendendo o discurso como um recorte (e excludente como todo recorte). Por ser uma prática, o discurso deve ser estudado de acordo com as condições reais a que está envolvido, e não pela busca de “outro sentido” metafórico. Para isso, é preciso buscar seu contexto específico por um descentramento, articulando diferentes disciplinas, que permitirá revelar novas leituras sobre o discurso e as regras a que ele obedece.

A arqueologia será usada como uma linha de abordagem para determinar e esclarecer a autoajuda como um domínio no campo do saber, pela análise de seus discursos e pela descrição de seus limites, tipos e articulações.

Com a genealogia, mapearei a contínua transformação da produção histórico-cultural dos sentidos e valores; opondo-me à essência originária da metafísica e à evolução linear (atrelada a uma finalidade) da teleologia.

As principais perguntas a serem respondidas são: Quais são as relações de poder que estão em jogo? E como seus discursos lhe servem de suporte? Quais foram as condições de possibilidade de surgimento do movimento de autoajuda e dos

produtos que ele gerou? Quais foram as condições de possibilidade de crescimento dele? Quais forças se apropriam do movimento de autoajuda?

Mesmo já tendo escolhido a autoajuda como recorte principal, a escolha do objeto de estudo foi difícil e levou cerca de um ano para ser definida. Influenciado pela produção da minha orientadora, o pré-projeto que enviei à seleção de mestrado tratava de relacionamentos amorosos. Depois de conversarmos, concordamos que o melhor caminho era eu buscar um objeto original e com uma delimitação bem definida. Lembrei-me que poucos meses antes havia me chamado atenção os cartazes do filme O Vendedor de Sonhos (baseado no livro de mesmo nome de Augusto Cury) que estavam espalhados por vários pontos de ônibus da cidade. No mesmo período, percebi com espanto que um dos poucos livros que meu pai havia lido nos últimos anos era justamente de Cury, logo depois encontrei outro exemplar do mesmo autor entre as coisas da minha mãe. E em uma busca rápida na internet me surpreendi sua relação com a política partidária, tanto quando escreveu o programa de governo da candidata Marina Silva assim como quanto no período que foi cogitado a ser candidato à presidência.

Este estudo está dividido em três capítulos, além da introdução e da conclusão. Resumidamente, trabalharei no primeiro capítulo o discurso autobiográfico de Cury mapeando tanto as referências que faz a si mesmo em seus livros e sites quanto as entrevistas concedidas a grandes meios de comunicação impressa desde que se passou a figurar entre os autores mais vendidos.

No segundo capítulo, a análise será feita em cima de seus discursos de subjetivação de Cury. Decidi começar pelos títulos que destacam os afetos e a lógica psi, geralmente em termos como mente, emoções, inteligência, sonhos, ansiedade e felicidade. Durante as pesquisas preliminares, identifiquei um padrão de discurso pragmático e interessado na busca por adequação a exigências produtivas e acompanhadas por palavras como excelência, superação, técnicas, desempenho, gestão e coaching.

Tendo esses dois interesses destacados (afetos e capacitação produtiva), mapeei quais dentre os 60 livros publicados pelo autor seriam os textos mais

relevantes para esse estudo. Por isso, embora traga exemplos de outros livros também, utilizei como base primordial para análise as seguintes obras:

- . Gestão da Emoção
- . O código da inteligência e a excelência emocional
- . Mentres brilhantes, mentes treinadas
- . Dez leis para ser feliz
- . 12 semanas para mudar sua vida
- . A fascinante construção do eu
- . Nunca desista de seus sonhos
- . Superando o cárcere da emoção

Até chegar a esse recorte final, alguns temas se destacaram inicialmente como a constante utilização do termo “sonho” pelo autor, suas diferentes interpretações do sentido da vida e a própria construção de imagem que Cury trabalha como marketing cultural.

Decidi que todos os temas acima fariam parte da análise, embora nenhum deles receba mais destaque que o outro, já que todos se complementam numa análise que busca entender os padrões e as inconsistências desse discurso.

No terceiro capítulo, o estudo se direciona para a análise das condições de surgimento das narrativas de autoajuda, por isso, serão valorizados estudos sobre o contexto econômico, político e social, destacando quatro momentos: o surgimento da autoajuda na Europa, sua vinda para o Brasil, e o desenvolvimento de uma produção nacional do gênero. Para esse levantamento, serão fundamentais o pensamento de historiadores, sociólogos e filósofos que analisaram esse período.

No início dessa pesquisa, minha postura diante da autoajuda era de bastante abertura, eu tinha curiosidade de entender o funcionamento de seus processos e levantar os possíveis benefícios que pudessem se relacionar com o sucesso de suas

vendas. Inclusive, a escolha de Augusto Cury como recorte também se deu por ser considerada uma figura de respeito e aparentemente embasado na ciência e na filosofia. Busquei alguém cuja análise não seria tão óbvia (nem previsível) e poderia me levar para um estudo mais complexo. Realmente, ele se mostrou perspicaz e exigiu de mim uma extensa busca bibliográfica para decifrar suas metáforas espalhadas por diferentes livros. Quando comecei a entender suas mensagens camufladas em termos lúdicos e identifiquei sua estratégia de construir uma imagem acima de qualquer suspeita, me coloquei mais crítico, como poderá ser visto ao longo desse estudo, justamente para desconstruir o senso comum sobre seu trabalho.

Para analisar o discurso biográfico de Cury, utilizo as contribuições de Pierre Bourdieu (2006) e François Dosse (2009) e, em relação à forma com que ele constrói sua imagem pública, a análise deve muito ao conceito de empreendedor de si de Michel Foucault (1997). Sobre o mercado de autoajuda, foram aproveitados o material produzido por Alves (2015) e especialmente Rudiguer (1996).

Nos momentos em que analisei os livros de Cury relacionando-os a teorias sobre a subjetividade contemporânea, foram de grande valia as produções de Illouz (2011), Bauman (2011), Castellano (2014), Han (2018), Miller (2012), Keane (2000), Sobre a relação da autoajuda com o capitalismo, muito do que foi desenvolvido se baseia nas publicações de Deleuze (2013), Pasquinelli, Lazzarato (2006) e a parceria deste com Negri (2011).

Com Freud (2016), pude trazer exemplos da lógica psi em sua origem, e de Crary (2012) aproveitei seu estudo das técnicas para racionalizar a sensação e administrar a percepção.

Na relação entre autoajuda e mídia brasileira, muito se deve aos pesquisadores da própria Escola de Comunicação da UFRJ: Ieda Tucherman (2012), Freire Filho (2010, 2011 e 2013) e Sacramento (2016).

A comparação entre Cury e Alain de Botton pode levantar alguns padrões na autoajuda contemporânea graças à pesquisa de Sanches (2017) sobre o filósofo suíço e seu empreendimento The School of Life.

Alguns conceitos importantes nessa pesquisa foram: o indivíduo somático de Nikolas Rose (2013), o paradigma imunitário de Roberto Espósito (2010), o culto da performance de Ehrenberg (2010) e cultura terapêutica de Frank Furedi (2004).

Apesar de pouco citados, dois filósofos que serviram de base na pré-produção desse estudo foram Spinoza (2013), por sua concepção de afetos, e Nietzsche (1998, 2001, 2003 e 2006) com diversos conceitos tais como vontade de potência, e sua leitura de *amor fati* e de *tornar-se o que se é*.

Sobre o contexto histórico dos últimos séculos, grande parte das informações que enriquecem a análise vieram da minuciosa pesquisa de Hobsbawn (1995 e 2014).

CAPÍTULO 1:

CURY

“Não era um livro que eu queria publicar, era uma vida”

Augusto Cury, em *Nunca desista de seus sonhos*

1.1) APRESENTAÇÃO

Fenômeno editorial, força da natureza e Papa da autoajuda

Augusto Cury é um fenômeno editorial no Brasil e em sua primeira década de publicação se tornou o escritor mais vendido no país segundo grandes meios de comunicação que contabilizam os números desse mercado. Por todo esse poderio, a Folha de São Paulo (NEUMAN, 2009) o chamou de “papa da autoajuda”. Segundo a Veja (BERGAMASCO, 2016), até 2016 foram vendidos 28 milhões de exemplares,

em best-sellers como *Armadilhas da Mente*, *Você é Insubstituível* e *Ansiedade*, que se manteve por 141 semanas consecutivas na lista de mais vendidos de autoajuda e esoterismo publicada semanalmente pela revista.

A Nielsen (apud RODRIGUES, 2018), empresa especializada em pesquisa de mercado, contabiliza que, em 2017, o psiquiatra foi o autor brasileiro que mais vendeu livros no Brasil e superou o segundo colocado, Mário Sérgio Cortella, em 200%. Comparando o ano passado com 2016, quando ele vendeu 100% a mais que o segundo, Padre Marcelo Rossi, seu desempenho foi 19% maior em volume e 26% maior em valor.

Caminhando para completar sua segunda década como autor, a continuidade do sucesso o levou a ganhar fama internacional (atualmente seus livros são publicados em mais de 70 países) a ponto da norte-americana Forbes (GEROMEL, 2017), revista especializada em negócios e economia, trazer uma matéria apresentando Cury como o autor mais vendido nesse século no Brasil. Nessa reportagem, Pascoal Soto, um especialista da indústria editorial do país, afirma que ele já vendeu mais de 30 milhões de livros, e aposta que ultrapassará a marca de 50 milhões até o fim da década.

O otimismo do mercado diante de Cury se traduz também nas tiragens iniciais de seus livros. Enquanto o mercado nacional já considera um feito dar a largada com 3.000 volumes, o livro *O Homem Mais Inteligente da História* saiu com tiragem inicial de 100.000 exemplares.

Recebeu o prêmio de melhor ficção do ano de 2009 da Academia Chinesa de Literatura, pelo livro *O Vendedor de Sonhos*, que foi lançado como filme nos cinemas em 2016, sob a produção dos estúdios hollywoodianos Fox e Warner. O prêmio e o filme deram destaque ainda maior para o psiquiatra. Atualmente seus livros são publicados em mais de 70 países.

Cury também é idealizador do programa da Escola da Inteligência, e seu método é utilizado nos cursos da Menthes e da Gênios, empresas que compõem o Grupo Educacional Augusto Cury (GEAC), que atua com o objetivo de contribuir na melhoria da qualidade da educação e no desenvolvimento da inteligência socioemocional de crianças, adolescentes, adultos e empresas, além de promover cursos voltados para o desenvolvimento humano.

Dados biográficos

Augusto Jorge Cury, neto de libaneses, nasceu em Colina, cidade com menos de 20 mil habitantes no interior do estado de São Paulo, em 2 de outubro de 1958. Em sua casa eram seis irmãos contando com ele. Como estudante conta que era um aluno imaginativo e que era um dos que menos estudava na classe, mas, quando resolveu fazer o curso de medicina, passou a estudar 12 horas por dia.

Ele atribui a descoberta da vocação para escritor a uma depressão que teve a partir do 2.º ano da faculdade, quando tinha 21 anos. Conforme ele revela, não havia um problema específico, a questão era a dificuldade de lidar com sua hipersensibilidade. No terceiro ano da faculdade já começou a estudar a mente humana e a escrever sobre o funcionamento da emoção. Acabou seguindo pela psiquiatria e se formou pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto.

Aos 25 anos, casou-se com a médica especializada em dermatologia Suleima Cabrera Farhate Cury, com quem até esta data continua casado, e com ela teve três filhas.

Nos anos 1980, tinha uma rotina profissional respeitada em São Paulo, atendendo muitos pacientes, mas, por conta do trabalho, lhe sobrava pouco tempo pra escrever. Por isso, decidiu mudar para uma cidade mais pacata e desacelerar o ritmo de vida, destinando mais tempo para seus estudos e sua produção literária. Conta que procurou diversas editoras para apresentar seu material, mas todas o rejeitaram, até que uma delas aceitou e, em 1998, publicou o livro “Inteligência Multifocal”.

A passagem do século XX para o XXI veio acompanhada de um sentimento de apreensão. Primeiramente, houve uma onda apocalíptica que resgatou profecias de um médico e alquimista do período renascentista, Nostradamus, que previam o fim do mundo.

Depois, o temor esotérico foi substituído pela ameaça digital, com o *bug* do milênio. Assim, foi chamado o problema previsto para ocorrer em diversos sistemas informatizados na passagem do ano de 1999 para 2000. “Bug” é um termo internacionalmente usado por profissionais de informática para se referir a um erro de lógica na programação de um determinado *software*. O problema em questão era que programas antigos (ainda usados em empresas de grande porte) usavam datas com dois dígitos, assumindo o “19” na frente para formar o complemento. Assim, quando o calendário mudasse de 1999 para 2000, o computador entenderia que estava no ano de “19” + “00”, ou seja, 1900, interferindo em escala internacional na circulação de dinheiro e troca de informações. Por fim, houve poucas falhas decorrentes do *bug* do milênio, que se mostrou quase inofensivo apesar de ter gerado uma onda de pânico coletivo.

Essa virada de milênio também foi marcante na trajetória de Cury. Depois de anos dedicados à escrita e à publicação de *Inteligência Multifocal*, era natural que o autor tivesse uma grande expectativa diante de seu primeiro livro. Entretanto, o fracasso nas vendas (que não estava programado) se concretizou e acabou interferindo na lógica de abordagem dos seus livros que vieram em seguida.

Cury decidiu se popularizar e, além de adotar uma linguagem menos técnica e incorporar direcionamento mais explícitos, escolheu temas mais próximos à população, chegando a escrever cinco livros sobre Jesus Cristo e atingindo um sucesso estrondoso. “Eu sabia que o sucesso não se devia à minha grandeza como escritor, mas à grandeza do personagem que descrevia” já que “Ele (Jesus Cristo) é o personagem mais famoso da história” (CURY, 2015, pp.128-129).

As mudanças na produção de Cury reverberaram para sua vida, ou melhor, para sua crença. Cury conta que era ateu desde a adolescência e assim se manteve até os 40 anos, quando lançou seu primeiro livro (ZAIDAN, 2016). Mas, a partir do momento que passou a escrever livros com protagonistas religiosos (ainda nos primeiros anos do terceiro milênio), disse adeus ao ateísmo: “Eu fui um dos maiores ateus que pisou nessa Terra. Estudei a mente de Jesus pelos ângulos da psicologia, psiquiatria, sociologia, filosofia e, a partir daí, eu passei a crer em Deus” (RODRIGUES, 2018). Em outras entrevistas, explica que fenômenos físicos,

biológicos e psicológicos indicaram que Deus é o autor da existência (ZAIDAN, 2016) e que a construção dos pensamentos não obedece a linearidade lógica do mundo físico-químico (NEUMAN, 2009).

Com um leque ampliado de temas, que incluía também títulos motivacionais como *Você é insubstituível* e *Dez Leis pra ser feliz*, Cury atingiu o auge nas vendas, sendo considerado o autor mais lido da década (2001-2010) no Brasil, segundo a Folha de São Paulo, e recebendo a alcunha de guru de autoajuda. Nem Nostradamus poderia prever tanto sucesso dez anos depois de sua frustrante estreia.

Sabendo do poder cultural e comercial da imagem de Jesus, Cury se utilizou da figura de Cristo como matriz¹ para a criação de outros personagens e histórias, com a figura de ‘o vendedor de sonhos’ que iniciou como um capítulo, depois virou título de um livro, vindo a se tornar uma trilogia, até chegar aos cinemas: “O primeiro capítulo desse livro, ‘O Vendedor de sonhos’, é fruto das minhas pesquisas sobre a personalidade desse fascinante Mestre (Jesus Cristo)” (CURY, 2015, p.129).

Um ponto interessante é a associação que ele faz entre si mesmo e Jesus Cristo, para exemplificar, destaco uma triangulação que ele realiza entre si, seus personagens e Jesus.

Cury assume que se inspirou na imagem de Cristo para uma parte de sua criação de personagens; em outro momento, indicou semelhanças entre seus personagens e ele mesmo. Tendo assumido que cria oportunidades para aumentar sua influência e sabendo do poder da imagem de Cristo, Cury nos permite questionar o quanto sua imagem é reforçada com algumas características de Cristo.

Primeiramente, vale notar como ele cria uma releitura de Cristo a partir de conceitos atuais aos quais ele já se encontra associado, tais como: inteligência, sensibilidade, emoção, educação, formação de pensadores, como podem ser vistos nos títulos de alguns de seus livros e capítulos, tais como “Deus e a psiquiatria” em *Dez Leis para Ser Feliz* e “A surpresa: o Autor da Existência exalta em Gênesis a gestão da emoção” em *Gestão da Emoção*.

1 Samuel Smiles, no livro *Selfhelp*, considerado o precursor do gênero de autoajuda, já se utilizava de figuras conhecidas como exemplos a serem seguidos. Esse tema será abordado mais adiante.

Outro caso relevante para notarmos é que no livro *Nunca desista de seus sonhos*, Cury analisa a história de quatro figuras que ele considera exemplares para a sociedade: Martin Luther King, Abraham Lincoln, Jesus Cristo e ele próprio, Augusto Cury.

No campo da abrangência, também há casos em que ele se posiciona de uma forma similar à qual retrata Cristo, que, segundo ele mesmo, não tinha nenhuma bandeira que segregasse outros e por isso não tinha nenhuma barreira para atingir a humanidade. É nessa linha que Cury se define como um cristão sem fronteiras, com amigos pastores, padres, islamitas e budistas (ZAIDAN, 2016), e por isso não tem nem defende uma religião.

Cury e Suleima têm 3 filhas: 2 psicólogas (Camila e Carolina) e 1 engenheira (Cláudia), todas trabalham na empresa criada pelo próprio pai, a Escola da Inteligência. A Camila inclusive seguiu mais alguns passos na trilha do pai e lançou o livro *A Beleza está nos olhos de quem vê*, além de ministrar palestras e, aos 26 anos, já ser diretora pedagógica da empresa

Até o genro de Cury, Othon Gama (casado com Carolina), virou *coach* e, aos 27 anos, lançou o livro *O código da Mudança* com relatos de persistência e superação para emagrecer, chegando à sexta posição entre os livros mais vendidos da revista Veja.

Sua obra literária

Com uma média de quase 3 lançamentos por ano, Cury já publicou cerca de 60 livros, e, ao analisar os títulos, podemos identificar uma variedade de pelo menos 10 grupos temáticos. Apesar de um título destacar mais uma característica, geralmente sua abordagem costura todos esses temas: campo psi (por sua própria formação como psiquiatra); tratamento da subjetividade como doença; idealização de níveis de excelência intelectual e profissional; programas de treinamento e superação (coaching); motivação; diretrizes educacionais para pais e professores; abordagens

para públicos específicos, como jovens, mulheres e cristãos; e outros temas variados, com destaque para os sonhos.

CAMPO PSI

- *Inteligência Multifocal* - 16 de Abril de 1999
- *O Funcionamento da Mente* - 2016
- *A fascinante construção do Eu* - 2010

PATOLOGIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE

- *Ansiedade - Como Enfrentar o Mal do Século* - 2013
- *Ansiedade - Como Enfrentar o Mal do Século, para Filhos e Alunos* - 2015
- *Ansiedade 2 - Autocontrole - Como Controlar o Estresse e Manter o Equilíbrio* - 2016
- *A Pior Prisão do Mundo* - 2000
- *Armadilhas da mente* - Setembro 2013
- *Ciúmes - O medo da perda acelera a perda* - 2016
- *As Quatro Armadilhas da Mente e a Inteligência Multifocal* - 2015
- *Superando o Cárcere da Emoção* - 2006
- *O Médico da Humanidade e a Cura da Corrupção* - 2015

EXCELÊNCIA INTELLECTUAL E PROFISSIONAL

- *Bons Profissionais e Excelentes Profissionais* - 2015
- *Como Administrar Seu Intelecto* - 2015
- *Mentes Brilhantes, Mentes Treinadas* - 2010
- *Treine o Seu Cérebro Para Provas* - (Método, 2018)

- *O Código da Inteligência* - 2008
- *O Código da Inteligência: Guia De Estudo* - 2009
- *O Código da Inteligência e a Excelência Emocional* - 2011
- *Do Zero ao Gênio* - 2015

PROGRAMAS DE TREINAMENTO E SUPERAÇÃO (COACHING)

- *Dez Leis para Ser Feliz* - 2003
- *Doze Semanas para Mudar uma Vida* - 2007
- *Treinando a emoção para ser feliz* - 2007
- *Revolucione Sua Qualidade de Vida*
- *Seja Líder de Si Mesmo* - 2004
- *Proteja sua emoção - Aprenda a ter a mente livre e saudável* - 2014
- *Vá mais longe - Treine sua memória e sua inteligência* - 2014
- *Controle o estresse - Saiba como encontrar equilíbrio* - 2014
- *Antiestresse Para Todos - Controlando A Ansiedade, Colorindo A Vida* - 2015
- *Superação - Seja forte e resiliente e vença as dificuldades* - 2015
- *Autocontrole - Vença os fantasmas da emoção* - 2015
- *Lidere sua mente - Seja autor(a) da própria história* - 2015
- *As Regras de Ouro dos Casais Saudáveis* - 2014
- *Gestão da Emoção* - 2015

MOTIVACIONAL

1. *Você é Insubstituível* - 2002
2. *Nunca Desista dos Seus Sonhos* - 2004
3. *Em busca do sentido da vida* - 2013

SONHOS

- *Sonhos e disciplina - Transforme seus projetos em realidade* - 2014
- *O Vendedor de Sonhos: O Chamado* - 2008
- *O Vendedor de Sonhos e a Revolução dos Anônimos* - 2009
- *O Semeador de Ideias* - 2009

EDUCAÇÃO FAMILIAR

- *20 Regras de Ouro Para Educar Filhos e Alunos* - 2017
- *Socorro, Meu Filho Não Tem Limites!* - 2018
- *Pais e filhos - Sem diálogo, as famílias morrem* - 2015
- *Pais Inteligentes formam sucessores, não herdeiros* - 2014
- *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes* - 2003
- *Filhos Brilhantes, Alunos Fascinantes* - 2007

JUVENIL

1. *Petrus Logus - O Guardião do Tempo* - 2014
2. *Petrus Logus - Os Inimigos da Humanidade* - 2016
3. *Manual para jovens estressados, mas muito inteligentes!* - 2012
4. *Escola da Vida: Harry Potter no Mundo Real* - 2002

FEMININO

- *A Ditadura da Beleza e a Revolução das Mulheres* - 2005
- *Mulheres Inteligentes, Relações Saudáveis* - 2011

CRISTIANISMO

- *Os Segredos do Pai-Nosso* - 2007
- *A Sabedoria Nossa de Cada Dia: Os Segredos do Pai-Nosso 2* - 2007
- *Maria, a maior educadora da História* - 2007
- *O Mestre dos Mestres vol. 1* - 2006
- *O Mestre da Sensibilidade vol. 2*
- *O Mestre da Vida vol. 3*
- *O Mestre do Amor vol. 4*
- *O Mestre Inesquecível vol. 5*

OUTROS

- *De Gênio e Louco Todo Mundo Tem um Pouco* - 2009
- *O Colecionador de Lágrimas - Holocausto Nunca Mais* - 2012
- *O Homem Mais Inteligente da História* - 2016
- *O Homem Mais Feliz da História* - 2017
- *O Futuro da Humanidade* - 2005
- *Bíblia King James Atualizada Freemind* - 2014
- *Felicidade roubada* - 2014

Outra análise feita para identificarmos as especificidades de Cury foi o levantamento dos termos mais usados por ele com base no mapeamento das capas e resumos de seus livros. As palavras que mais aparecem são:

1º) VIDA (referente a: prazer de viver, sentido da vida, qualidade e sobrevivência)

2º) MENTE (referente a: desvendar, analisar, explorar, entender, funcionamento, desenvolver, treinar e gerenciar)

3º) EMOÇÃO (referente a: gestão, gerenciamento, administrar, análise, treino, coaching, educar, excelência, saúde, cárcere, escravo)

4º) INTELIGÊNCIA (referente a: Jesus Cristo, estudar, analisar, código, desenvolver, expandir, formar)

5º) HISTÓRIA (referente a: “O mais inteligente/feliz da história”, “sua própria história”)

6º) JESUS (referente a: mestre, exemplo, lições, mente, inteligência, felicidade, sabedoria, autocontrole, educar, perseverança, compaixão, emoções)

7º) SONHOS (referente a: metas, objetivos, disciplina, conquistar, autor, sucesso, felicidade, saúde, semear, vender)

8º) PSI (referente a: psicologia, psiquiatria, psique)

9º) FELICIDADE (referente a: ser feliz)

10º) MUNDO (referente a: mente, destruição, herança, semear, melhor, cruel, real)

11º) HUMANIDADE (referente a: sobrevivência, ser humano, inimigos, cura, corrupção, colapso dos recursos naturais)

12º) SOCIEDADE (referente a: estressante, hospício global, repressão, aceitação, sonhos, repensar, reestruturação, revolucionar)

13º) VOCÊ (referente a: capacidade, atitude, descoberta, entendimento, autoestima)

Para analisar as palavras mais usadas por Cury, também nos parece útil separá-las por grandes temas, chegando ao resultado a seguir.

. Tema Pensamento/Formar pensadores: formação, transformação (personalidade, pensamento, ensinar, mente, memória, valor, futuro, jovens), jovem (desenvolver, formar, preparar, manual, estimular, encantar), pais, mestre (Jesus),

educação, filhos (alunos, aprender), estudo, desenvolver, pai-nosso, professores, ensino, escola (da vida), criança.

. Tema Gerenciar /Ser capaz de: profissional, (excelência, desempenho, vida, experiência), gerenciar (emoção, estresse, ansiedade, pensamentos), gestão (da emoção), treinar (mente, emoção), fascinante (professores, alunos, programa pra desenvolver a inteligência), brilhantes (mentes, pais, filhos), construir, superação, desafio, sucesso, valor, conquista, excelência (profissional, emocional), melhorar, expandir, técnicas (pedagógicas, de coaching), ferramentas.

. Tema Liderança/Autonomia: liberdade, autocontrole, consciência, personalidade, promover, reconhecer (erros, valor), si mesmo (nós mesmos), autoestima, autor da própria história, atitude.

. Tema Saúde psíquica: mente saudável, ansiedade, perdas (frustrações e culpas), estresse, sofrimento, morte, loucura, dor, medo, frustrações, lágrima, doença, conflitos, cárcere (emoção, rotina), prisão.

. Tema Análise: analisar (a mente, a inteligência, o comportamento), descobrir, encontrar, funcionamento da mente, sabedoria, segredos, armadilhas da mente, códigos da inteligência, compreensão, esconder, especialista, mensagem, revelar, verdade.

1.2) OUTRAS ATUAÇÕES

O personagem Cury

A hipótese inicial desse texto é de que o sucesso de Augusto Cury como escritor está ligado ao sucesso do maior personagem criado por ele, o próprio Cury. Nas próximas páginas, será analisada a construção de sua figura pública através de entrevistas e textos autobiográficos do autor. Utilizaremos para essa análise a comparação entre diferentes textos e falas das quais surgem contradições e inconsistências no seu posicionamento.

A primeira dessas contradições será a oposição entre sua suposta despreensão e a figura estrategista que planeja e realiza suas ambições. No trecho “Não entendo por que tenho tantos leitores, não mereço esse sucesso” (CURY, 2006, p. 9-10), ele tenta passar uma pretensa inocência e incompreensão, indo de encontro com a postura que ele assumiu em outros momentos, nos quais assumiu sua consciência e intencionalidade de ampliar seu alcance, se utilizando de influência e criatividade. É no mínimo intrigante como um pensador (que se autodenomina cientista e criador de uma teoria complexa) não entenderia a razão de ter muitos leitores. Ele chega a dizer que, devido à complexidade e abrangência, sua teoria não cabe dentro de uma tese acadêmica de doutorado. Depois que publicou sua teoria inicial, disse que quase ninguém entendeu seus textos, de tão complexos que eram. Segundo ele, os assuntos relativos à construção dos pensamentos, à formação da consciência e à estruturação do ‘eu’ eram novos e tão complicados que até psiquiatras, psicólogos e educadores tinham dificuldade em compreendê-los.

Essa questão se mostra ainda mais curiosa quando comparamos essa fala com outras em que ele diz ter claros quais são seus públicos-alvo, inclusive citando as razões do interesse deles e as estratégias adotadas para alcançá-los. Para ilustrar, separei os seguintes trechos: “Este livro, devido ao prazer dos jovens pelas aventuras, foi escrito como uma ficção” (CURY, 2006, p. 8), e quando especifica seu público-alvo já em seu primeiro livro como “pesquisadores, profissionais e estudantes da Psicologia, da Psiquiatria, da Filosofia, da Educação e das demais áreas cuja ferramenta fundamental seja o trabalho intelectual” (CURY, 2016 - 8ª.ed; p. 23).

O segundo fato que chama atenção é sua utilização sistemática de ressalvas alegando humildade enquanto se autopromove, como quando diz: “Humildemente, sou um dos poucos pensadores brasileiros que têm a teoria analisada em mestrado e doutorado nos Estados Unidos e na Espanha.” (ZAIDAN, 2016) e “Falo com humildade, mas, creio, fiz importantes descobertas que provavelmente reciclarão alguns pilares da ciência durante o século XXI” (CURY, 2015, p.115). Essas falas mostram que ele tem consciência de que sua autorreferência possa parecer arrogante, por isso enfatiza a postura de que é humilde. Essa consciência aliada a um ajuste da fala também pode ser verificada em outros momentos, como no caso em que ele fala

de que ganha muito dinheiro, mas abre mão de uma parte para facilitar o acesso ao público. Claramente, ele tenta controlar sua imagem em temas antagônicos como ganância-desapego, premeditação-espontaneidade, e exibicionismo-humildade.

O terceiro elemento que destaco é a incongruência entre os valores que ele prega, como valorizar a família e os pequenos momentos, e certas falas em que ele se mostra diferente da teoria, como podemos ver na entrevista publicada pela revista Cláudia (PRATA, 2016) e na qual ele é questionado “Você é casado há 31 anos e tem três filhas. Qual é o segredo para a longevidade das relações amorosas?”. A resposta de Cury “A vida toda, apliquei no meu casamento as ferramentas do programa de gestão de emoção que estão meu livro mais recente – *Gestão da Emoção* (Benvirá)” mostra que, até para falar da própria família, ele arranja um jeito de promover seus livros, e revela que ele é premeditado (utilizando ferramentas de um programa de gestão) até nas relações que se imaginam as mais espontâneas como no relacionamento entre um casal.

O quarto item dessa lista de brechas na consistência da imagem que Cury constrói sobre si é a oscilação entre as figuras de uma pessoa comum e um indivíduo diferenciado, em que se mostra especial por diferentes motivos que realçam sua distinção e raridade. Se, por um lado, ele diz que é “apenas um psiquiatra e um simples pensador que procura ansiosamente entender o complexo teatro da mente humana” (CURY, 2006, p. 10), por outro, ele reforça em diversos momentos uma imagem de alguém especial, maior, e até único. Como são muitas as suas autopromoções, vou dispor alguns exemplos gradativamente de acordo com o crescimento de seu tom de diferenciação.

Falando sobre sua infância, conta que desde cedo era famoso por comportamentos que fugiam ao trivial e escrevia a matéria em seus cadernos de forma diferente da que era ensinada. Em uma visão mais ampla sobre sua formação, disse que, pouco a pouco, desenhou em sua personalidade três características que estão escasseando ultimamente: a arte da crítica, coragem para pensar e ousadia para ser diferente.

Como pensador, ele se coloca como um dos poucos vivos cuja teoria é objeto de estudo em cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado internacionais. Também

diz que seu programa Menthes é um dos primeiros do mundo de *coaching* para crianças, adolescentes e adultos, e que suas sessões de terapia individual estão entre as mais caras do mundo (CARVALHO, 2015).

Como escritor, ele já disse que era um dos autores de maior sucesso no Brasil, assim como já disse que foi um dos maiores ateus que pisou nessa Terra (RODRIGUES, 2018).

Por fim, em determinadas situações, ele já se coloca como o autor mais lido da década (2001-2010), e como detentor do grupo que mais contrata pedagogos e psicólogos atualmente no Brasil (CARVALHO, 2015). Quando fala de seu ateísmo, cogita ter sido um caso único no mundo: “eu fui um ateu científico. Não sei se houve outra pessoa nessa condição” (CURY, 2015, p.131).

Frente a esse conjunto de pontos, partiremos do questionamento das intenções de Cury na manipulação de sua imagem. Depois de termos identificado inconsistências, um dos objetivos agora é mapear padrões de discursos que ele tece. E, nesse sentido, podemos ter como hipótese que essa manipulação da fala faz parte de uma estratégia em que ele busca se qualificar como figura exemplar e, por isso, detentor de um poder que legitima o seu discurso. Para acompanhar essa ideia, tomo uma fala do próprio Cury: “Decidi (compartilhar minha história) com vocês para dar um exemplo mais próximo de alguém que chorou, atravessou crises, abandonou seus sonhos, resgatou-os e investiu neles” (CURY, 2015, p.112). Antes disso, porém, vamos aprofundar duas inconsistências que não foram tratadas ainda por se tratarem de facetas tão marcantes de Cury que podem ser classificadas como parte de seu perfil profissional

O empresário

Certamente um dos pontos mais agudos de nossa análise, o modelo empresarial que se apresenta nas diversas atividades de Cury parece estar, de alguma forma, camuflado em sua fala. Na busca por um melhor entendimento dessa vertente

mais liberal e capitalista, analisaremos as inconsistências relativas tanto às suas estratégias de marketing e venda quanto aos lucros que ele obtém dos seus negócios.

A primeira inconsistência surge da antítese reclusão-exibicionismo. Em um raro momento, Cury assume o gosto por atrair atenção dos outros, contando um caso em que “ficou alegre por estar sendo observado” (CURY, 2015, p.107). Diante disso, vale analisarmos o trecho em que ele se diz recluso, e avesso a exposição de sua imagem, buscando uma identificação com os valores de espontaneidade, discrição, simplicidade, naturalidade e humildade: “Não tenho uma equipe de marketing, nem assessor de imprensa e moro longe dos grandes centros, Além disso, não tenho muito prazer de dar entrevistas, pois não sou celebridade e nunca serei” (CURY, 2006, p. 10).

Embora ele já tenha declarado anteriormente que não tinha uma equipe para cuidar do seu marketing, o que se viu nos anos seguintes foi diferente. Além de encontramos conteúdos na página oficial do autor (na rede social Instagram) assinados pela Equipe Augusto Cury, o caráter do texto é explicitamente promocional, promovendo-o como o brasileiro que mais vendeu livros no país na última década, e curiosamente retomando o ranking de autoajuda (gênero tão criticado por Cury e do qual ele tenta desvincular de sua imagem).

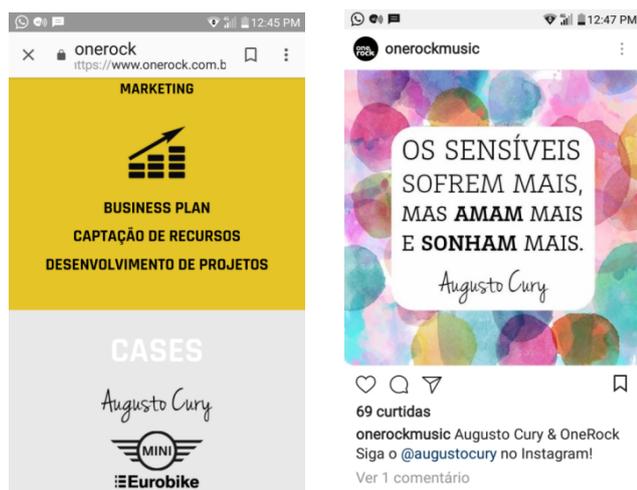
augustocury Nenhum brasileiro vendeu tantos livros no país na última década quanto o psiquiatra Augusto Cury. Foram impressionantes 28 milhões de exemplares, em best-sellers como *Armadilhas da Mente* e *Você é Insubstituível*. *Ansiedade* figura há 141 semanas consecutivas na lista de mais vendidos de autoajuda e esoterismo publicada semanalmente por VEJA.

Veja a entrevista na íntegra:
<http://bit.ly/augusto-cury-veja>

#EquipeAugustoCury

Ver todos os 120 comentários
10 DE OUTUBRO DE 2016 • VER TRADUÇÃO

E a publicidade de Cury ainda conta com uma empresa especializada no tema. A OneRock, agência de marketing de conteúdo, anunciou entre seus clientes o psiquiatra e escritor (ver imagens a seguir) .



Algumas peças de comunicação postadas pelo perfil oficial de Cury chegam até a levar a assinatura da OneRock. A seguir, alguns desses exemplos.



Além da produção de conteúdos, design gráfico e mídia social (como podemos identificar nas peças apresentadas anteriormente), a agência também realiza planejamento de negócios e dá consultoria de vendas e marketing. Assim, Cury conta com especialistas empenhados em atingir seu público-alvo, imprimindo relevância para sua imagem e seus produtos na competição por espaço na mídia.

Mantendo a linha de profissionalização dos seus conteúdos, os serviços criados por Cury ganham identidade visual com logomarcas (ver alguns exemplos a

seguir) e fotos de alta qualidade. Até um selo de qualidade foi criado especialmente para os produtos que seguem o método do psiquiatra.



O segundo e último ponto que analisaremos são as argumentações altruístas com as quais ele se justifica para compensar os ganhos financeiros que ele obtém de seus empreendimentos. Em uma entrevista para a revista *Época Negócios* (CARVALHO 2015), Cury fala de algumas de suas fontes de renda além da venda de livros e das palestras que dá. Um dos negócios que lhe rende bastante dinheiro são as sessões individuais de psicoterapia para executivos, em geral, das quais não revela o valor, mas assume ser um dos programas mais caros mundialmente. Talvez como forma de compensação, ele diz que ensina tais executivos a serem mais altruístas. Outra origem de verba, mas mais sensível para sua imagem de altruísta, é a venda de serviços no mercado da educação. Além dele investir na área, inclusive com a aquisição de uma faculdade, ele se remunera com a prestação de serviços para escolas, e a venda de franquias educacionais. Em 2015, o negócio Menthes (escola que oferece cursos de coaching e gestão da emoção e de qualidade de vida para crianças e adultos) já tinha onze unidades, seis em operação e cinco em implantação, nas cidades de São Paulo, Ribeirão Preto, Bragança Paulista, Goiânia, Natal, Recife, Rio de Janeiro, Brasília, São José do Rio Preto e Dourado. Sua comunicação corporativa ainda ressalta que o GEAC (Grupo Educacional Augusto Cury) chega a

ser um dos que mais contrata psicólogos na área de desenvolvimento humano na América Latina. Além disso, ele também é responsável pela Gênios, (metodologia inovadora para desenvolver o aprendizado da matemática, o raciocínio lógico com emoção) e pelo programa Escola da Inteligência, que, segundo seu site, está em mais de 500 escolas, envolvendo 5 mil professores e com 250 mil alunos, no ensino das “funções mais importantes da inteligência”, como gerenciar a emoção, filtrar estímulos estressantes, pensar antes de reagir, colocar-se no lugar dos outros, etc.

Apresentando-se como entusiasta da educação e da democratização do conhecimento, Cury parece precisar de uma justificativa para ganhar tanto dinheiro justamente com a educação, por isso ressalta que renunciou aos direitos autorais e patrimoniais da Escola da Inteligência para torná-lo mais acessível (ESCOLA DA INTELIGÊNCIA, 2015, p. 4). Em 2015, o valor da mensalidade de um estudante da Menthes era em média R\$ 300,00. Já em 2013, o jornal Estado de São Paulo anunciava a franquia da Augusto Cury Cursos com a taxa de franquia de R\$ 50 mil, investimento inicial de R\$ 186 mil a R\$ 335 mil e lucratividade entre 20% a 25%, com média de faturamento mensal bruto de R\$ 80 mil a R\$ 100 mil (CUDISCHEVITCH, 2013).

Retomaremos agora para outro ponto do lado empresário de Cury, especificamente o momento final da venda de seus produtos e serviços, na qual a argumentação promocional fica ainda mais explícita. Portanto, vale resgatarmos alguns dos serviços oferecidos pela agência de marketing que trabalha para Cury, a OneRock, como o planejamento (incluindo a rentabilização) de negócios e a consultoria de vendas e marketing. Tendo estes serviços em mente, fica mais fácil para identificarmos as diversas estratégias utilizadas por Cury.

As ofertas de Cury são apresentadas para o consumo de uma forma estimulante tanto visual quanto textual. Utilizando imagens de aparelhos tecnológicos de primeira linha como os das marcas Apple e Kindle, os anúncios ainda trazem selos de qualidade que buscam valorizar ainda mais o produto. Além disso, é comum o uso da cor vermelha (para chamar a atenção) e do dourado (sugerindo que se trata de algo valioso), assim como os sinais de adição (dando a ideia de que levará bônus ou itens adicionais pela compra).

COMO?

Tudo se dá em formato digital que você pode assistir pelo computador, tablet ou celular, desde que conectado à internet. São 12 módulos gravados em vídeo com duração aproximada de 10 minutos cada. O curso é ministrado pelo Dr. Augusto Cury. Não há certificado de conclusão, bem como interação direta com o autor. O curso fica disponível durante um ano para você assistir quantas vezes quiser.

DE R\$ 689,00
POR
R\$ 389,00

EM ATÉ 12 X DE R\$ 32,41 SEM JUROS

ADQUIRA AGORA O CURSO

*Valor por tempo limitado até 29 de março.

Quanto ao texto, pode-se identificar uma simplicidade e objetividade na escolha das palavras de forma que diminua ao máximo qualquer hesitação ou mudança de foco na hora da compra. Por isso, os benefícios aparecem em tópicos e o espaço é preenchido, em sua maior parte, por imagens. A quantia do custo também recebe tratamento especial ao ser apresentada como “investimento” e ter seu valor reduzido por descontos ou pela divisão prévia em parcelas.

INVESTIMENTO

12X DE R\$ 499,70

GARANTIA INCONDICIONAL DE 30 DIAS

Você está 100% seguro. Estamos dando 30 dias para você experimentar à vontade o programa de COACHING ONLINE PARA REABILITAÇÃO DE DEPENDENTES DE DROGAS E ALCOOL e suas próprias conclusões. Se você não ficar completamente satisfeito, basta pedir seu reembolso e cada centavo do seu investimento será devolvido.

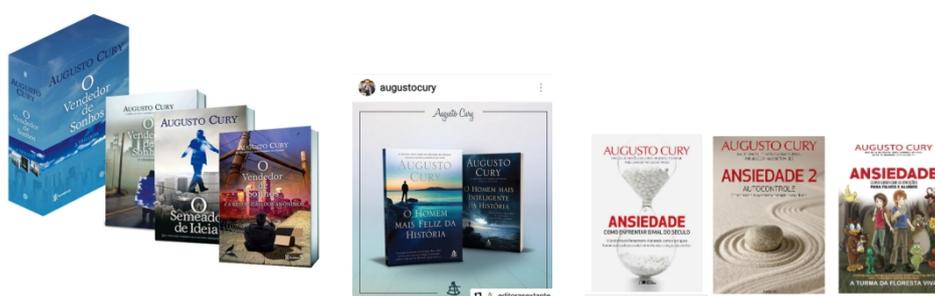
No programa **GERENCIANDO A ANSIEDADE**,
você será convidado à:

- Desenvolver qualidade de vida.
- Aprender a trabalhar em equipe e a gerir pessoas.
- Autocarregar-se e tornar-se líder de si mesmo.

- Ser o principal autor da sua história de vida.
- Construir relações pessoais e profissionais saudáveis.
- Gerenciar seus pensamentos e suas emoções.

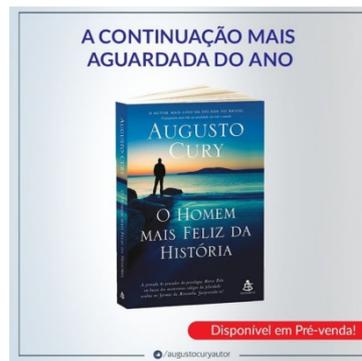
Outra estratégia de venda é a serialidade dos conteúdos, que, além de dar a percepção ao cliente de que ele está adquirindo mais benefícios, estimula a fidelização do consumo e a manutenção das vendas de Cury. Os exemplos mais significativos dessa estratégia são as continuações dos livros, como os 3 volumes de O Vendedor de Sonhos, os três livros sobre Ansiedade (Ansiedade, Ansiedade II e Ansiedade para

Filhos e Alunos), e os cinco volumes da Análise da Inteligência de Cristo. O exemplo mais recente é o aproveitamento do best-seller *O Homem mais inteligente da história* com a a continuidade *O Homem mais feliz da história*.



O estímulo a que o leitor siga comprando pode ser visto tanto no título da peça abaixo “A continuação mais aguardada do ano” quanto na tarja vermelha avisando que o produto já está disponível em pré-venda.

A lógica de novos produtos ancorados na continuidade de sucessos anteriores iniciou nos livros, mas também foi responsável pela expansão de Cury para a linguagem audiovisual. Além de lançar seu primeiro longa-metragem com *O Vendedor de Sonhos*, Cury já planeja adaptar outros best-sellers para o cinema. Antes desses novos lançamentos, já são realidade os seriados e documentários (dividido por episódios) que ele está produzindo e transmitindo pela internet, assim como os vídeos diários com dicas para seus seguidores (imagens abaixo com os respectivos exemplos de episódios do documentário *O melhor ano de sua história*, da websérie *Petrus Logus*, do seriado *O homem mais inteligente da história*, e das publicações diárias de vídeos com regras para educar jovens e crianças).



8.227 curtidas
augustocury Dia 30 de outubro será lançada a continuação do sucesso O Homem mais Inteligente da História, O Homem mais Feliz da História, que

A lógica de novos produtos ancorados na continuidade de sucessos anteriores iniciou nos livros, mas também foi responsável pela expansão de Cury para a linguagem audiovisual. Além de lançar seu primeiro longa-metragem com *O Vendedor de Sonhos*, Cury já planeja adaptar outros best-sellers para o cinema. Antes desses novos lançamentos, já são realidades os seriados e documentários (dividido por episódios) que ele está produzindo e transmitindo pela internet, assim como os vídeos diários com dicas para seus seguidores (imagens abaixo com os respectivos exemplos de episódios do documentário *O melhor ano de sua história*, da websérie *Petrus Logus*, do seriado *O homem mais inteligente da história*, e das publicações diárias de vídeos com regras para educar jovens e crianças).



Até o momento, temos analisado a venda de serviços e pacotes cujos custos variam na casa das dezenas ou centenas de reais. Nos próximos parágrafos, veremos como se coloca a estratégia para vender as franquias que exigem investimentos iniciais de aproximadamente duzentos mil reais.

Nesse patamar, a cor vermelha é substituída pela cor azul que traz uma sensação de tranquilidade e segurança, assim como a imagem usada que mostra um homem de terno e braços cruzados pode sugerir estabilidade e até passar confiança. No texto, os argumentos são mais elaborados para sanar as dúvidas e focam no diferencial do produto e sua rentabilidade.

Um dos motivos destacados para incentivar a venda da franquia é “o reconhecimento mundial do idealizador dos cursos”. Aqui fica explícito aquele selo de qualidade criado por Cury para endossar seus produtos com a aura alcançada na sua imagem. Essa análise corrobora a hipótese de que Cury constrói um personagem de si acima de qualquer suspeita, destacando suas qualidades enquanto camufla suas características questionáveis ou inconsistentes com a mensagem que quer passar.

No site da Menthes, o texto informa que Cury teve a ideia de criar a empresa devido ao interesse crescente no investimento das famílias na educação de seus membros. Para validar seu argumento, toma como referência uma pesquisa divulgada pelo jornal Estadão mostrando que as franquias menos atingidas pela recessão econômica são as do setor de Educação. Complementando essa lógica, o site prevê que o investimento das famílias em Educação chegará a R\$ 72 bilhões nos próximos meses.

The image is a screenshot of the Menthes website. At the top, there is a navigation bar with links: 'SOBRE A MENTHES', 'MERCADO DE EDUCAÇÃO', 'POR QUE SER FRANQUEADO?', the Menthes logo (with the tagline 'Cura e Educação Emocional Método Augusto Cury'), 'DEPOIMENTOS', 'PERGUNTAS FREQUENTES', and 'RECEBER UMA PROPOSTA'. The main heading is 'Mercado de Educação'. Below the heading, there is a paragraph: 'A ideia de criar a Menthes nasceu do interesse crescente das famílias em investir na educação de seus membros. Segundo o Data Popular, o investimento no setor de Educação e Treinamento mais que dobrou nos últimos dez anos. O segmento de Educação é um dos mais indicados pelos especialistas para se empreender. Ainda assim, você deve estar se perguntando: "Investir em uma franquia diante da instabilidade econômica que o país atravessa é seguro?". Uma pesquisa divulgada pelo jornal Estadão mostrou que as franquias menos atingidas pela recessão econômica são as do setor de Educação.' Below this text are four key statistics presented in large blue numbers with corresponding descriptions: 1. '16,6%' - Crescimento do faturamento de franquias no setor de Educação e Treinamento em 2013, com relação ao ano anterior. 2. 'R\$7,6 bi' - É o valor estimado ao qual chegou o faturamento das franquias no setor de Educação no ano de 2013. 3. 'R\$72 bi' - Valor que se espera que as famílias invistam em Educação nos próximos meses. 4. '4º Lugar' - Posição que o setor de Educação e Treinamento encontra-se na classificação de melhores desempenhos da ABF - Associação Brasileira de Franchising.

Statistic	Description
16,6%	Crescimento do faturamento de franquias no setor de Educação e Treinamento em 2013, com relação ao ano anterior.
R\$7,6 bi	É o valor estimado ao qual chegou o faturamento das franquias no setor de Educação no ano de 2013.
R\$72 bi	Valor que se espera que as famílias invistam em Educação nos próximos meses.
4º Lugar	Posição que o setor de Educação e Treinamento encontra-se na classificação de melhores desempenhos da ABF - Associação Brasileira de Franchising.

O fator mais destacado para convencer o investidor a se tornar um franqueado é o público-alvo diversificado e variedade de serviços e produtos. Essa lógica do marketing das empresas de Cury fica evidente aqui, e, na minha análise, está presente no planejamento de carreira como escritor, já que sua produtividade (o autor lança em média um livro a cada quatro meses) está aliada à sua variedade de temas (saúde, trabalho, educação e relacionamentos são os mais frequentes), e ultimamente de plataformas com a expansão para produção de conteúdos audiovisuais.

1. Público-alvo diversificado e variedade de serviços e produtos.

Os Franqueados contam com vários cursos que abrangem um público variado. Além disso, atuam com vários produtos e serviços que complementam o trabalho desenvolvido na Franquia.

2. O reconhecimento mundial do idealizador dos cursos.

Dr. Augusto Cury é considerado o autor mais lido da década no país e suas obras são publicadas e premiadas em mais de 70 países. É um dos poucos pensadores vivos que possui teoria na área de psicologia e educação, reconhecida por universidades. Recebeu o prêmio de melhor livro de ficção de 2009, pela Academia Chinesa de Literatura.

Em busca de mais receita, além de estar constantemente trabalhando sua imagem na mídia, Cury compra espaço publicitário para anunciar a venda de seus produtos como podemos na imagem a seguir. Nesse exemplo, a simples busca do nome do autor no site Google traz como resultado anúncios de serviços variados como curso para controlar a ansiedade, contratação para palestras, venda de livros e curso online de Educação.



Para encerrar esse ponto, vale termos em mente uma das declarações de Cury sobre ganhos financeiros: “Ganhar dinheiro vicia. Não que seja ruim, o dinheiro é importante. Mas não garante a felicidade” (CARVALHO 2015).

O estrategista e sua expansão por novas linguagens e novos canais de comunicação

O sucesso de vendas de Cury pode ser explicado resumidamente em suas próprias palavras devido ao fato dele ter desenvolvido funções da inteligência, em sua trajetória de pesquisa, que o faziam influenciar o ambiente e criar oportunidades (CURY, 2015, p.111).

Para entendermos como esse poder de influência se dá pelo uso consciente da inteligência, vale destrincharmos os processos que ele realiza nas diferentes etapas de criação e divulgação.

O primeiro fator de sucesso é conhecer o público e seus interesses e nesse quesito ele conta com uma larga experiência já que mapeou os anseios e desejos de pacientes em mais de 20 mil atendimentos psicoterapêuticos e psiquiátricos (CURY, 2013 – 1.ed.; p. 8). Ele explica que, tratando de pessoas dos mais variados transtornos psíquicos como depressão, síndrome do pânico, transtornos sexuais e alimentares,

produziu conhecimento com base no mapa de históricos dos pacientes². Antes de publicar pela primeira vez, ele considera que foram mais de 20 anos dessa análise sobre os pacientes, o que lhe rendeu um vasto material (mais de 4.000 páginas) com informações sobre diferentes perfis e públicos (NEUMAN, 2009). Utilizando-se de todo o extenso mapeamento, o resultado comprovado pelo próprio autor é de que as pessoas se veem enquanto se leem, atingindo assim uma maior empatia do público leitor com seus livros, garantindo a atração e a fidelização de seus clientes (NEUMAN, 2009).

Indagado sobre o sucesso com o público feminino, Cury sugere que é lido pelas mulheres porque elas se veem em seus livros, até porque ele se utiliza de uma abordagem complacente em seus textos e falas ao dizer que elas foram injustiçadas e que esse é o momento delas assumirem o comando (ZAIDAN, 2016).

A forma planejada com que ele se expressa é o segundo fator que analisaremos como estratégia consciente visando seu sucesso. Na produção de seus textos, ele se considera um grande obsessivo, lapidando as ideias e as palavras, e reescrevendo-os frequentemente mais de dez vezes (MAIA 2009). A minúcia e o detalhismo é tanto que ele conta ter relido 500 vezes um de seus livros³ (ZAIDAN, 2016), o que torna claro sua postura meticulosa, pensando bem na escolha de quais palavras utiliza.

O terceiro ponto é a escolha consciente de temas midiáticos e polêmicos para abordar em seus livros visando uma popularização. O exemplo mais característico foi sua decisão de desenvolver vários livros sobre a figura de Jesus Cristo.

O quarto ponto é a utilização dos meios de comunicação de massa para divulgar-se e, assim, conseguir status e ascensão social. Ele conta que começou a dar palestras e entrevistas na mídia sobre os conflitos psíquicos, e, em menos de dois anos, estava nos principais canais de TV do país e se tornara consultor científico de um dos principais jornais da América Latina, conseguindo assim o espaço de

2 Há muitos profissionais *psi* que são totalmente críticos à lógica prescritiva da autoajuda.

3 Com cerca de 60 títulos já escritos, se ele lesse mantiver a média de leitura em 500 vezes para cada um deles não daria tempo para ler mais nada além de si mesmo.

exposição que muitos políticos buscam, tornando-se um profissional reconhecido e admirado (CURY, 2015, p.111).

Depois de utilizar os maiores jornais, revistas e canais televisivos como trampolim para tornar-se reconhecido na mídia brasileira, ele passou a investir em suas próprias páginas e perfis nas redes sociais como Facebook, Instagram e Youtube, além do seu canal de vídeos online chamado Augusto Cury TV.



As redes sociais têm se consolidado como novas plataformas de interação e relacionamento para os mais variados fins, e, por permitirem acesso de diferentes aparelhos, facilitam sua utilização de qualquer lugar e em qualquer horário. E ao seguir uma página ou perfil, o usuário “assina” automaticamente o recebimento dos seus conteúdos publicados. Por isso, Cury incentiva em suas postagens que as pessoas sigam seu perfil, e para quem já segue uma das plataformas, ele incentiva que a pessoa também siga outras. Uma das formas de fazer isso é a distribuição de conteúdos exclusivos para determinada página ou site. Assim, ele faz uma divulgação de redirecionamento, estimulando ao indivíduo buscar o conteúdo apresentado em outro lugar, e, por fim, estabelecendo uma cadeia de retroalimentação entre as plataformas (pois divulga mutuamente um perfil no outro). A busca dessa estratégia é intensificar o aumento da interação e da fidelização dos indivíduos que o seguem com sua produção de conteúdo.



Outro diferencial dessas plataformas é a disponibilização de recursos para que qualquer um possa produzir e compartilhar conteúdo online. Cury tem se utilizado dos mais variados recursos, tais como *lives* (transmissões de vídeo em tempo real) no Facebook, *stories* (vídeos programados para ficarem disponíveis por um período específico de tempo).



Além desses recursos, as páginas de Cury também se apropriaram das novas linguagens como os ícones de *emoji* e as *hashtags*, que são links de busca, iniciados com o símbolo #, para organizar conteúdos sob um mesmo nome (exemplos nas imagens a seguir).



O quinto ponto é sua estratégia ambiciosa de abrangência e expansão, como no livro em que ele diz ter escrito para “jovens de nove a noventa anos” (CURY, 2006, p. 8), e em outro no qual, mesmo tendo sido escrito com ares técnicos e acadêmicos, ele gostaria que tal livro atingisse o leitor leigo, “que não se considera

um intelectual” (CURY, 2016 – 8ª.ed; p. 23). Mas, sua maior ambição agora é atingir outros países por meio do cinema, o que fica evidente quando ele cita as negociações para filmar seu livro *Petrus Logus* e assume que sua expectativa é de “que se torne uma saga mundial” (CAPLAN, 2016).

Esse desejo de expansão faz com que ele escolha uma abordagem generalista, como no caso que confessou que teve vontade de criar um apêndice para tratar do momento brasileiro em um de seus livros, mas não o fez porque tornaria o livro datado e local. Segundo ele, a ideia é que o texto seja aproveitado por muitas gerações e em muitos lugares do mundo (WEISS, 2016).

O sexto ponto pode ser definido como o planejamento de suas metas e o empenho em realizá-las. Sua meta inicial era publicar sua teoria e para isso ele abdicou do tempo que dedicava ao atendimento de pacientes para escrever, foi assim que se mudou para o interior nos anos 1980 em busca de mais tempo para a escrita, vindo a publicar seu primeiro livro anos depois.

Após a frustração de não ter vendido bem na estreia, ele colocou como nova meta a popularização de seus textos e para isso alterou os termos técnicos para uma linguagem mais simples, assim como passou a trabalhar com temas de maior interesse público, como a figura de Jesus Cristo, vindo a se declarar cristão depois de anos sendo ateu. Segundo Cury, “Poucas pessoas tinham acesso ao conteúdo. Poucos exemplares foram vendidos. Teria de tentar explicar minha teoria numa linguagem mais acessível” (CURY, 2015, p.126-127).

O sétimo e último ponto é muito amplo e, por isso, será abordado separadamente a seguir. Trata-se da legitimação sistemática de seu discurso em diversas frentes tais como sua conduta moral, sua autodefinição como cientista, sua experiência profissional e de vida.

1.3) LEGITIMIZAÇÃO DO DISCURSO

Em uma sociedade de mercado como a nossa, visto que a maioria dos recursos são limitados, a competitividade estimula uma postura mais aguerrida para alcançar nossos objetivos. Isso faz com que os indivíduos tenham que intensificar e expandir suas habilidades, além é claro de torná-las explícitas para que sejam reconhecidas externamente.

Se tomarmos o mercado da autoajuda, veremos que este movimentou centenas de milhões de dólares no mundo⁴ e, por conta disso, pressupõe-se que seja um ramo muito visado por editoras e escritores, assim como outras empresas que facilitaram a expansão do gênero para outras mídias, como o cinema e a TV, em busca desses valiosos consumidores. Por conta desse cenário de mercado, a disputa entre empresas e mercados se dá, em grande parte, pelas estratégias de comunicação e marketing, onde buscam valorizar seus produtos com chancelas de qualidade. Os autores são as estrelas desse show e se espera deles um marketing pessoal arrojado e efetivo, incluindo a divulgação de seus livros na mídia.

Como já identificamos o lado estrategista de Cury e sua obsessão em elaborar com esmero seus discursos, podemos analisar agora como ele construiu para si um destaque que o possibilitou a se tornar o maior vendedor de livros do país, mesmo se comparado com escritores de outros gêneros além da autoajuda.

A análise que faremos agora pode ser relacionada diretamente com a figura do *empreendedor de si mesmo*, trabalhada por Foucault (1997). Se esse personagem contemporâneo é transformado pelas formas de subjetivação para que ele mesmo seja seu próprio capital, a assim gerar sua fonte de renda, Cury se enquadra no perfil. Ele também valoriza seu biocapital por meio de escolhas estratégicas e condutas que contribuam para os elementos (inatos e adquiridos) que compõem esse capital.

Para iniciar esse tópico, retomo o anúncio que Cury faz do Hotel Coaching de Gestão da Emoção, no qual, em suas palavras, os internos não se sentem como doentes a serem tratados, mas seres humanos a serem reconstruídos. Percebemos aí um redirecionamento da doença para a reconstrução, e podemos verificar a semelhança dessa abordagem com a análise feita pela socióloga Eva Illouz de que, nas

4 Segundo Alves (2015), os números pesquisados mostram que nos EUA, onde ganharam força, os livros de autoajuda, venderam somente na década de 1990, cerca de 60 milhões de exemplares por ano, sendo que no ano de 2002 seus habitantes gastaram aproximadamente 563 milhões de dólares nesses livros. O movimento chegou com força ao Brasil, que é apontado como sendo o segundo público consumidor, tendo à frente apenas os Estados Unidos (Tucherman, 2012, p.322).

últimas décadas, toda forma de sofrimento, disfunção ou falha, passou a ser interpretada como um ponto a ser superado na trajetória pessoal, “tornando o indivíduo responsável pelo seu bem-estar psíquico e permitindo que mobilize os esquemas culturais e os valores do individualismo moral da mudança e do autoaprimoramento” (ILLOUZ, 2011).

Castellano (2014), em seu estudo sobre a literatura de autoajuda, aborda criticamente o imperativo de superação no qual nenhum contexto social é justificativa para a acomodação em uma posição de sujeitado. Ou seja, mesmo que tenhamos nascido com uma deficiência física, ou em uma situação de extrema pobreza e sem contar com o apoio de qualquer tipo de estrutura familiar que forneça um mínimo de segurança, cabe a nós exclusivamente, adotar a postura de sujeito e, assim, tomar as rédeas da própria vida.

Nessa linha, a tendência atual de autoajuda usa o sofrimento como meio de desenvolvimento pessoal e acesso à “verdade interior” (que apenas pôde ser alçada pela vivência de momentos marcados por abusos, violências, desgraças e angústias excessivas) (MILLER, 2012, p.95). A lógica de que a ação deva ser individual e da necessidade de se narrar o trauma é identificada pela popularização da literatura de autoajuda na cultura contemporânea. Assim, tem surgido uma linguagem terapêutica gradativamente mais assimilada e replicada, que vem, por exemplo, configurando a recuperação das experiências de sofrimento numa questão de hábito, treinamento ou mudança de estilo de vida comprometendo a noção de liberdade com o autocentramento no eu (KEANE, 2000).

O sociólogo Frank Furedi nomeia todo esse processo como cultura terapêutica, e identifica seus seguintes aspectos: a compreensão psicológica da existência humana (para potencializar o próprio “eu”, e para buscar pela verdade de si); a crença na necessidade de perícia psicológica para ajudar com o que costumava ser encarado como os desafios da vida; sensação de vulnerabilidade (risco); e a necessidade de cuidado e gerenciamento. Sendo assim, tudo pode vir a ser entendido e experimentado através da linguagem terapêutica. Por isso, é cada vez mais difundido o vocabulário psicológico para caracterizar e explicar uma gama diversificada de acontecimentos individuais e até sociais (FUREDI, 2004).

Nesse cenário de fragilidade e exigência de performance, a autoestima é valorizada na medida em que é a tecnologia de poder que permite a transmutação do indivíduo de sujeito do sofrimento para sujeito da superação (SACRAMENTO, 2016).

Os argumentos teóricos até aqui corroboram para a conclusão de que o cenário está favorável para o mercado que oferece serviços terapêuticos, seja em sessões presenciais, clínicas, escolas, cursos, livros ou salas de cinema. Cury oferece seus serviços em todos esses campos, e, além de todos os argumentos que já analisamos até agora, ele se utiliza da própria experiência de sofrimento para legitimar seu discurso. Essa estratégia se enquadra na lógica de veracidade pela confissão, em que constitui-se um self próprio que parece não ser infiel a si mesmo, mas instaurador da verdade pessoal de uma experiência pela sinceridade e pela intimidade (ROSE, 1990, p.240).

Um traço característico do discurso autobiográfico é sua vitimização em diferentes situações e épocas, ele chega a realçar sua vulnerabilidade e sofrimento quando diz que “Também atravesso meus desertos” (CURY, 2006, p. 10). Sobre sua própria infância, ele diz que teve uma infância difícil, com “enormes dificuldades financeiras”, em uma situação de escassez que chegava à miséria. Ao falar sobre seu ensino médio, revela que “era um desastre (...), um estranho no ninho. Não se adaptava ao sistema escolar. Usava roupas bizarras, seus cabelos viviam revoltos. Tinha obsessões. Uma delas é que não gostava da própria testa, achava-a comprida demais. Vivia tentando encobri-la com as mechas do cabelo” (CURY, 2015, p.93-95).

Partindo do pressuposto que seus leitores estão passando por um sofrimento generalizado, Cury carrega na emoção em cenários onde os sentimentos são realçados, como ao falar da pobreza de sua infância em sua “pequeníssima casa” e o choro acompanhado do sentimento de culpa pela morte de seu canário, e como quando tocava serenatas de forma tão desastrosa “que as moças nunca acendiam a luz do quarto”. Chega a falar da desconfiança que sofreu ao longo da vida: “Quando dizia que queria ser médico, muitos davam risadas. Nem seus amigos íntimos acreditavam nele. (...) Não apostavam nele nem por compaixão” (CURY, 2015, p.93-96).

De acordo com seu relato, mesmo quando se tornou adulto, a desconfiança e as dificuldades financeiras o acompanharam. Ele conta da época em que conheceu sua atual esposa:

Não tinha dinheiro nem para um suco. Numa lanchonete, fui tirando as notas do bolso e caiu um texto. Suleima quis saber do que se tratava. Respondi: “Olha, eu não sou muito normal. Estou escrevendo sobre o funcionamento da mente. Se você quiser apostar nessa relação, saiba que meu projeto é esse”. Ela achou que eu delirava e a febre logo passaria. (ZAIDAN, 2016)

Mesmo depois de casar, Cury conta que continuou passando por crises financeiras, e que na sua casa não entrava nenhum tipo de carne por não ter condição de comprá-los. Nesse trecho, ele destaca o lado da superação, dizendo que, apesar da escassez, sua família era feliz, pois aprenderam a extrair prazer das coisas simples (CURY, 2015, p.108).

Assim como as dificuldades financeiras, novas rejeições surgiram na história de Cury, especialmente no seu trajeto como teórico. Quando buscou universidades para continuar suas pesquisas e quando enviou seu texto para as editoras, ele conta ter lidado com muitas recusas. Até quando finalmente conseguiu publicar seu primeiro livro, a negativa foi sentida pelo fracasso das vendas.

E após ter se mostrado persistente diante de tanta desvalorização, e finalmente ter se tornado um dos autores mais vendidos do país, Cury ainda não se sente satisfeito. Ele acusa de ser diminuído pela imprensa por ser classificado como escritor de autoajuda, enquanto, na sua visão, ele deveria ser reconhecido como um cientista. Em uma entrevista de 2015, quando ele já era considerado o escritor mais lido da década no Brasil, ele diz que “O sucesso é mais difícil de ser trabalhado do que o fracasso” (CARVALHO 2015). Não tratarei disso especificamente agora, mas destaco essa fala para uma futura análise do conceito de felicidade como meta alcançável ou como um mito utópico, já que os desejos humanos estão em constante alternância, impossibilitando um estado de plenitude.

Retomando o tema do sofrimento que Cury relata, veremos agora seu histórico depressivo e como ele aborda a questão. A princípio, diz que a doença surgiu de

forma inesperada: não conhecia as armadilhas da emoção, até que nas férias do segundo para o terceiro ano experimentou o último estágio da dor humana. Teve uma crise depressiva (CURY, 2015, p.98). Também conta que, por tentar esconder a doença, ninguém percebeu sua crise, o que contribuiu para que se sentisse ainda mais desamparado, relatando que “Nada o animava. O jovem extrovertido e seguro fora derrotado pela pior derrota, aquela que se inicia de dentro para fora. Perdeu a guerra sem nunca enfrentar uma batalha. A guerra pelo prazer de viver” (CURY, 2015, p.99).

Para encerrar esse tópico, veremos três perspectivas adotadas por Cury para falar do processo de superação do quadro depressivo. Sua primeira abordagem é conectando a depressão à atitude empreendedora, revelando que, após ter percebido que estava conformado com a situação, resolveu mudá-la e “Empreendeu uma batalha dentro de si mesmo” (CURY, 2015, p.99).

A segunda conexão feita por Cury é entre a depressão e os benefícios que surgiram graças a ela. Segundo ele, “a depressão foi um instrumento maravilhoso para humanizá-lo e torná-lo pouco a pouco um cientista da psicologia”, deixando-o inclusive mais forte, humilde e compreensivo (CURY, 2015, p. 101).

A terceira perspectiva apresentada pelo escritor é de caráter pragmático e promove mais uma vez a si mesmo. Utilizando-se do fato de ter tido um caso de depressão, ele conta que desenvolveu uma técnica psicoterapêutica que funcionou para ele, e depois para seus pacientes, nomeando-a como a técnica da ‘mesa-redonda do eu’. Tal técnica, aliada à arte da dúvida e da crítica, teriam ajudado a ele conhecer a si mesmo e intervir na dinâmica de sua personalidade, fazendo-o garantir que são ferramentas que podem acelerar o tratamento de outras pessoas e por isso ele as divulga em seus livros (CURY, 2015, p.123-131).

Agora, que se considera curado, Cury diz que cuida de si sem a ajuda de nenhum terapeuta, e o tratamento é basicamente o contato com a natureza, como uma forma de presentear o cérebro, andando descalço na fazenda, cavalgando, observando o canto dos pássaros e a anatomia das nuvens (ZAIDAN, 2016).

Também são recorrentes as falas de Cury em que ele destaca sua conduta moral e sua atitude empreendedora, geralmente valorizando sua eficácia e seu

sucesso. Não surpreende que alguém, estrategista como ele, tenha se apropriado do empreendedorismo e do culto da performance como código de valores e condutas. Ambos discursos estão em voga e já povoam o imaginário popular, tendo migrado dos negócios para outros campos da vida social. O culto da performance começa a ser identificado nos anos 1980 com a ascensão do individualismo e a valorização da figura do empreendedor. Assim, os executivos e empresários em geral passaram a ser tomados como modelo ideal de conduta, ditando uma nova ética, na qual vencer e ser bem-sucedido estão ao lado do direito de construir a si mesmo por conta própria (EHRENBERG, 2010).

Alguns dos elementos mais utilizados por Cury para se descrever são de valores morais, muitos deles associados à postura do politicamente correto e até baseados em preceitos religiosos. Não pretendo retomar aqui a relação já analisada entre a construção da imagem de Cury em busca da influência e sua consciência sobre o poder cultural e comercial da figura de Jesus Cristo. Meu objetivo aqui é chamar a atenção para a escolha (que, já sabemos, é muito bem pensada e revisada) que Cury faz dos atributos com os quais quer ser identificado.

Com base nas características, das citações encontradas, me pareceu mais adequado agrupá-las em quatro partes: altruísmo, empenho, empreendedorismo e sucesso.

Na primeira parte, além de altruísta, podemos incluir outros adjetivos como generoso, filantropo, bondoso e humanitário. Ele chega a falar que seu sucesso como escritor não é suficientemente gratificante para compensar a insatisfação como psiquiatra e pesquisador da psicologia diante dos conflitos na sociedade (ESCOLA DA INTELIGÊNCIA, 2015, p. 5). Ele, que fala tanto da realização de sonhos em seus livros, revela que o seu próprio sonho é “que todos os leitores, jovens e adultos, procurem a sabedoria e aprendam a escrever os capítulos mais importantes da sua história nos momentos mais difíceis da vida” (CURY, 2006, p. 10). O detalhe que acho mais interessante nessa fala é que ele não sonha com a melhoria de vida da humanidade de forma geral, mas com apenas a dos leitores (de seus livros). Esse interesse pelo bem dos outros também pode ser encontrado quando fala que os cursos de suas empresas Menthes e Gênios são voltados para o desenvolvimento humano,

mas não fala que, como já vimos no caso da Menthes, também são fontes de renda para Cury, assim como a venda de seus livros. Essa relação entre a escolha do que revela e do que não revela é interessante quando percebemos o que ele mostra e o que ele esconde. Já vimos que ele falou que seu grupo educacional é o que “mais contrata pedagogos e psicólogos atualmente no Brasil”, embora não tenha revelado o quanto ele lucra em um negócio tão promissor, assim como não revelou quando foi questionado o valor cobrado nas sessões individuais de psicoterapia para executivos. Dessa forma, ele seleciona os dados que permitem construir a imagem de quem contribui com a sociedade, provendo educação, emprego, saúde mental, e camufla o lado capitalista do seu acúmulo de renda.

Na segunda parte, além de empenhado, podem ser adicionados os adjetivos produtivo, trabalhador e dedicado. Além dos casos já apresentados em que Cury relatou ter escrito mais de 4.000 páginas, dezenas de livros, e analisado pacientes por mais de 20 anos, ele conta que até mesmo quando cursava o último ano da faculdade ele dedicava quatro horas diárias à escrita. Também contou que para entrar na faculdade de medicina estudava mais de 12 horas por dia, mas o exemplo que parece engrandecer mais a sua produtividade é quando ele fala da conciliação de funções entre escritor e médico:

Minha produção científica intensificou-se, obrigando-me a reduzir meus atendimentos. Passei a escrever mais de vinte horas por semana, depois trinta. Certa vez sentei-me às nove da manhã e levantei-me da cadeira a uma da madrugada sem nenhuma interrupção (CURY, 2015, p.115).

Em 2015, ele já dizia que não tinha mais tempo de atender aos pacientes nem de aceitar os convites para conferências (CARVALHO 2015). Mas os objetivos mudam e as prioridades são reordenadas, por isso na entrevista publicada pelo jornal *Estado de São Paulo* em janeiro deste ano, ele disse: “Em 2018, vou fazer uma ou duas palestras por mês. Vou diminuir minhas atividades por causa de cinema e dos seriados” (RODRIGUES 2018).

Certamente, um dos motivos de ter atingido o status de escritor mais vendido é pela soma de todas suas publicações. Por causa da grande quantidade de material já

escrito, ele assume que tem reorganizado as ideias para conseguir publicar livros em média a cada seis meses. Por essa reorganização, podemos notar uma repetição das ideias ao longo de sua obra. É comum a impressão de já termos lido citações, capítulos e até títulos de livros quando temos contato com um novo lançamento. A repetição parece ter a função de manter as editoras e livrarias ativas reabastecendo as prateleiras, e tem como efeito o fortalecimento de suas ideias como se fossem mantras a serem repetidos por seus consumidores em livros, vídeos e palestras.

Cury também está tentando impor metas de produtividade no cinema, com o projeto de lançar um filme por ano.

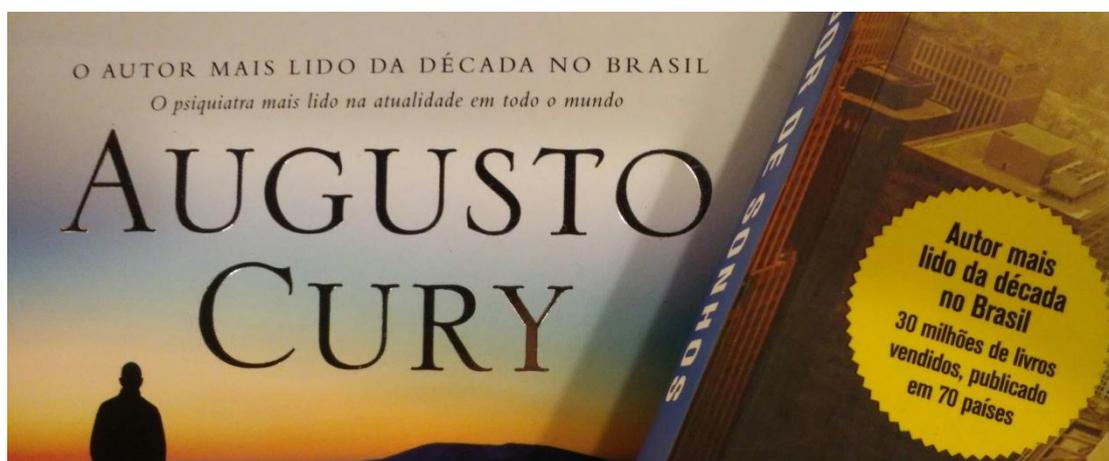
Na terceira parte a figura do empreendedor, aparece também como criador, idealizador e pioneiro. No seu currículo de empreendimentos aparecem as seguintes definições: fundador da Academia de Inteligência, idealizador da Escola Menthes, além de autor dos programas Escola da Inteligência, Freemind e da metodologia Gênios. A novidade nessa lista é a sua participação no primeiro Hotel Coaching de Gestão da Emoção para dependência de drogas e álcool, bem como para digital, de trabalho e estresse intenso. Cury utiliza seus próprios livros para fazer divulgação do hotel e demonstra mais uma vez sua sagacidade em manusear as palavras quando escreve: “no Hotel Coaching de Gestão da Emoção, os internos não se sentem como doentes a serem tratados, mas seres humanos a serem reconstruídos” (CURY, 2016 – 3^a.ed.).

A quarta parte traz, junto à figura do bem-sucedido, um semblante conquistador e vitorioso para a imagem de Cury, que enaltece os louros conquistados como pesquisador, teórico, escritor e empreendedor.

Como pesquisador, descobriu (ou criou?) a síndrome do circuito fechado da memória e a síndrome do pensamento acelerado (SPA). Como teórico, conseguiu que sua obra fosse adotada em diversas universidades e usada em teses de pós-graduação em múltiplas áreas como psicologia, sociologia, pedagogia e filosofia. Como escritor, atingiu o patamar de “autor mais lido da década, com número de vendas que ultrapassam 24 milhões de cópias, somente no Brasil. Também é best-seller em vários países (mais de 70) onde é publicado” (ESCOLA DA INTELIGÊNCIA, 2015, p. 4).

Como empreendedor, comemora o sucesso dos seus métodos no ramo da educação: “Fiquei feliz que centenas ou talvez milhares de escolas tenham adotado” (CURY, 2006, p. 8).

Seja para dar mais credibilidade ou ao menos uma noção de dimensão dos seus feitos, Cury se utiliza de muitos números que contabilizam todo esse sucesso, como, por exemplo: publicado em mais de 70 países, mais de 30 milhões de livros vendidos no Brasil, centenas de escolas brasileiras utilizando o programa Escola da Inteligência, com 200 mil alunos, mais de 20 mil atendimentos psicoterapêuticos e psiquiátricos, já escreveu mais de 4 mil páginas, mais de 30 anos de carreira e 47 obras publicadas. Muitos desses números aparecem na capa de seus livros (imagem a seguir), e podem ser vistos em qualquer prateleira de livraria e até bancas de jornal, mas quando ele é questionado sobre os números do valor que ganha responde que é confidencial (CARVALHO 2015).



Ainda é válido registrar os casos em que Cury destaca suas próprias habilidades para fortalecer sua figura. Basicamente, as características que ele mais expressa orgulho é seu senso crítico, sua experiência e sua inteligência.

No primeiro caso, ele afirma que sempre foi amante das perguntas, e nunca parou de mergulhar no oceano das indagações, como na seguinte fala: “Enquanto meus colegas de faculdade anotavam as informações que aprendiam, eu anotava as

perguntas, questionando meus professores. Fui um rebelde a todo conhecimento pronto” (CURY, 2016 – 1ª.ed; p.9).

No caso da experiência, já foi colocado anteriormente seus milhares de atendimentos como médico, assim como o tempo que ele passou anos pesquisando sua teoria, além da vivência como depressivo.

Sobre o terceiro ponto, Cury já enfatizou que desenvolveu funções da inteligência, em sua trajetória de pesquisa, que o faziam influenciar o ambiente e criar oportunidades, e chegou a dizer que, devido à complexidade e abrangência, sua teoria não cabe dentro de uma tese acadêmica de doutorado. Outra forma dele expressar sua grandeza intelectual é mostrando-se incompreendido por outros profissionais, como no caso:

Quase ninguém entendeu meus textos, de tão complexos que eram. Os assuntos relativos à construção dos pensamentos, à formação da consciência e à estruturação do “eu” eram novos e muito complicados. Até psiquiatras, psicólogos educadores tinham dificuldade em compreendê-los (CURY, 2015, p. 126).

Vale lembrar também que ele atribuiu a classificação de seus livros como autoajuda a um suposto analfabetismo funcional dos jornalistas, que não entenderiam a diferença entre autoajuda e aplicação psicológica.

Valendo-se do título de médico e de seu estudo no ramo, Cury buscou complementar sua imagem com a figura de cientista, o que iria lhe conferir um diferencial até entre os médicos que já escreviam livros de autoajuda e lhe traria mais legitimidade para defender suas colocações.

Quando fala de sua carreira ele incorpora a pesquisa e a produção de textos junto da sua atuação como médico, de uma forma fluida onde não é definido nenhum período de transição. Engloba todas as funções como experiências complementares e apresenta que tem mais de 30 anos de carreira como psiquiatra, pesquisador e escritor.

Na medicina, contabiliza seus mais de 20 mil atendimentos psicoterapêuticos e psiquiátricos, que reforçaram seu status de especialista em saúde mental. Em seus

estudos, destaca as pós-graduações na França, na Espanha e na PUC de São Paulo, nas áreas de Psicologia Social e Ciências da Educação.

Contudo, acima da medicina, ele parece empreender mais esforços em consolidar a imagem de cientista. Em suas páginas oficiais das redes sociais Youtube e Facebook, ele se apresenta como “psiquiatra, cientista e escritor”. Outro termo que ele utiliza para se autodefinir é *pesquisador*, declarando até que é o primeiro pesquisador a desenvolver um programa de gestão da emoção, e depois amplia seu tema de pesquisa para a área de qualidade de vida e desenvolvimento da inteligência, abordando a natureza, a construção e a dinâmica da emoção e dos pensamentos.

Para enfatizar sua metodologia científica, ele se refere a estatísticas e cita estudos de instituições como a Universidade de Harvard e a Organização Mundial da Saúde. É com base em estatísticas que ele diz auferir o grau de eficácia de seus métodos (CARVALHO 2015). Em seu site, Cury informa que fomenta um centro com autonomia científica, o CEPISE – Centro de Estudos e Pesquisas da Inteligência e da Saúde Emocional (imagem a seguir), cujos objetivos são: desenvolver atividades de ensino, pesquisa e extensão de serviços na comunidade, e atuar como colaborador em grupos de pesquisa nacionais e internacionais nas áreas das competências socioemocionais, tendo por referência a teoria da Inteligência Multifocal (TIM), do próprio Augusto Cury.



Todo esse investimento em se mostrar como cientista vai além de se diferenciar de outros autores que também são médicos. Graças ao status da ciência, Cury se coloca acima de todos os autores de autoajuda, gênero no qual ele se tornou

líder em vendas, mas que menospreza. Segundo ele a diferença entre a autoajuda e seus textos é que:

Toda autoajuda é fugaz, se evapora no rolo compressor da vida. Entretanto, pelo fato de divulgar ciência, levo as pessoas a descobrirem ferramentas que possibilitem a elas resgatar a liderança do 'eu', reeditar o inconsciente e deixar de ser vítimas dos seus transtornos (CURY, 2015, p.130).

Ele conta que foi um dilema ter que enveredar pelo lado da literatura popular, pois sabia que seus textos poderiam ser classificados como autoajuda, mas depois de ter sofrido o baque de um fracasso depois do lançamento de um livro que levou tantos anos elaborando, ele disse que não se importava com o risco (CURY, 2015, p.126-127). Entretanto, depois de alcançar o sucesso, fez questão de demonstrar sua insatisfação por diversas vezes, como nas entrevistas a seguir:

Uma das minhas tristezas é o preconceito no meu país, onde se produz pouca ciência. No começo, mostrava os escritos para colegas e eles não correspondiam. O analfabetismo funcional leva alguns jornalistas a rotular meus livros como de autoajuda. Não entendem a diferença entre autoajuda e aplicação psicológica. Isso me incomoda. A hipocrisia nessa área corre solta, o sucesso inquieta. Não escrevo para ter sucesso. Mas guardo mágoa por não ser julgado pelo conteúdo das ideias. (ZAIDAN, 2016)

Eu tenho procurado desenvolver não apenas livros para a ciência que são usados em tese de mestrado e doutorado, mas também ciência aplicada, que infelizmente é tachado de autoajuda, mas é psicologia aplicada. (NEUMAN 2009)

Em diferentes momentos, ele se diz um cientista teórico e um divulgador de informações científicas, alegando que seus textos são ferramentas utilizadas na psicologia, na sociologia ou nas escolas de medicina para que os leitores desenvolvam habilidades como a de se colocar no lugar do outro e a de pensar no doente e não na doença (RODRIGUES, 2016).

Ele define as ficções que escreve como romances psiquiátricos, psicológicos e filosóficos, que tratam de temas complexos como os transtornos psíquicos, o controle do psiquismo exercido pelo sistema social, a crise na formação de pensadores, os paradoxos de uma sociedade democraticamente livre, mas psicologicamente asfixiada, e a paranoia do consumo de produtos e não de ideias. E, por fim, argumenta que seus livros, embora tratem de alguns temas universais, são de filosofia e psicologia aplicada e não de autoajuda, pois não oferecem respostas prontas nem soluções mágicas ao leitor (MAIA 2009). Diferentemente do que argumenta, vale termos em mente o caráter pragmático de alguns dos seus títulos, tais como: *Dez Leis para ser Feliz*, *As regras de ouro dos casais saudáveis*, *Manual dos Jovens Estressados*, *Ansiedade – Como enfrentar o mal do século*, *Sonhos e disciplina – Transforme seus projetos em realidade*, e *Treinando a emoção para ser feliz*.

Para divulgar um de seus cursos ele faz questão de destacar que não se trata de autoajuda nem de fórmula mágica (contrapondo a imagem de uma cartola de mágico com o texto sobre doença e ferramentas, que poderia ser descrito como ciências da saúde ou biomédicas).

ATENÇÃO! O GERENCIANDO A ANSIEDADE:



NÃO É UMA FÓRMULA MÁGICA QUE VAI SOLUCIONAR SEUS PROBLEMAS

No programa, você terá acesso a conteúdos sobre a ansiedade e às ferramentas essenciais que te auxiliarão no gerenciamento de causas, sintomas e consequências desta doença mal do século. Porém, o sucesso estará inteiramente em suas mãos.



NÃO É UM CURSO DE MOTIVAÇÃO

Este programa não é um treinamento de motivação, no qual todo o seu progresso irá desaparecer com o tempo. O Gerenciando a Ansiedade vai te dar munição para que você erga alçerces e mantenha sempre em alta seus níveis de autoconhecimento e autogestão.



NÃO É UM CURSO DE AUTOAJUDA

Você não encontrará neste programa conteúdos óbvios e ineficazes de como mudar sua vida. O Gerenciando a Ansiedade foi desenvolvido baseado em mais de 30 anos de pesquisas científicas e aplicação prática com resultados comprovados.

Na sua conta do aplicativo Instagram, é comum encontrar postagens de Cury abraçado a pessoas famosas na mídia como o humorista Renato Aragão, a apresentadora de TV Ana Maria Braga, o ex-jogador da seleção brasileira de futebol

Kaká e o ator Lázaro Ramos. Essa associação a figuras de destaque também pode ser identificada na sua escrita quando relaciona suas ideias às de Freud, Jung, Piaget, Vigotsky, Platão, Sócrates, Agostinho e Paulo Freire e outros (CURY, 2006, p. 8).

Além de pessoas famosas, Cury também ressalta sua ligação com instituições, especialmente se junto delas vier um título ou uma premiação que o destaque ainda mais, como: doutor honoris causa pela UNIFIL (Centro Universitário Filadélfia, em Londrina; patrono da Universidade da Criança, em Portugal; membro de honra da Academia de Sobredotados do Instituto da Inteligência, da cidade do Porto, Portugal; e prêmio de melhor ficção da Academia Chinesa de Literatura.

Outra forma de se associar a referências de qualidade é, lembremos antes da lógica na qual o Brasil foi classificado por muito tempo como um país de terceiro mundo, criticar o país e ressaltar os laços que ele criou internacionalmente. Sobre nosso país, ele lembra que “nossa educação está entre as piores do mundo” (CURY, 2013 – 1 ed.; p. 9), e complementa dizendo que esta é uma nação que não valoriza seus cientistas. Ele alega ainda que o preconceito no Brasil dificulta a produção de teoria sobre o funcionamento da mente.

Em busca de um prestígio maior do que a forma com que ele enxerga o Brasil, Cury faz questão de citar os lugares internacionais com que tem ou teve algum tipo de experiência. Os mais representativos são os casos em que ele assina seus prefácios, sem definir a data exata, mas registrando que está presente em outro país, como nos casos do Canadá (no livro *Seja líder de si mesmo*) e dos EUA (no livro *A Sabedoria nossa de cada dia*). Vale notar que não foi encontrado até então caso semelhante em que ele assina que está no Brasil. Nessa mesma linha, chama a atenção o maior destaque que ele dá na promoção de palestras em que ele realiza no exterior em relação às que acontecem em território nacional. Em seu perfil no Instagram encontramos postagens destacando suas palestras na Europa e nos EUA (imagens a seguir), mas nenhuma destaca o local das que acontecem no Brasil.



Além disso, ele detalha onde já fez cursos (França, Espanha e EUA), onde participou de conferências (Sérvia, Romênia, Espanha, Israel e EUA), e onde suas teorias são usadas academicamente (Europa e EUA), e afirma ainda que “minhas técnicas são também largamente usadas em consultórios do mundo todo. Em Angola, por exemplo, soube de parceiros que sou mais lido que (Jean) Piaget” (WEISS, 2016).

Seu esforço pela internacionalização é tamanho que chegou a associar-se a um instituto em Portugal, e foi premiado na China pelo livro *O Vendedor de Sonhos*, na categoria de melhor ficção do ano de 2009.

Como já foi analisada a relação de desvalorização da imagem do Brasil feita por Cury para, em seguida, ele enaltecer seus feitos internacionais com mais pompa, creio que agora será mais fácil tratar de outros casos similares. Desta vez, as questões trazidas por Cury não são entre países, e sim entre doenças e curas, assim como entre formas de educar as crianças e jovens. O ponto em comum entre todos esses casos citados é a estratégia do autor de desvalorizar o cenário atual (estimulando o sentimento de angústia e medo) para ele sugerir, logo em seguida, a solução salvadora que guiará todos a uma melhoria em suas vidas.

A primeira questão é a patologização da subjetividade que Cury tem o costume de generalizar extensivamente, como nas falas: “a quase totalidade das pessoas tem um ‘eu’ malformado” (CURY, 2015. p. 102); “A sociedade moderna tornou-se um manicômio global. Estamos vivendo num grande hospital psiquiátrico (...) Vivemos a era do pesadelo, não dos sonhos” (RODRIGUES, 2016); “Não há oásis nas sociedades modernas” (ZAIDAN, 2016); “Nunca tivemos uma geração tão triste, tão depressiva” (PRATA 2016); e “A sociedade moderna, consumista e rápida, nos faz adoecer coletivamente. Nos tornamos reféns de nossa mente” (GUIMARÃES,

2014). No livro *Doze Semanas Pra Mudar uma Vida*, Cury enumera seis pontos que fundamentam sua preocupação em relação ao adoecimento coletivo da sociedade moderna: a tristeza e a angústia estão aumentando; a solidão está se expandindo; o diálogo está morrendo; as discriminações chegaram a patamares insuportáveis; os pensadores estão morrendo (massa de repetidores); e a qualidade de vida está deteriorando.

Diante da situação caótica apresentada de diversas formas, ele prontamente apresenta suas credenciais de especialista, realiza um diagnóstico e prescreve o remédio, como fica claro em suas declarações:

Tenho enxergado, como psiquiatra e pesquisador da psicologia, uma série de conflitos que as pessoas, em especial a juventude, têm sofrido nas sociedades modernas (ESCOLA DA INTELIGÊNCIA, 2015, p. 5).

Nossa espécie está doente, não apenas pelo estresse, pela competição predatória, pelo individualismo, pela síndrome SPA, mas também pela falta de amor, de fraternidade, de sabedoria (...) Espero com humildade que minha teoria coloque um pouco de combustível na unidade de nossa espécie (CURY, 2015, p.133).

Novamente, Cury analisa o Brasil para destacar seus problemas. Após dizer que parece impossível erradicar a corrupção na política atual, ele diz que, pior que nas finanças, o maior estrago do Brasil foi no inconsciente coletivo dos brasileiros. Segundo o escritor, essa geração de jovens que está crescendo sob essa corrupção toda é uma geração sem ânimo, cumplicidade ou desejo de transformar a sociedade, e complementa a descrição dizendo que “É apática, pessimista e depressiva. Isso é muito grave e pode comprometer o Brasil a médio e longo prazo” (RODRIGUES, 2018).

Embora ele tenha retomado com as críticas ao próprio país, nesse tema da patologização e da educação, ele passa a estender sua reprovação ao nível mundial,

pois trata-se de uma questão geracional e não territorial a seu ver, como resume a seguir:

Estamos assistindo ao assassinato coletivo da infância das crianças e da juventude dos adolescentes no mundo todo. Nós alteramos o ritmo de construção dos pensamentos por meio do excesso de estímulos, sejam presentes a todo momento, seja acesso ilimitado a *smartphones*, redes sociais, jogos de videogame ou excesso de TV. Eles estão perdendo as habilidades sócio-emocionais mais importantes: se colocar no lugar do outro, pensar antes de agir, expor e não impor as ideias, aprender a arte de agradecer. É preciso ensiná-los a proteger a emoção para que fiquem livres de transtornos psíquicos. Eles necessitam gerenciar os pensamentos para prevenir a ansiedade. Ter consciência crítica e desenvolver a concentração. Aprender a não agir pela reação, no esquema ‘bateu, levou’, e a desenvolver altruísmo e generosidade. (PRATA, 2016)

Podemos notar que Cury utiliza o verbo “aprender” na sua prescrição, e tratando-se de um problema que envolve a infância e a juventude, a pedagogia ganhará ainda mais destaque, o que nos permite iniciar a segunda questão, as formas de educar.

Como um entusiasta e empreendedor no ramo educacional, Cury se sente apto a avaliar as temáticas pedagógicas, corrigindo seus erros e ditando as lições que devem ser incorporadas. Ele defende uma reorganização na matriz educacional, sob o risco de aumentar a necessidade da psiquiatria e da psicologia caso a qualidade da educação não progrida. Para ele, os professores estão perdidos (RODRIGUES, 2018), as escolas são muito cartesianas e precisam mudar (PRATA, 2016), e os ministérios da educação de todo o mundo estão errados ao avaliar os alunos pela assertividade de dados na prova (GUIMARÃES, 2014).

Embora estejamos falando até agora apenas das instituições de ensino, Cury ainda trata da outra parte da educação, e provavelmente a mais importante, a família. Ele diz que os pais estão completamente perdidos, pois “reclamam de tudo e de todos, não sabem ouvir não, não sabem trabalhar as perdas. São adultos, mas com idade

emocional não desenvolvida”, e, assim têm apontado comportamentos errados e não promovido características saudáveis (PRATA, 2016). Por tudo isso, Cury defende a necessidade de fazermos uma revolução sociofamiliar (RODRIGUES, 2016).

Depois de tantas críticas à educação dada pelos pais e pelas escolas, gerando inclusive riscos de transtornos psíquicos para crianças e jovens, vale observarmos, além das empresas que Cury montou no ramo da educação, os livros que ele escreveu sobre o tema: *Ansiedade – Como enfrentar o mal do século para filhos e alunos*; *Pais brilhantes, professores fascinantes*; *Filhos brilhantes, alunos fascinantes*; *Pais e filhos – Sem diálogo, as famílias morrem*; *Pais Inteligentes Formam Sucessores, Não Herdeiros*; *Escola da Vida*; e *Manual dos Jovens Estressados*.

1.4) CRIAÇÃO DE SENTIDO

Assim como sugere a seus leitores, Cury também fala que procura dar um sentido para sua própria vida (CURY, 2013 – 1.ed; p. 11). No enredo de suas histórias, ele traça linhas cronológicas para reforçar a natureza de determinados aspectos e sua permanência, se utilizando da lógica de essência, como característica contínua e arraigada no ser. Alguns exemplos são os trechos em que se refere a si, tais como: “no fundo sempre fora um questionador de tudo o que via e ouvia” (CURY, 2015, p.97). Ele também trabalha a conexão de causa-efeito, como quando diz que o resultado de ter se tornado um observador da mente surgiu devido ao autoquestionamento que impôs a si mesmo durante sua depressão.

Embora, no primeiro momento, Cury tenha se assumido surpreso com o arrebatamento inesperado da depressão, ele conta que se questionou qual seria a origem da doença, e a explicação tem base genética, estando arraigado na parte mais essencial do seu organismo. Sua conclusão é que “os pensamentos perturbadores e a influência genética (sua mãe tivera depressão) o levaram ao caos emocional” (CURY, 2015, p.98).

Um dos traços mais marcantes na autorrepresentação de Cury é a forma quase épica com que suas histórias se destacam da maioria das pessoas, especialmente quando retrata a repercussão acadêmica de sua obra, como quando ele diz ser “um dos poucos vivos cuja teoria é objeto de estudo em cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado internacionais”. E quando fala que “Como teórico, conseguiu que sua obra fosse adotada em diversas universidades e usada em teses de pós-graduação em múltiplas áreas como psicologia, sociologia, pedagogia e filosofia.”

O que chama mais atenção do que suas histórias de sucesso é a ausência de comprovações. Se ele detalha a quantidade de livros que já vendeu e os lugares em que ministrou palestras, porquê não coloca os números e nomes dos trabalhos e instituições em que supostamente é citado?

Nesse estudo que estou realizando há diversas citações a sua pessoa, mas será que ele se orgulharia da análise que estou fazendo? Assim como ele indica a leitura de certas reportagens sobre ele, seria possível que ele divulgasse esse trabalho?

Além do argumento dele ser frágil já que não vem acompanhado de nenhum tipo de demonstração efetiva, ele pode estar sendo contestado e criticado por esses estudos.

Ilusão biográfica e vidobra

Após apresentar a análise sobre Cury, compartilho dois conceitos teóricos que me estimularam a escolher o recorte biográfico para o texto que se encerra aqui.

O primeiro deles é a *ilusão biográfica*, trabalhada por Bourdieu, que, baseada em uma noção de trajetória, confere uma dimensão teleológica às biografias, pressupondo um eixo “desde sempre”, onde podemos nos iludir de que o fim é o motivador do início. Tendo em vista que cada pessoa é um devir, estando sujeita a incessantes transformações, Bourdieu considera:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um

“sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (BOURDIEU, 2006, pp. 189-190).

Colocado dessa forma, a ilusão biográfica representa uma tentativa de substituir a mudança pela permanência.

O outro conceito é a *vidobra*, e nos é apresentado por Dosse, nele o sentido da obra é deduzido dos casos que acontecem na vida, tomando a parte pelo todo. Assim, o gênero biográfico se mescla com a obra e o relato da vida passa a se apresentar como explicação da obra (DOSSE, 2009, pp. 80-81), em uma lógica circular que permite pensar em conjunto essas duas dimensões.

Essa concepção dominou o século XIX quando lançou-se mão de qualidades morais sobre o relato da vida de pessoas para criar figuras de heróis e heroínas, já se utilizando de uma lógica de superação de obstáculos. Nessa linha, a biografia segue uma teleologia que faz do indivíduo dotado desde o nascimento de todas as características necessárias para se destacar no futuro (notemos que, na autoajuda do século XXI, essa ideia recebe o nome de essência). Por isso, a informação biográfica se torna uma lição de moral, em uma mensagem ética, explicitando sua função pedagógica. No que se percebe uma tentativa de explicar a obra pela pessoa, vemos na verdade uma explicação pela imagem idealizada dessa pessoa.

Dosse cita o exemplo de Marcel Proust que era contra a *vidobra* pela necessidade de “separar o homem da obra”, citando como exemplo a autonomia do narrador, que em sua visão, denota a existência de uma barreira entre a personalidade psicológica do escritor e sua obra. Por outro lado, na *vidobra*, um retrato psicológico se esboça para direcionar a interpretação da obra, tornando o autor um princípio de explicação estética que guarda o sentido oculto de sua obra.

Em certos aspectos, os conceitos de ilusão biográfica e *vidobra* se entrelaçam como na ilusão retrospectiva que guia os passos do autor, precisando captar os mínimos detalhes a fim de integrá-los a uma visão coerente da psicologia da personagem, àquilo que a motiva em sua obra. Em um apanhado geral, a análise sobre Cury se mostrou rica

de exemplos que dialogam com os conceitos de Dosse e Bourdieu como podemos comprovar em diversos trechos desse primeiro capítulo.

CAPÍTULO 2:

O DISCURSO DE SUBJETIVAÇÃO (E SUJEIÇÃO) DE CURY

2.1) CONFORMISMO, INDIVIDUALISMO E VISÃO DE MERCADO

No primeiro capítulo analisamos diversas inconsistências e até algumas contradições na autorrepresentação de Cury. No segundo capítulo, o tema será o discurso que o autor apresenta como sua teoria e, para tanto, iniciaremos com a análise do que eu julgo como outra contradição, mas também pode ser visto como uma divergência entre a perspectiva dele e a minha sobre a definição de “conformismo”.

Ao longo de sua obra, Cury descreve o conformismo como uma armadilha da mente e uma característica doentia da personalidade (embora não seja catalogado como doença), pois permite ao indivíduo aceitar passivamente as dificuldades psíquicas, os eventos sociais e as barreiras físicas, e impede que o sujeito reaja e assuma sua responsabilidade como agente transformador do mundo, pelo menos do seu mundo, como detalha nos trechos “O conformista amordaça o Eu, impedindo-o de lutar pelos seus ideais, de investir em seus projetos, de transformar a sua história” (CURY, 2011. p. 48-49). Em outro momento, ele lembra que há fatalidades que não dependem de nós e sobre as quais não temos controle, e frente a elas deveríamos “aceitá-las com humildade e serenidade”. Em seguida, finaliza sua exposição

reforçando que no que depender de nós (o que estiver ao nosso alcance), jamais deveríamos nos isentar de agir.

Até aí me parece bastante sensato, especialmente por ele incluir eventos sociais como possíveis campos de atuação e também por usar a figura do agente que transforma o mundo. Entretanto, esse início promissor não se mantém no decorrer de seus capítulos. Na verdade, o que se vê com frequência é uma fuga do embate de causas sociais e um redimensionamento do campo de atuação para a individualidade do ser. Por diversas vezes, Cury demonstra seu próprio conformismo e sua descrença no debate político e social. Até quando ele constata os males gerados pelo neoliberalismo, ele demonstra sua resignação e coloca o empreendedorismo individual como palavra de ordem, como podemos analisar no trecho a seguir:

“Vivemos em uma sociedade de consumo, agitada, tensa, pautada pela competitividade, escassa de diálogo e farta de produtos, onde o tempo é uma mercadoria de luxo. Mas essa é a sociedade em que vivemos, e temos de saber sobreviver com dignidade e reciclá-la. Reclamar só aumenta o índice de GEEI (Gasto de Energia Emocional Inútil). Quem reclama o tempo todo da sociedade, dos políticos corruptos, da crise econômica, da violência social e do caráter das pessoas ao redor esgota seu cérebro com maior facilidade. A palavra de ordem é proteger a emoção, se reinventar, construir uma felicidade inteligente, tornar-se um empreendedor saudável e arguto” (CURY, 2016. p.169)

Quando, diante de tantos problemas sociais, ele diz que reclamar é inútil e apenas gasta mais energia, já retira toda a potência do ato de expressar-se livremente e de transformar o mundo pela crítica, pelo debate e pela sugestão de novas propostas. Com essa postura, ele segue uma ideia comum na literatura contemporânea de autoajuda que é a crítica à reclamação, sendo esta suprimida pelo dever de se aceitar a realidade e seus limites (CASTELLANO, 2014. p.111)

Parece que as dificuldades de mudança social são vistas como fatalidades irreversíveis por Cury, diante das quais ele nos sugere serenidade e humildade para aceitá-las. Na citação acima, esse ponto pode ser visto principalmente quando ele diz que temos de saber sobreviver, nos reinventarmos, tornando-nos em algo novo.

Sobre a sugestão de buscarmos a sobrevivência, identificamos uma ligação direta com a competitividade, e especificamente a disputa no mercado de trabalho,

colocando nossa sociedade como um Coliseu onde a luta pela sobrevivência é travada pelos empreendedores, os gladiadores do século XXI.

Daremos sequência à ideia de luta pela sobrevivência que Cury associou à sociedade de consumo e a adoção da figura do empreendedor. Para isso, retomaremos a descrença do autor no debate político e social.

Em diferentes abordagens e livros, Cury vai minando a confiança na humanidade e no outro, como quando afirma que os seres humanos são eternos exploradores, individualistas, egoístas, egocêntricos, bairristas, preconceituosos e que o maior carrasco do homem é ele mesmo. Um trecho que exemplifica essas características como intrínsecas à nossa espécie é “você pode conviver com milhares de animais e talvez nunca será frustrado, mas se conviver com um ser humano, por melhor que seja a relação, um dia haverá algumas intensas frustrações” (CURY, 2011, p.49).

Com base no descrédito com os demais, Cury constrói os argumentos de descoletivização que o permitem propagar as ideias de autocentramento, como por exemplo a autoestima, o autoconhecimento e o autodiálogo.

A ideia de autoestima pode ser entendida como amor-próprio e aparece de diversas formas na obra de Cury. Aprofundaremos mais adiante esse conceito que tem grande representatividade nos textos do autor. Por enquanto, basta destacarmos que há uma prioridade do “eu” sobre o “outro”, como no trecho “Só quem tem um romance com a própria vida poderá amar a história dos outros” (CURY, 2011. p.162).

Sobre o autoconhecimento, Cury o trata como uma necessidade vital em que devemos nos interiorizar, entrar em camadas mais profundas do nosso próprio ser. Segundo ele, quem não exercita a autoconsciência não desenvolve consciência crítica, tornando-se facilmente manipulável, adestrável ou encarcerado por ideologias radicais. Em um resumo bem pragmático, ele nos aconselha a fazer um diagnóstico mínimo e empírico de nossas limitações, imperfeições, dificuldades e desempenhos.

O que Cury chama de autodiálogo, diálogo intrapsíquico ou mesa redonda do “eu” é uma intervenção direta em nossos traumas, conflitos, dificuldades e temores, buscando aquietar os pensamentos e apaziguar a emoção. Assim, ele propõe que cada

um revise suas metas e reavalie sua postura diante da vida, para dirigi-la e tornar-se um grande amigo de si mesmo.

Depois de construir esse cenário de disputa e desconfiança em seu argumento, Cury apresenta suas técnicas como essenciais e busca legitimar seu discurso e a si mesmo, para destacar-se entre diversos especialistas, *coachs*, médicos, palestrantes e gurus do competitivo mercado de aconselhamento.

Com uma abordagem de mercado de massa, Cury abusa das generalizações para abarcar o maior número de leitores, como quando diz que todos deveríamos educar nosso “Eu” para exercitar as técnicas de gestão da emoção (CURY, 2015. p.176) e que “uma vez treinada, sua mente vai vencer todos os desafios pessoais e manterá o bom desempenho e o brilhantismo” (O Código da Inteligência: Guia de estudo). Para reforçar sua fala de totalidade, Cury traz o conceito de universalização:

“Os princípios de um excelente profissional podem e devem ser trabalhados tanto no intelecto de um faxineiro de uma empresa como na mente do executivo que a dirige. Professores, alunos, médicos, terapeutas, dariam um salto profissional se os aplicassem. São universais” (CURY, 2011, p.238)

Ainda visando a amplitude de mercado, sua oferta de conselhos se dá em variadas frentes (moral, saúde psíquica, educação, entre outras), mas, apesar da mudança de temas, ele mantém em comum a busca por aumento da eficácia e produtividade, geralmente beneficiando às empresas, como no trecho: “O grande sonho da gestão da emoção é que as empresas sejam canteiros de profissionais que saibam as técnicas mínimas de gestão da emoção para serem produtivos, inventivos, proativos”. (CURY, 2016. pp.101-192)

2.2) A NOVA MORAL DE CURY: UMA ÉTICA EMPREENDEDORA, EFICAZ E AUTOCENTRADA

Diante da competitividade, da agressividade e da rapidez características das sociedades capitalistas e de seu mercado de trabalho, Cury afirma que não basta ser bom, é necessário atingir a excelência, pois só os excelentes sobrevivem (CURY, 2011, p.236). Com base nessa afirmação, ele desenvolve um novo código moral baseado em quesitos de eficácia, nos quais a tradicional oposição entre bem e mal é substituída pela comparação entre bom e excelente. Essa comparação é aproveitada pelo autor em diferentes momentos dos livros e tem como maior exemplo o título *O código da inteligência e a excelência emocional*.

A organização desse livro se assemelha a um código de conduta, assim como o fazem as constituições jurídicas ou os mandamentos religiosos. O livro é dividido em três partes: na primeira ele diz que os códigos são universais; na segunda ele lista os comportamentos que devem ser evitados (como os crimes para os cidadãos ou os pecados para os fiéis); na terceira ele dispõe as ações que devem ser cumpridas (como as leis ou os mandamentos).

Cury diz que escolheu o termo código porque não basta entendê-los logicamente, é preciso ter disciplina e treinamento para assimilá-los. Como recompensa pelo empenho em seguir tais códigos, o autor diz que, se forem bem trabalhados, os códigos podem transformar um funcionário comum em um executivo brilhante, e um estudante relapso em um pensador notável. Mesmo sendo mais imediatista, essa lógica de um futuro melhor para quem seguir um caminho de leis universais pode claramente ser comparada com a promessa de salvação cuja matriz religiosa construiu a imagem de paraíso celestial.

Para Cury, procurar a excelência profissional, afetiva, social e intelectual deveria ser a meta de todo ser humano, já que essa seria a melhor forma de contribuir com nós mesmos, nossa família, escola ou empresa. A receita do autor para quem quer atingir excelência profissional exige flexibilidade e sensibilidade para se antecipar aos problemas.

Outra sugestão dada por Cury na busca por padrões de excelência é evitar os erros, e para isso ele indica que devemos pensar antes de agir. Essa regra básica se distribui em seu discurso com diferentes abordagens, às vezes como autocrítica e outras vezes como gestão dos pensamentos.

Em seus textos, exercer a autocrítica vai muito além de ter consciência superficial das próprias falhas, pois também deve-se imprimir energia para transformar suas rotas, ajustar-se, corrigir-se. No enredo montado por Cury, a antagonista da autocrítica é a ansiedade, que imprime um ritmo acelerado aos pensamentos não permitindo que as pessoas se interiorizem.

Em relação à gestão de pensamentos, o autor diz que pensar com lucidez e coerência é a principal tarefa de um ser humano, mas pensar demasiadamente é seu maior problema, pois o desgasta mesmo que não se dê conta. Por isso seria necessária uma autogestão psíquica capaz de filtrar estímulos estressantes, reciclar pensamentos, reeditar a história que criamos em nosso inconsciente e construir oportunidades paralelas para superar nossos conflitos.

A temática da excelência se encontra muitas vezes associada ao campo profissional na obra de Cury, são frequentes capítulos tratando desse tema específico e em 2015 uma versão do livro *O código da Inteligência* foi publicada com o título *Bons profissionais e Excelentes Profissionais*. Para entendermos melhor do que se trata o livro, vamos analisar os cinco hábitos sugeridos por ele.

Os três primeiros podem ser agrupados como demandas de proatividade, uma das características da performance dos recursos humanos de uma empresa, especialmente quando trata-se de avaliações de desempenho corporativo. Nesse ideal de proatividade, a empresa espera que o funcionário tenha iniciativas próprias para somar-se ao que já lhe é ordenado. O primeiro hábito diz justamente que, enquanto bons profissionais fazem tudo que lhe pedem, os excelentes profissionais devem surpreender, fazendo além do que lhe solicitam.

O segundo diz que, os profissionais em busca de excelência devem prevenir os erros, já que os bons profissionais apenas trabalham para corrigi-los. Nesse caso, é trabalhada uma progressão hierárquica ou evolutiva como fica claro no trecho “Tentar arrumar solução para uma empresa com graves dificuldades financeiras é um patamar, mas evitar que chegue nessa situação é um degrau mais elevado” (CURY, 2011, p. 239).

O terceiro é o que talvez melhor resume o argumento principal do livro: excelentes profissionais devem pensar pela empresa, enquanto bons profissionais apenas executam ordens. Para Cury, “um bom profissional é correto, ético, responsável, mas não se doa, não se entrega, não faz nada além do que está contratado para fazer. Um excelente profissional faz coisas que superam suas obrigações” (CURY, 2011, p.237). Com base nessa comparação, me parece que o autor diminui o valor da responsabilidade e da ética profissional, já que cumprir com os deveres do acordo de trabalho não seria suficiente. O padrão colocado por Cury exige que os profissionais, que se sustentam vendendo sua força de trabalho, doem e entreguem às empresas seus recursos pessoais. Por minha própria experiência, identifico nesse discurso a prática de muitas empresas que ultrapassam os limites da carga horária contratada com exigências em horários não comerciais e até nos finais de semana, que deveriam ser momentos de lazer, descanso ou qualquer outra atividade pessoal.

Embora Cury defenda a qualidade de vida e o lazer, como veremos mais à frente, seu argumento de entregar mais do que se recebe tem a mesma base de exploração ao trabalhador. Mais que isso fica evidente a frequente busca do mercado por economia de recursos, já que o funcionário além de aumentar sua carga de trabalho também soma às suas funções a gestão por suas entregas, reduzindo as vagas de supervisores na empresa.

O quarto e o quinto é sobre trabalho em equipe e por isso agrupamos os dois para analisarmos mais adiante como Cury direciona as relações interpessoais no âmbito profissional. Antes disso, porém, é importante analisarmos como a figura do empreendedor é trabalhada por ele.

Para se ter uma ideia da importância destinada por Cury ao empreendedorismo, bastaria lembrar que em seu livro *Dez leis para ser feliz* a nona lei é justamente Ser Empreendedor. Nesse capítulo, o autor direciona o leitor a arriscar-se frente às adversidades para criar oportunidades. Ele chega a dizer que se deve enfrentar os problemas mesmo não tendo forças, e até usa a imagem de caminhar por lugares desconhecidos sem orientação. Além disso, ele constrói uma ideia de merecimento pelo esforço no qual diz que “quem vence sem obstáculos triunfa sem glória”, complementando que não há vitórias sem derrotas nem pódio sem trabalho.

Com essa ideia, temos um exemplo de como a figura de empreendedor se mistura com a de vencedor.

Além da imagem de vencedor, Cury cria uma relação direta entre empreendedor, líder e autor. Embora elas se mesquem constantemente, identifica-se uma relação mais direta entre liderança e empreendimento, e entre liderança e autoria. Entretanto, em seu livro *Gestão da Emoção*, aparece a figura do “líder empreendedor e inovador”, que logo depois é apelidada de “líder sábio” (CURY, 2016. p.135-137). Assim como Cury já havia diferenciado bons e excelentes profissionais, o mesmo se dá com a liderança, numa escala que tem como ponto mais baixo os líderes inteligentes e como ponto mais alto os líderes sábios.

O que trazem em comum o vencedor, o empreendedor, o autor e o líder na obra de Cury é a busca de todos pelo sucesso, e, em sua concepção de mundo capitalista, “o sucesso sustentável depende do capital humano, de mentes empreendedoras e inovadoras” (CURY, 2016. p.146).

Retomaremos agora os dois últimos hábitos sugeridos por Cury para que um profissional alcance um patamar de excelência. Nestes dois casos, a estratégia se dá pela condução frente ao relacionamento com outros profissionais.

O penúltimo diz que deve-se lutar pelo “cérebro do time”, e explica que trabalhar em equipe é mais do que estar juntos, é cruzar mentes para traçar objetivos e definir focos. Para aumentar a qualidade dessas entregas, deve-se trabalhar em grupo, promover o debate e deixar fluir o pensamento (CURY, 2011, p.240)

O último hábito que Cury nos sugere é usar conscientemente o elogio como poder sobre os outros, destacando essa alternativa como mais eficiente do que usar o poder do medo e das pressões, que para ele é uma característica dos bons profissionais. Para isso é preciso interagir, exaltar a participação dos membros, valorizando até as respostas que não são aproveitadas. O autor, então, sugere que tenhamos consciência de que todos envolvidos no debate têm suas vaidades, necessidades e fragilidades.

A partir desse ponto, Cury assume uma postura mais estrategista e até manipuladora quando diz que tanto para corrigir seus liderados quanto para motivá-

los, em primeiro lugar, deve-se conquistar o território da emoção e depois da razão. Para colocar esse pensamento em prática sua sugestão é utilizar-se de carisma para encantar os funcionários e diz que surpreender e motivar as pessoas têm mais valor do que muitos diplomas (CURY, 2011, p.241-242).

O que vemos aqui é uma vez mais a busca por sucesso e aumento da produtividade colocada dessa vez em outro nível hierárquico. Se antes o profissional tinha que empreender suas melhores capacidades para render mais, agora é o gestor de equipe que deve fazer com que sua área produza melhor. Em uma visão mais abrangente, Cury diz que todo mundo deve “ser capaz de fazer com que as pessoas que o circundam penetrem em seus sonhos e seus projetos intelectuais e socioprofissionais, motivando-as a se engajarem neles” (CURY, 2016 - 8ª ed. p.327)

Embora ele tente se distanciar do rótulo de autoajuda, o autor apresenta argumentos semelhantes a *best-sellers* do gênero. O estímulo para desenvolver o carisma em busca de vínculos com a intenção de explorar o potencial dos funcionários segue a lógica do clássico *Como Fazer Amigos e influenciar pessoas* de Dale Carnegie, um dos livros mais icônicos da autoajuda norte-americana e mundial. Outro trecho em que essa estratégia fica evidente é quando Cury diz que “um empresário ou executivo carismático desperta fascínio e respeito em seus funcionários. (...) Um líder mesquinho em distribuir elogios dificilmente criará vínculos com seus liderados, raramente explorará o potencial neles represados”. (CURY, 2011, p.166).

Para o enriquecimento intelectual, Cury sugere ao indivíduo ser um “garimpeiro de ideias”. Como um especialista deve aprender novas habilidades para desempenhar melhor seu trabalho, o autor sugere que aprendamos a apreciar a inteligência do outro como um garimpeiro deve reconhecer as qualidades básicas de um topázio, de uma ametista ou um rubi. Assim, a rechaça ao autoritarismo e o estímulo ao debate são colocados como formas de se aproveitar ideias alheias na ampliação do conhecimento individual e na aplicação delas posteriormente. “Procurar realizar o debate de ideias com as pessoas circundantes (alunos, funcionários, amigos, familiares) procurando compreender o alcance de suas ideias, respeitá-las e utilizá-las” (CURY, 2016 – 8ª ed. p.325-327).

Com base em tudo visto até aqui, entendemos que a proposta de Cury é uma nova moral interessada no autobeneficiamento e muitas vezes baseada na exploração dos outros. Dizemos nova para destacar as alterações que ele realizou na concepção de termos como bom e inteligente, tradicionalmente usados de forma positiva, que passam a ser tratados como características a serem evitadas frente a um ideal de aperfeiçoamento, no qual excelência e sabedoria aparecem como novos patamares a serem alcançados. Outra inversão de valores realizada por ele foi a total naturalidade com que tratou a prática do assédio como uma mera busca por eficiência, ao dizer que são bons profissionais aqueles que utilizam o poder do medo e das pressões sobre seus empregados. O argumento apresentado para ele sugerir a troca do medo pelos elogios é basicamente porque os elogios se mostram mais eficazes do que o medo na produtividade.

Por fim, vale questionar outra alteração de Cury em valores éticos como no caso do altruísmo. Enquanto a ideia de ser altruísta está geralmente ligada ao benefício do outro, o autor prefere dar destaque mais uma vez ao autobeneficiamento.

No trecho “Proteger a emoção passa por aprendermos a nos doar para os outros sem esperar demais a contrapartida do retorno. Se não tivermos grandes expectativas, tudo nos surpreenderá. Não se esqueça de que as maiores decepções são geradas pelos mais próximos” (CURY, 2011, p.97), ele inicia colocando o altruísmo como fonte de proteção e termina reforçando a desconfiança no outro, que seriam causadores de decepções.

2.3) SUBJETIVIDADE E AFETOS COMO RECURSOS ENERGÉTICOS

Já vimos no primeiro capítulo o costume de Cury de iniciar seus argumentos pela desvalorização do cenário, e também já analisamos no início do segundo capítulo

como ele descreve a competitividade do mercado de trabalho exigindo de todos uma busca por aperfeiçoamento para atingir novos padrões de diferenciação ou excelência.

Com base nesse retrospecto, podemos analisar uma outra especificidade de seu argumento, a ampliação da produção capitalista para o campo cognitivo e afetivo. Para isso, iniciaremos com o trecho “bons profissionais são atropelados em um mercado altamente competitivo; só os excelentes sobrevivem. (...) Não é o que mais trabalha, é o que mais pensa” (CURY, 2011, p.236). Apesar de diferenciar trabalho de pensamento, o autor coloca a atividade de pensar como um diferencial competitivo entre os profissionais, e portanto um recurso ligado à produtividade.

Para entendermos como um recurso que não é classificado como trabalho se tornou a razão de um trabalhador ser mais capacitado que outro seguiremos essa análise com outras citações de Cury, como sua explicação sobre o gasto de energia emocional.

Colocando as emoções e pensamentos como recursos energéticos, Cury arbitrariamente os divide em dois grupos comportamentais: os úteis, que expandem o desempenho profissional, intelectual e social (expresso por autonomia, autodeterminação, criatividade, psico adaptação às intempéries, ousadia, flexibilidade, capacidade de se reinventar, filtrar estímulos estressantes, construir a felicidade inteligente, alicerçar a qualidade de vida, promover relações saudáveis e prevenir transtornos psíquicos); e os inúteis, que comprometem todo o desempenho profissional, intelectual e social (cujos exemplos são timidez, detalhismo, sofrimento por antecipação, ruminação do passado, resgate de mágoas, ideias fixas, críticas, cobrança excessiva, necessidade de controlar os outros).

Claramente guiado pelas demandas corporativas, Cury destrincha em exemplos e conselhos os códigos para entrar e progredir nos padrões de exigência das equipes de recrutamento e seleção das empresas. Embora não assuma o papel de porta-voz das empresas, ele cumpre essa função ao alertar que altos índices de gasto de energia com emoções inúteis asfixiam a proatividade, a criatividade e o limiar para lidar com frustrações e contrariedades, diminuem o rendimento intelectual e suas funções cognitivas, como concentração, memória, elaboração de raciocínio e capacidade de negociação.

A partir do que já foi analisado, podemos afirmar que a subjetividade e os afetos são instrumentalizados e mercantizados quando tratados como recursos energéticos para a produção capitalista. Como qualquer outro recurso, as empresas buscam formas de melhor geri-los em prol de sua otimização e evitando seu desperdício. Essa preocupação pode ser identificada na fala de Cury quando ele diz que “estamos na era da economia, do consumo responsável. (...) O maior erro da espécie humana é devorar não os recursos naturais do planeta, mas os recursos da mente” (CURY, 2016. pp.167-168).

O autor identifica que o próprio capitalismo vinha promovendo a eficiência sem proteger a emoção, o que gerava ansiedade, fadiga e ataque de nervos na empresa, justamente por não capacitar a mente para ser resiliente e estável. Com a constatação de que o ideal de eficiência explorado irresponsavelmente pelo capitalismo gerou uma indústria de pessoas doentes e cujos transtornos ameaçam sua própria produção, Cury promove a necessidade de uma gestão sustentável dos recursos energéticos da subjetividade e dos afetos, colocando em pauta as ameaças futuras de uma queda ainda mais brusca na produtividade com a expansão dos transtornos da mente, como quando afirma que “cedo ou tarde, cerca de 50% da população mundial desenvolverá um transtorno psiquiátrico. Pesquisas revelam que 20% da população, o equivalente a 1,4 bilhão de pessoas, desenvolverá o último estágio da dor humana: o transtorno depressivo” (CURY, 2016. p.170).

Em prol da sustentabilidade no consumo dos recursos energéticos, Cury alerta, por exemplo, que a insônia bloqueia a inteligência e explica que até o esquecimento, que poderia ser tido como uma falha do cérebro, tem uma razão energética. De acordo com o autor, devido à proteção dos recursos energéticos, o cérebro trava a memória para evitar que pensemos muito e gastemos energia excessiva.

Ainda na lógica de instrumentalização da subjetividade, além de gerir o consumo, Cury também trata da otimização dos recursos. Ele explica que a energia da ambição é mais potente que a energia do desejo, identificando inclusive suas fontes energéticas: “Desejo é uma intenção superficial. Ambição é um projeto de vida. Desejo é alicerçado pelo ânimo, ambição é alicerçada pela garra” (CURY, 2011, p.57).

Com esses exemplos de um conhecimento especializado no tema, Cury elenca habilidades e competências (como a memória, a criatividade, o pensamento estratégico, o foco e a disciplina) que podem e devem ser desenvolvidas para um melhor desempenho cognitivo. Abordaremos esse assunto no fim do capítulo ao tratar da figura do *coaching*.

Entraremos agora em um dos mais importantes pilares teóricos do discurso de Cury, seu argumento neurológico que atrela o desempenho profissional e intelectual à economia de energia emocional. Segundo o psiquiatra, é necessário que o cérebro esteja relaxado para exercer com excelência as funções relativas aos pensamentos e emoções:

“O cérebro humano precisa estar num estado de relaxamento basal para cumprir com maestria suas tarefas cognitivas ou intelectuais, como memorizar, concentrar-se, assimilar, pensar, raciocinar, bem como as não cognitivas ou socioemocionais, como ser autor da própria história, ser flexível, ousado, generoso, afetivo” (CURY, 2016. p.173)

O autor explica ainda que, em momentos de nervosismo extremo, o cérebro deixa o estado basal de relaxamento e libera os hormônios do estresse (como adrenalina e noradrenalina) que conduzem o corpo ao limite, para agir com rapidez e potência. Ele alerta que essa reação do organismo a estímulos estressantes é altamente desgastante se ocorrer com frequência, e afirma que muitas pessoas têm taquicardia, falta de ar, dores musculares e outros sintomas por lidar com situações cotidianas que as perturbam.

Aliando esse argumento à sua concepção de que os afetos (pensamentos e emoções) são recursos energéticos para a produção capitalista, Cury tanto defende que a cabeça é para pensar e não para sofrer (CURY, 2003. p.73) quanto diz, como já vimos, que excelentes profissionais devem pensar pela empresa (CURY, 2011, p.239). Resumindo, a lógica exposta por ele é de que, em relação ao trabalho, a função da cabeça é pensar pela empresa, sem perder tempo com sofrimentos ou demandas emocionais alheias à produtividade. Diz também que o gasto de energia se movimenta em mão dupla: não é possível gastar energia cerebral sem sofrer desgastes emocionais, e vice-versa.

Retomando a ideia de Spinoza (2013) de que os afetos se baseiam no corpo, a socióloga Eva Illouz (2011) criou o conceito de *capitalismo afetivo*. Esse conceito se baseia na lógica ambivalente que liga os afetos ao capital, e tem sua origem com a popularização da psicologia, no século XX. Como descreve Illouz:

Através do meio cultural da psicologia, as esferas privada e pública entremearam-se uma na outra, cada qual espelhando a outra, absorvendo seus modos de ação e justificativas recíprocos, e assegurando que a razão instrumental seja usada no campo dos afetos e aplicada a ele, e inversamente, fazendo a autorrealização e a reivindicação de uma vida afetiva plena tornarem-se a bússola da razão instrumental. (ILLOUZ, 2011. p.159)

A ideia de Cury pode ser identificada como um discurso que segue a lógica do capitalismo afetivo mapeado por Illouz.

Cury chega a detalhar como as tensões afetam o desempenho cognitivo, usando como exemplo grande parte das dores musculares e das cefaleias. Segundo ele, essas dores físicas são produzidas pelas tensões da mente, e acabam atrapalhando o desempenho da memória, da inteligência e da concentração.

Ao associar essa demanda de relaxamento com a busca pela excelência, o autor passa a privilegiar algumas funções emocionais para servirem de combustível das funções intelectuais: “ao se expandirem a autoestima, a autonomia e a resiliência, abrem-se as janelas da memória e o Eu raciocina melhor” (CURY, 2016. p.43)

Outros temas valorizados nessa busca são a segurança, o descanso e a tranquilidade, geralmente associados com as ideias de estabilidade e saúde mental, mas mantendo sua vertente mercadológica já que todos influenciam como fontes de energia dos recursos humanos de uma empresa, a ponto de Cury dizer “minha paz vale ouro, (...) não devem vender sua paz por um preço vil” (CURY, 2016. p.184).

Dentre as funções emocionais mais destacadas por Cury está o autocontrole, que permite filtrar estímulos estressantes e administrar a emoção, e que pode ser detalhado tanto em relação aos pensamentos quanto às emoções.

Sobre os pensamentos, o direcionamento dado é para controlar as aflições que comprometem a inteligência e a saúde psíquica. Em relação às emoções, é sugerido que se administre a energia emocional, protegendo-se da dor e expandindo a energia da satisfação. No fim do capítulo, veremos melhor esses aconselhamentos quando

tratarmos da gestão da emoção, porque agora veremos como é trabalhada a ideia de saúde em relação ao relaxamento.

Como profissional da medicina, não faltam exemplos para Cury argumentar como a saúde deve ser direcionada à renovação de energia e à busca de tranquilidade para o cérebro. Dentre os fatores que ele apresenta, são trabalhados com mais ênfase a importância do sono, dos exercícios físicos, da alimentação, da qualidade de vida e a saúde psíquica. Os três primeiros aparecem entre as dez leis para ser feliz, o quarto ganhou um livro só pra ele, *Revolucione sua qualidade de vida*, e o quinto é o que mais aparece na obra do psiquiatra.

Com dicas para dormir bem, que vão de evitar alimentos antes de dormir até ler bula de remédio em caso de insônia, o médico alerta sobre a necessidade de um sono reparador para repor a energia física e psíquica gasta no dia anterior e, assim, despertar descansado, motivado, alerta e concentrado para ter bom rendimento intelectual.

As dicas sobre alimentação são bem específicas: dieta saudável, à base de frutas e verduras e com proteína animal não excessiva, dando preferência à carne branca e em especial aos peixes. Nesse tema, o autor se mostra infeliz com as influências de padrões de beleza que estimulam restrições alimentares severas, podendo levar a casos de anorexia.

Os exercícios físicos promovem benefícios ou problemas de acordo com sua regularidade e intensidade, e a frequência indicada é de, pelo menos, três vezes por semana. Quando os exercícios são regulares, eles estimulam o metabolismo, melhoram a irrigação sanguínea e liberam endorfina (um potente calmante natural), relaxando, tranquilizando, induzindo ao sono e conseqüentemente renovando a energia cerebral. Por outro lado, no caso dos exercícios pesados e irregulares, Cury sugere não fazê-los, pois estressam o cérebro e geram desconforto.

A alta recorrência em que aparece algum tema referente à saúde psíquica pode ser notada no fato de “mente” e “emoção” estarem entre as palavras mais citadas nos livros de Cury. Tida como o nutriente da tranquilidade, a saúde mental é destacada por estar diretamente ligada ao rendimento intelectual e suas funções cognitivas,

como vemos nas previsões de que “um líder ansioso criará um ambiente psicótico em sua empresa” (CURY, 2011, p.240) e que “crianças e jovens com alto índice GEEI (Gasto de Energia Emocional Inútil) podem comprometer seriamente não apenas sua saúde mental, mas também seu rendimento intelectual” (CURY, 2016. p.171).

Como estratégias de busca pelo relaxamento cerebral e seu consequente aumento de desempenho cognitivo, as técnicas de Cury compõem sua proposta de gerenciamento dos afetos na busca por fontes de sensações de prazer (buscando sempre estimulá-las e desenvolvê-las) e no bloqueio a possíveis causadores de desconforto ou nervosismo (com o intuito de evitá-lo ou superá-lo).

De maneira mais genérica, podemos agrupar as situações de estresse e nervosismo sob o amplo termo *dor*, desmembrando-o posteriormente em adversidades tais como os fracassos e a fragilidade da vida. A visão de Cury sobre a dor merece ser analisada com calma para que entendamos sua lógica de reconstrução. O trecho que melhor resume seu pensamento é:

“Não é defensável que a dor amadurece o ser humano. As perdas e frustrações o pioram, esmagam sua autoestima e dissipam seu encanto pela vida. A dor só nos enriquece se não tivermos medo de entrar em contato com nossas fragilidades e insensatez, se a usarmos para esculpir nossas mazelas”. (CURY, 2011, p.206)

Em outros momentos, o autor também trata a dor de forma ambígua e variável (ora como carrasco ora como redentor), já que ela pode nos destruir ou nos construir. Na citação acima, pode-se identificar que a variação de suas consequências se dá pela postura adotada do indivíduo que precisa participar ativamente de uma resignificação da experiência vivida. Para isso, o autor destaca que é necessário coragem para lidar com nossas próprias fragilidades. Caso contrário, as dores enfraquecem a pessoa.

Nesses casos, há mais dicas de como remediar do que prevenir já que o próprio escritor assume que a vida tem obstáculos imprevisíveis (CURY, 2003. p.101). Entretanto, se há alguma certeza nesse sentido é que um dia todos morreremos, e, frente a isso, ele sugere que deveríamos viver cada momento como se fosse eterno, utilizando a brevidade da vida como argumento para minimizar justamente as razões do sofrimento: “A vida é tão breve. Felizes os que usam a cabeça para pensar e não para sofrer” (CURY, 2003. p.73).

A morte em si não é tratada de forma negativa, pois a consciência de sua chegada nos transforma, levando Cury a dizer que a morte nos humaniza mais que a vida. Essa relativização da abordagem da vida (e de seu fim) com base na postura dos indivíduos também está presente quando o tema é suicídio, já que os atos suicidas podem ter diversas motivações, mas, segundo o psiquiatra, o que leva o indivíduo à consumação do ato é a maneira de construir o raciocínio. Por isso, para prevenir esse drama, seria necessário ampliar as maneiras de pensar, assim como atuar nas causas estressantes.

Se diante da inevitabilidade da morte Cury não tem muitas dicas a dar, em adversidades mais brandas ele apresenta diversas reflexões e sugestões, especialmente quando fala de afetos. Em geral, ele acaba se utilizando do conceito de equilíbrio para criticar o desequilíbrio de grande parte da subjetividade, como no trecho:

“os insensíveis não têm sentimento de culpa, os hipersensíveis o têm exacerbado. Os insensíveis não sentem a dor dos outros, os hipersensíveis a sofrem como se fosse sua. Os insensíveis são algozes dos outros, os hipersensíveis são carrascos de si mesmos” (CURY, 2011, p.164)

Essa crítica tanto à falta de sensibilidade quanto ao seu excesso (como se houvesse uma medida ou parâmetro para tal) pode ser identificada com a arbitrariedade com que ele separa as energias úteis das inúteis (como abordamos anteriormente nesse mesmo capítulo). Em ambos os casos, há outros fatores envolvidos sem uma prévia definição ou metodologia aparente, e, dessa forma, Cury tem mais liberdade para criar seus conceitos, demarcando livremente fronteiras entre o desejável e o deplorável, como no livro *Superando o cárcere da emoção*, no qual ele trata as emoções como escravizadoras.

De acordo com o autor, devemos nos libertar das emoções que nos escravizam e fugir das armadilhas da mente para alcançarmos uma mente saudável, através da análise da mente e do gerenciamento das emoções. Fica claro aqui uma patologização da subjetividade comum na literatura de autoajuda, focando muitas vezes em doenças e sofrimentos, e complementada por uma lógica de imunização. Esses temas ficam mais evidentes, nos títulos *Ansiedade – Como enfrentar o mal do século*, *Ansiedade 2 – Autocontrole*, e *Armadilhas da Mente*.

A lista das possíveis causas de doenças é longa em sua obra, desde a falta de propósito de vida até o diagnóstico criado pelo próprio Cury de Síndrome do Pensamento Acelerado – SPA. Considerada pelo próprio autor como o novo mal do século, suplantando a depressão, a SPA acomete grande parte da população mundial, e é produzida por uma hiperconstrução de pensamentos, numa velocidade tão alta que estressa e desgasta o cérebro. É o resultado do excesso de atividades e de estímulos sociais que somos submetidos diariamente, e impede o desenvolvimento das funções da inteligência, como refletir antes de reagir, expor e não impor ideias, exercer a resiliência, colocar-se no lugar do outro

Sua crítica à hiperatividade contemporânea, se direciona especialmente à criação infantil e juvenil, fazendo jus ao envolvimento profissional de Cury com a educação, especialmente quando diz que o sistema está gerando crianças insatisfeitas, ansiosas, e, por isso, fortes candidatas a serem pacientes psiquiátricas, e quando ele associa a síndrome que ele criou (e a falta de sonhos) à formação das próximas gerações:

“Criamos uma estufa para nossos filhos e pagamos um preço caríssimo. A SPA gerou neles um apetite psíquico insaciável. Tornaram-se a geração mais insatisfeita, ansiosa, alienada, desmotivada, despreocupada com o futuro que já pisou nesta Terra. Eles raramente têm ideais, projetos de vida, audácia, sonhos” (CURY. p. 142-143)

Em geral, Cury critica a preocupação em nos cobrarmos níveis de perfeição, sob o risco de desenvolvermos neuroses, quando na verdade sugere que deveríamos aceitar nossas fragilidades e erros. Para ele, quando nos identificamos como frágeis é quando somos fortes, pois, ao aceitar sua fragilidade, o indivíduo pode crescer diante dela. O que me chama mais atenção nesse caso é que embora ele critique a ideia de perfeição, ele mesmo estimula a busca para atingir níveis de excelência, sugerindo que nos adaptemos e nos transformemos para nos encaixarmos nos novos padrões desejados.

Além de declarações polêmicas como “as sociedades modernas tornaram-se uma fábrica de pessoas ansiosas. O normal é ser estressado, irritado, estar fatigado; (...) Se estiver estressado, você é normal” (CURY, 2011, p.48), o psiquiatra acumula uma extensa lista de neuroses e fobias diagnosticadas na sociedade em geral, tais como: conformismo, coitadismo, TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo), medo de

reconhecer erros, medo de correr riscos, necessidade de aprovação dos outros, de se fixar em preocupações, de ser o centro da atenção social, de poder.

Aprofundaremos agora um tema citado anteriormente de posicionamento ativo para construir novos significados com a dor já vivenciada. Cury salienta a necessidade de uma mudança de perspectiva já que essa revisão passa por repensar nossas dificuldades e decepções. Ele chega a dizer que os fortes compreendem enquanto os fracos julgam (CURY, 2003. p. 100-102), permitindo que façamos algumas hipóteses e reflexões.

Se quem compreende é mais forte do que quem julga, devemos valorizar mais a compreensão do que o julgamento? Ele estaria de alguma forma promovendo a passividade em vez do senso crítico? Certamente essa reflexão precisa de mais informações para ser contextualizada, por isso analisaremos a demanda por resiliência, tantas vezes citada por Cury, e, segundo ele mesmo, um conceito relativamente novo no campo da psicologia (começou a ser adotado a partir de 1998), mas que já adquiriu magnitude nos debates da área.

Para Cury, a resiliência carrega tanto a ideia de adaptabilidade quanto a capacidade de superação, por isso, algumas vezes, o conceito aparece associado a força e vitória, como no título *Superação — Seja forte e resiliente e vença as dificuldades*, e, por outras, ela é colocada como adaptação e sobrevivência. Com essa duplicidade de sentidos, amplia-se as possibilidades de análise, mas nos permite concluir que ambos estão intrinsecamente ligados, de forma que é pela capacidade de adaptar-se que sobrevive e supera as adversidades, como um camaleão que se camufla para não ser capturado por um predador. Essa imagem me parece adequado já que o cenário agressivo e competitivo colocado por Cury é descrito como uma luta pela sobrevivência.

Agora que já vimos tantas abordagens sobre a dor e o sofrimento, veremos como são construídos os argumentos relativos ao lado mais agradável das emoções na teoria de Cury, cujas histórias são ambientadas, em sua maioria, em cenários de sofrimento (doença, dor, transtorno psíquico, aprisionamento, solidão, cobrança e embate) nos quais seus personagens (ou o leitor) se encontram presos. E, para o autor,

a liberdade está associada a mudanças no modo de vida que permitirão resgatar o prazer de viver.

Chama atenção a centralidade que ele dá ao prazer quando o chama de ápice da experiência existencial, complementando que, além de ser a fonte de relaxamento que potencializa as atividades cerebrais, é “o fundamento do sentido” da vida e do trabalho, gerando assim a motivação para lidar com as adversidades (CURY, 2011, p.216).

Diante de tamanha importância, Cury coloca como um paradoxo que estejamos vivendo em um período em que o prazer é pouco desfrutado. Sua expectativa é de que, em pleno século XXI, a força, a acessibilidade e a diversificação da indústria do lazer e do entretenimento propiciasse a geração de pessoas mais felizes da história. Entretanto, constata que o que deveria ser o século do prazer, tem sido o século do estresse, da ansiedade e de outros transtornos psíquicos.

Podemos notar que nessa citação, o autor substitui as ideias de prazer e felicidade. Sem destacar nenhuma diferença entre as duas, ele segue utilizando-as muitas vezes como sinônimos ou ideias intrínsecas, já que estão constantemente sendo intercambiadas em suas frases.

Logo após apresentar sua visão paradoxal entre a expectativa e o estado atual do binômio felicidade-prazer, ele diagnostica que a causa da brevidade desse sentimento se deve ao excesso de estímulos e atividades com que lidamos cotidianamente. Segundo ele, o ser humano acaba perdendo sua sensibilidade e depende de muitas atividades para sentir pequenas doses de prazer.

Até aí a busca de nossa geração por felicidade poderia parecer um cenário irreversível, porém, para um dos escritores mais profícuos do país, essa é uma oportunidade de escrever muitos textos propondo alternativas. De toda sua obra, dois livros se destacam por estarem direcionados para esse campo, *Dez Leis para Ser Feliz* e *Treinando a emoção para ser feliz*, embora o tema continue presente como parte integrante de muitos outros livros.

Popularmente há uma crença de que a felicidade estaria ligada a posses materiais ou financeiras, como no ditado “dinheiro não traz felicidade, mas manda

trazer”. Essa relação também aparece no discurso de Cury e, embora conte que já tratou pacientes materialmente ricos e emocionalmente miseráveis, ele constata que a falta do dinheiro pode sim ser um fator para o estresse, causando transtornos psíquicos e privando o sujeito de sua felicidade (CURY, 2011, p.88).

Além de refutar essa crença no poder de compra da felicidade, ele também garante que a fama e o prestígio também são incapazes de garantir esse prazer mais genuíno, pois a felicidade se encontra justamente na simplicidade:

“Os milionários quiseram comprar a felicidade com seu dinheiro, os políticos quiseram conquistá-la com seu poder, as celebridades quiseram seduzi-la com sua fama. Mas ela não se deixou achar. Balbuciando aos ouvidos de todos, disse ‘Eu me escondo nas coisas simples e anônimas’.” (CURY, 2011, p.95)

Embora essa última citação traga a figura de pessoas com destaque social, financeiro ou político, Cury ressalta que a busca pela felicidade é universal e natural como a necessidade que temos de respirar e comer. E assim como o ar, a felicidade está disponível a todos (fazendo questão inclusive de desconsiderar fatores genéticos ou condições socioeconômicas), mas para isso é preciso que eles trabalhem sua percepção sobre o mundo, sobre a vida e sobre si mesmos.

Basicamente, suas dicas são contemplar a beleza do que nos rodeia, e buscarmos (ou criarmos) um sentido para a vida tanto de uma perspectiva global quanto no âmbito individual.

Para iniciarmos a análise do que seria essa contemplação, vale destacarmos a diferenciação que Cury faz entre o ato de contemplar e o de admirar. Enquanto o primeiro acarreta em entregar-se completamente, o segundo se caracteriza por uma entrega parcial, uma experiência fugaz.

Outro fator que merece atenção é o foco nos detalhes, que por se tratarem de pequenos estímulos exige suavidade e a criação de um hábito contemplativo já que se deve estar atento em elementos cotidianos e evitar que eles se percam no automatismo da rotina.

Em relação ao termo belo não há uma concepção definida de padrões estéticos a serem admirados. Entretanto, o fato de Cury estimular a busca pelo prazer de viver e

dizer que a vida é bela permite que consideremos a beleza como sendo a própria vida. Portanto, a sugestão de Cury pode ser entendida como contemplar a vida.

Com esse entendimento de que a contemplação deve estar atenta aos detalhes da vida, seguimos nossa análise para a segunda indicação a caminho da felicidade, a busca ou a criação de um sentido para a vida.

Para fundamentar essa sugestão, Cury discorre sobre como a verdade é inatingível no campo das ideias, já que todo pensamento é uma interpretação da realidade, e por isso exposto a distorções causadas pelo estado emocional (como estamos), social (onde estamos), personalidade (quem somos) ou metabolismo cerebral (genética).

Na falta de uma verdade, não há nenhuma garantia de sucesso, independentemente de como guiamos nossas vidas nem sequer há um caminho que pode ser entendido como infalível. Diante disso, a sugestão de Cury é que procuremos uma razão para viver que nos traga prazer e esperança. Após estimular esse argumento em alguns de seus capítulos, publicou o livro *Em busca do sentido da vida* (2013).

Como exemplo das possíveis criações de sentido, Cury costuma comparar a vida a uma batalha que devemos lutar, a uma empreitada na qual devemos trabalhar, a uma escola na qual devemos aprender, a uma jornada que devemos percorrer, a um ciclo para o qual devemos nos preparar, a um enigma que devemos decifrar. Embora elas possam aparecer separadamente, constantemente essas metáforas se encontram entrelaçadas em sua retórica.

Ainda dentro da sugestão de busca por um sentido, o autor nos apresenta dois guias nesse caminho, as ambições e a espiritualidade.

Assim como trabalhou uma relação de reciprocidade com os termos prazer e felicidade, o autor também o faz entre as palavras ambição, sonho e propósito. Retomando de novo o entendimento de que a subjetividade serve como recurso energético, a ambição é definida como uma energia forte e importante na condução do sujeito, como podemos verificar no trecho a seguir:

“A ambição é vital para o Eu mudar as suas rotas. (...) A energia da ambição suplanta a energia do desejo. Desejo é uma intenção superficial. Ambição é um projeto de vida. Desejo é alicerçado pelo ânimo, ambição é alicerçada pela garra. Os ambiciosos só descansam quando atingem suas metas” (CURY, 2011. p.57)

Embora a definição esteja clara, o termo ambição aparece muito pouco na obra de Cury. Talvez por sua visão estratégica e mercadológica, o autor tenha passado a representar a mesma ideia sob termos mais lúdicos como sonho, mais corporativos como projetos e mais difundidos como propósito. Parece que o público respondeu bem a essa mudança; ou será que o livro *O Vendedor de Sonhos* teria ainda mais sucesso se o título fosse *O Vendedor de Ambições*? Me parece que não, especialmente por nossa cultura ocidental ter sido moldada durante muito tempo em uma matriz religiosa que pregava a resignação, difamando os ambiciosos como se estivessem atentando contra a moral estabelecida.

Para exemplificar, a manutenção do sentido mesmo trocando os termos, tomo o trecho de outro livro em que Cury define, dessa vez, a palavra sonho:

“Há mais mistérios entre desejos e sonhos do que imagina nossa vã psicologia. Desejos são intenções superficiais, sonhos são projetos de vida. Desejos não resistem ao calor das perdas, sonhos criam raízes nas dificuldades. Até psicopatas têm desejos de mudança, mas só os que sonham transformam sua realidade” (CURY, 2015)

Aqui também há a superioridade sobre a força do desejo, e a comparação a um projeto de vida. E com essa simples troca de palavras, Cury retoma o tema da busca pelo sentido da vida, que vem sendo discutido pela filosofia e pelas religiões desde a antiguidade, fazendo referência a citações de Platão (1985), “A vida inteira precisamos de graça e gentileza” (CURY, 2015. p.22), e a Sartre, “Existência clama por significado” (CURY, 2015). Para ele, o amor pela vida está presente em cada ser humano, por isso cada um pode fazer algo que dê sentido à sua vida. Nesse assunto, o autor relaciona bastante as metáforas de “sonho” e de jornada que devemos percorrer e chega a dizer que os sonhos são como uma bússola indicando os caminhos que seguiremos e as metas que queremos alcançar.

Por isso, ele aconselha os leitores a repensarem o rumo de suas vidas e não deixarem seus sonhos morrerem, já que desistir dos sonhos é abrir mão da felicidade.

Em sua visão, por trazerem saúde para a emoção e transformar os inseguros em seres humanos de alto valor, os sonhos nos impulsionam, nos fortalecem e nos permitem crescer. Se os sonhos são pequenos, nossas possibilidades de sucesso também serão limitadas. Daqui já podemos levantar pelo menos alguns temas que se relacionam à ideia de sonhos na escrita de Cury, tais como: querer, dever, metas, objetivo, transformação, valorização, saúde, felicidade, e a antítese fracasso-sucesso.

Outra antítese em que Cury coloca os sonhos como condicionantes é a oposição liberdade-servidão, especialmente quando escreve que sem sonhos somos escravos vivendo em sociedades livres, e que sonhos sem projetos produzem pessoas frustradas, servas do sistema (CURY, 2016 – 3ª ed.). Ou seja, além de sonhos, precisamos de projetos que planejem a realização desses sonhos.

Para Cury, o esforço/dificuldade constitui o homem e suas experiências, que nos ensinam ainda mais quando direcionamos a dor e o fracasso para uma reflexão visando à melhoria. Os sonhos também são formas de mudarmos nossa perspectiva e postura diante do sofrimento (vendo-o como lição, ou etapa de um projeto maior), nos libertando do sistema de trabalho pela sobrevivência. Assim, podemos identificar que, na visão de Cury, os sonhos têm grande importância na criação de sentido e busca por prazer diante das adversidades. Sobre a mudança de perspectiva, ganha destaque a valorização que ele constrói sobre o poder de escolha de cada indivíduo, como na frase “o destino não está programado nem é inevitável. O destino é uma questão de escolha” (CURY, 2015). Apesar da importância dessas escolhas, em seus livros, elas são trabalhadas superficialmente já que muitos dos dilemas colocados pelo autor vêm acompanhados de opções dualistas e antagônicas, tais como se submeter ou se superar, dominar o medo ou ser dominado por ele.

Para finalizar a busca pelo sentido da vida, analisaremos a espiritualidade proposta por Cury. Resumidamente, ele coloca a espiritualidade como ferramenta para evitar que nossa paz e tranquilidade sejam sugadas pela angústia proveniente do vazio existencial e do fim da vida, como explica no trecho a seguir:

“No cerne da alma e no espírito humano há um buraco negro, um vazio existencial, que suga nossa paz diante das dores da vida e da morte. O fim da existência é o fenômeno mais angustiante do homem. Todos os povos desenvolveram um tipo de inteligência espiritual para entendê-lo e superá-lo” (CURY, 2003. p.109)

É interessante como Cury por algumas vezes tenta incorporar uma imagem de racionalidade a esse tema sob o nome de inteligência espiritual, é assim que aparece como título dos capítulos nos livros *Dez leis para ser feliz* e *12 Semanas para mudar uma vida*. Entretanto, fica evidente em outros trechos que muitas vezes se trata de uma crença criada pela não aceitação dos próprios limites, como quando diz que “o ‘eu’ não aceita o fim da existência, o caos último, o nada em si, o seu próprio extermínio. Ele só se consola se acreditar na continuidade da vida” (CURY, 2004. p.206)

2.4) GERENCIAMENTO DA EMOÇÃO E DO PENSAMENTO

Nesse final de capítulo, teremos como tema principal a gestão das emoções e dos pensamentos que começamos a ver quando Cury sugeriu que houvesse um controle sobre os afetos para que os recursos energéticos provenientes deles obedecessem uma ordem de sustentabilidade. Embora sejam dois grupos distintos, o autor explica que eles estão intrinsecamente ligados: “A gestão da emoção depende da gestão do pensamento. São duas gestões que completam o gerenciamento global da mente humana ou psique” (CURY, 2016, p.8)

Veremos nas próximas páginas como a proposta de Cury se estabelece como um trabalho que deve ser mantido por toda a vida, desde a formação dos indivíduos (na educação familiar e escolar) até sua fase madura, com *coaching* e psicoterapia.

Cury diz que nós sofremos influências variadas e muitas vezes não detectadas pela consciência, sejam estas vindas da mídia, das nossas companhias ou de outras fontes. Sobre a preservação da nossa espontaneidade diante das regras disciplinares, o autor dá mais peso à perda da essência, tratando-a como uma traição a si mesmo. Assim como já foi mostrado, ele se utiliza de alternativas antagônicas quando diz “Ou somos fiéis à nossa consciência ou damos ouvidos ao que os outros falam de nós” (CURY, 2016 – 3ª ed. p.183).

Embora ele traga a ideia de um “chamado da natureza” relativo ao sonho, é mais presente em sua bibliografia a abordagem de que cada um deve assumir seu papel na sociedade, cumprir sua missão, e “manter o foco para não se desviar de seu objetivo”. Dentre os livros que podemos identificar essa abordagem mais claramente estão os títulos *Dez Leis para ser Feliz*, *Treinando a Emoção para ser Feliz*, *Gestão da Emoção*, e *Mentes Brilhantes Mentes Treinadas*.

Esse pensamento fica ainda mais forte quando o autor destaca a importância de se saber unir disciplina com sonhos. Ele identifica como grandes sonhadores Jesus Cristo, Abraham Lincoln e Martin Luther King, e é na figura do primeiro que ele introduz o conceito de mestre. Para entender melhor a relação construída por Cury, vale aprofundarmos a análise sobre a construção da imagem de Jesus feita pelo autor e sua relação com os termos “mestre”, “disciplina”.

Primeiramente, o autor coloca a figura de Jesus Cristo como o Mestre da Vida, argumentando que ele nos deixou lições, “nos ensinou a viver”, até mesmo ao passar pelo máximo da “dor física e psicológica”. Cury destaca o comportamento dele como exemplo para acender as “luzes de nossa consciência”, já que o sofrimento refinou a “arte de pensar” de Jesus, e para tornar as pessoas “mais abertas para as infinitas maravilhas da existência”.

Nessa segunda análise, vamos descrever o termo “mestre”, que é definido no dicionário Michaelis como: indivíduo que possui o domínio de uma arte, ciência ou técnica; pessoa que exerce autoridade, controle ou domínio sobre outra(s); indivíduo que serve de guia ou conselheiro; diretor espiritual, mentor; pessoa que ensina uma arte ou ciência; professor; personagem proeminente do passado, cuja obra serve de modelo ou ideal para as gerações posteriores; coisa abstrata ou imaterial que exerce controle ou domínio.

Há ainda outras definições de “mestre” que o dicionário associa à parte náutica e marítima, tais como: oficial marinheiro que tem a seu cargo o aparelho e as manobras do velame; operário especializado em dirigir uma seção do arsenal concernente à sua competência; comandante de navio mercante de pouca importância; o contramestre mais antigo da embarcação mercante, que tem sob seus cuidados a

tripulação do convés. Levando-se em conta o extensivo uso da metáfora “jornada” representando a vida na obra de Cury, considero relevante buscarmos entender mais sobre esse termo que aparece inclusive em um dos títulos de seus livros, *Revolucione sua qualidade de vida: Navegando nas águas da emoção*.

A metáfora da navegação foi destacada por Foucault, no livro *A Hermenêutica do Sujeito* (2006, pp.302-303), por aparecer com frequência acerca da conversão a si e do retorno a si, temas que são posteriormente aprofundados na obra. Por enquanto, para nossa análise será útil o termo “pilotagem”, que Foucault trata como “a ideia da pilotagem como arte, como técnica a um tempo teórica e prática, necessária à existência”. Ao analisar o período da antiguidade grega, Foucault indica que a filosofia vinha cada vez mais fixando seu objetivo em torno de alguma coisa que se chamava *tékhne tou bíou*, isto é, a arte, o procedimento refletido da existência, a técnica da vida (FOUCAULT, 2006, pp.218-219).

Na terceira análise, encontramos no dicionário a definição do termo “disciplina” como: regime de submissão às normas ditadas pelos superiores; instrução, ensino e educação que a criança recebia do mestre; observância estrita das regras e regulamentos de uma organização civil ou estatal; comportamento exemplar; obediência às normas convenientes para o bom andamento dos trabalhos; mortificação imposta por má conduta.

Diante dessa análise inicial entre as definições dos termos “mestre”, “disciplina” e a imagem que Cury constrói de Jesus como Mestre da Vida, podemos identificar certos padrões e semelhanças para em seguida aprofundarmos nosso estudo. O mestre seria então aquele que nos ensina as regras e as técnicas da arte de se viver, às quais devemos nos submeter para termos o prazer do sucesso (e fugirmos do sofrimento que acompanha o fracasso) na nossa jornada, na nossa empreitada, no nosso aprendizado e na nossa luta. O mestre é, portanto, o guia, o diretor, o professor e o técnico para a vida.

Se nos submetemos à autoridade, influência, domínio e controle dessas regras, modificando nosso comportamento natural, chegando a alterar nossa consciência e nossa “arte de pensar”, de onde vêm nossos sonhos (caracterizado como algo

essencial da subjetividade)? Como são formados e quais são as condições para realizá-los? Para entender como Cury responde a essas questões, devemos nos aprofundar na sua bibliografia, e em especial no seu livro *O Vendedor de Sonhos*, cujo protagonista é tratado pelo narrador tanto como “mestre” quanto por “vendedor de sonhos”, permitindo-nos tecer a hipótese de que há uma relação entre os termos “mestre” e “sonhos” no seu discurso.

Para tanto, vale observarmos a retórica e a construção de imagem do próprio Cury como mestre, nas prescrições de mudanças de comportamento e pensamento que ele propõe em sua obra, como: *Dez leis para ser feliz*; *Manual dos jovens estressados*; *Doze semanas para mudar uma vida*. Sendo um guia para o direcionamento das pessoas, a figura do mestre, ou do escritor de autoajuda, é prescrita como um remédio para a cura dos males que o leitor tenha.

É constante na fala de Cury uma nova relação entre temas opostos: o equilíbrio. O exemplo mais relevante para nossa análise é quando ele indica que nossas ações precisam de 50% de sonhos e 50% de disciplina. Dessa forma, os sonhos tomam um papel inicial de motivação, e a partir desse início ganha destaque a disciplina para executá-los.

Diferentemente da ideia inicial de buscarmos os sonhos como algo espontâneo, a disciplina exerce um papel repressor e autômato numa lógica de produtividade claramente presente no discurso neoliberal, no qual ganha destaque o desempenho ou a performance na execução das diversas tarefas cotidianas. A base dessa disciplina, nos livros de Cury, se dá pelo gerenciamento da emoção, de modo que cada indivíduo deve controlar a si mesmo, ou seja, dominando seus impulsos naturais.

Como objetivo final de seus livros, Cury promete um direcionamento para se alcançar a excelência pessoal e profissional pela autogestão. Até mesmo a ansiedade, que ele tanto critica em alguns momentos, é amenizada como um benefício quando é direcionada para a produtividade.

O autor chega a fazer uma distinção dessa autogestão em dois grupos, um para os pensamentos e outro para as emoções. Com base nessa divisão, gerenciar os

pensamentos seria ser livre para pensar, mas não escravo dos pensamentos, tendo uma mente relaxada, tranquila, com pensamentos não tão agitados. Outra característica dessa gestão intelectual é governar a construção de pensamentos que debilitam e bloqueiam a inteligência, dominando os pensamentos que produzem transtornos psíquicos.

Pelo lado das emoções, o gerenciamento tem como funções desenvolver a mansidão, a tranquilidade, a tolerância; resgatar o sentido da vida, mesmo nas contrariedades; reciclar as emoções que bloqueiam a inteligência; expandir a energia do amor, da satisfação, da paz interior; e destruir as causas da ansiedade, do medo e da insegurança.

Um dos temas com maior recorrência na obra de Cury é o da formação de pensadores. Ele define essa expressão como o ensino inicial da gestão dos pensamentos e das emoções, que, segundo ele, deve ser adotado nos ambientes que caracterizam o processo de formação da infância e juventude: a casa e a escola. Dentro as dezenas de títulos publicados pelo autor, os três que melhor representam esse tema são *Filhos Brilhantes Alunos Fascinantes*, *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* e *Pais inteligentes formam sucessores, não herdeiros*.

Por toda a relação que o autor desenvolve com a imagem de Cristo, trazendo a figura do mestre como líder religioso e pedagógico, e pela semelhança da forma com que apresenta suas leis a mandamentos religiosos, identifiquei nesse processo de formação uma prática similar à catequese cristã, que ensina os preceitos básicos de como o jovem fiel deve seguir os mandamentos divinos e evitar as tentações que podem levá-lo aos pecados. Algumas horas depois de escrever a frase anterior, encontrei no livro *Pais Brilhantes Professores Fascinantes* uma informação providencial e para demonstrar que minha percepção foi comprovada, coloco a lista encontrada a seguir:

Os Sete Pecados Capitais dos Educadores

1. Corrigir publicamente
2. Expressar autoridade com agressividade
3. Ser excessivamente crítico: obstruir a infância da criança

4. Punir quando estiver irado e colocar limites sem dar explicações
5. Ser impaciente e desistir de educar
6. Não cumprir com a palavra
7. Destruir a esperança e os sonhos

Em relação à educação familiar, o psiquiatra critica a ansiedade dos pais que depositam muitas expectativas na formação dos filhos, destacando que os resultados futuros virão a seu devido momento e que o excesso de pressão pode inclusive comprometer o desenvolvimento sadio das crianças. Por isso, ele coloca como primeiro passo da formação a autoanálise dos próprios formadores, argumentando sobre a importância de sua influência, como vemos no trecho a seguir: “pessoas saudáveis têm mais condições de contribuir para formar pessoas saudáveis. Pessoas flexíveis e com autoestima elevada têm mais condições de educar pessoas livres e bem-humoradas” (CURY, 2011. p.163)

A educação é tratada por Cury como a tarefa mais complexa do mundo moderno e diz que é mais fácil errar na educação do que se imagina. Lembra também que não basta boa vontade, já que pais bem-intencionados também falham. Logo depois de fazer esses alertas e críticas, ele passa técnicas, que na verdade são comandos (já que quase todas são ações com verbos conjugados no imperativo). Coloco a seguir as técnicas do livro Pais inteligentes formam sucessores, não herdeiros:

- . Ensinar as armadilhas do ritual de consumo
- . Ensinar o consumo responsável
- . Exemplos influenciam mais que palavras
- . Transformar dificuldade em oportunidade
- . Ensinar a complexidade, a brevidade e a beleza da vida
- . Não seja um manual de regra

- . Nutra a personalidade deles com a sua história
- . Não superproteja
- . Proteja a emoção do agredido
- . Ensine o valor da liberdade e negocie os limites
- . Pratique a arte da gratidão
- . Agradeça a seus filhos e alunos por existirem
- . Seja tolerante
- . Abandone o vício de reclamar
- . Seja equilibrado
- . Não dê bens materiais em excesso
- . Seja transparente e cumpra o que promete
- . Não ceda a chantagens
- . Dialogue: exalte primeiro, para depois criticar
- . Seja simpático, carismático e empático
- . Gerencie sua mente
- . Aplique e ensine a técnica do DCD e da mesa-redonda do Eu
- . Faça atividades relaxantes
- . Seja altruísta e coopere
- . Seja contador de histórias
- . Use o raciocínio complexo
- . Os melhores sucessores dependem de uma nova agenda
- . Ensine o que é a ansiedade produtiva e a ansiedade doentia
- . Invista na felicidade dos outros

. Não seja impulsivo, faça a “oração” dos sábios

Ao todo são 30 técnicas listadas acima e ao final do livro ele ainda complementa com mais dez ferramentas para que educadores inteligentes formem sucessores:

. Surpreenda mais, saia do cárcere da mesmice, seja inventivo e diga frases novas

. Quando criticar, primeiro conquiste o território da emoção

. Faça-se pequeno para tornar os pequenos grandes

. Dê aquilo que o dinheiro não pode comprar

. Seja simpático, treine distribuir sorrisos e cumprimentos

. Aprenda a escutar, e não apenas a ouvir

. Relaxe mais. Dê mais risada

. Quem é apenas um manual de regras está apto a lidar com máquinas, mas não a formar pensadores

. Aposte tudo naqueles que têm pouco

. Seja resiliente e ensine a resiliência

No total, o livro traz 40 comandos bem diretos para os pais seguirem. Me pergunto qual é o espaço que cabe aos leitores para escolherem a forma com que vão criar seus filhos se tanta coisa já está definida no livro. Também questiono a estratégia inicial do autor em focar na crítica aos pais, destacando mais os erros do que os acertos. Como os resultados podem ser melhores se a base do ensino priorizar o medo em vez da confiança?

Sobre as técnicas e ferramentas destaco a eliminação da espontaneidade das emoções (Dê mais risada; Treine distribuir sorrisos), as estratégias de manipulação do outro (Quando criticar, primeiro conquiste o território da emoção; Seja carismático; Exalte primeiro, para depois criticar); o alinhamento às demandas do mercado de

trabalho e às tendências de comportamento (Seja resiliente e ensine a resiliência; Ensinar o consumo responsável); a mistura da cultura terapêutica com o culto do desempenho (Ensine o que é a ansiedade produtiva e a ansiedade doentia), e a ironia de proibir o pragmatismo como item de uma enorme lista de regras (Não seja um manual de regra).

Se para falar dos pais Cury já adotou uma postura crítica, em relação à educação escolar ele é ainda mais duro. Na sua escala de prioridades, aprender a conviver com pessoas e com conflitos vale muito mais do que diplomas, e, nesse ponto, o sistema educacional estaria na contramão, formando pessoas psicologicamente doentes por ser excessivamente cartesiano. No trecho a seguir a crítica vem com o alerta sobre os riscos de uma má educação:

“Por que as sociedades modernas estão se tornando uma indústria de pessoas doentes? Porque o sistema educacional está doente. Quanto pior a qualidade de educação, mais importante será o papel da psiquiatria e da psicologia clínica neste século” (CURY, 2011. p.181)

Contrastando com essa visão pessimista, Cury utiliza mais uma vez a ideia de sonhos, dessa vez para apresentar propostas para o seu projeto de escola:

A Escola dos Nossos Sonhos

1. Música ambiente em sala de aula
2. Sentar em círculo ou em U
3. Exposição interrogada: a arte da interrogação
4. Exposição dialogada: a arte da pergunta
5. Ser contador de histórias
6. Humanizar o conhecimento
7. Humanizar o professor: cruzar sua história
8. Educar a autoestima: elogiar antes de criticar
9. Gerenciar os pensamentos e a emoção
10. Participar de projetos sociais

Lembrando que anteriormente ele havia listado os sete pecados capitais dos educadores, agora podemos considerar seus dez itens da Escola dos Nossos Sonhos como os dez mandamentos para a salvação do ensino escolar.

Perseverança (formação continuada)

Assim como após a fase da catequese, a doutrina cristã prevê a prática da perseverança para seguir o processo de formação religiosa, Cury defende que mesmo após a juventude, os indivíduos continuem sua formação na gestão das emoções e pensamentos. Com a saída do protagonismo familiar e escolar, entram em cena o *coaching* e a psicoterapia. Enquanto o primeiro tem a função de estimular e treinar habilidades, o segundo se prontifica a tratar de conflitos e transtornos, e juntos eles se complementam para contribuir com o desempenho socioemocional no Programa de Gestão da Emoção divulgado por Cury.

O psiquiatra considera que quem exerce a função de *coach*, em especial na gestão da emoção, deveria ter uma sólida formação acadêmica, de preferência nas áreas de ciências humanas, como psicologia, filosofia ou sociologia. Isso porque a gestão da emoção é a base de todos os tipos de *coaching*: desempenho profissional e pessoal (*life coaching*), gestão de carreira, gestão de pessoas, otimização do tempo, construção de relacionamentos e inteligência financeira (CURY, 2016. p.8)

O termo *coach* se deve justamente pela característica básica da atividade que é treinar, promovendo os mais diversos tipos de exercícios com destaque para os voltados às habilidades intelectuais, pessoais e profissionais.

Cury tece ligações entre a prática de *coaching* com treinamentos variados de outras épocas, geralmente associando a períodos de apogeu, como o a antinguidade grega e o império romano (CURY, 2016. p.77) e a figuras de destaque. Essa relação criada pelo autor parece ser uma tentativa de respaldar historicamente um mercado recente e ainda em consolidação. Vejamos a releitura de um dos filósofos mais famosos nas palavras de Cury: “Sócrates era um *coach* especialista na arte de

perguntar. (...) O método socrático é uma técnica de *coaching* emocional fundamental para libertar o imaginário e formar pensadores” (CURY, 2016. p.53).

A fragilidade desse recente mercado se comprova quando Cury lamenta que nem o coaching nem a psicoterapia são profissões regulamentadas no Brasil, o que torna mais difícil o processo de formação, aprendizado e treinamento (CURY, 2016. 18). Para diferenciar o escopo do coaching e da psicoterapia, o autor lista pelo menos quinze áreas nas quais o treinamento pode ajudar a expandir:

1. Eficiência profissional
2. Reciclagem de falsas crenças
3. Descaracterização de paradigmas limitantes
4. Ruptura com o cárcere do conformismo
5. Capacidade de reinventar-se nas crises
6. Promoção do raciocínio complexo de pensamento estratégico
7. Liderança e gestão de pessoas
8. Expansão do potencial criativo
9. Habilidade de pensar antes de reagir
10. Empatia
11. Carisma
12. Relações saudáveis
13. Formação de pensadores
14. Fomento da resiliência
15. Prevenção de transtornos psíquicos

Enquanto o último item da lista do *coaching* traz a prevenção de transtornos psíquicos, as técnicas da psicoterapia atuam nos transtornos mentais já instalados.

Para encerrar este capítulo com o tema da psicoterapia, vale lembrar que apesar de ser destacada nos títulos de alguns livros como solução para diversos problemas (*Ansiedade - Como Enfrentar o Mal do Século, Superando o Cárcere da Emoção, Controle o estresse - Saiba como encontrar equilíbrio*) e como auxílio para melhorar nossas condições de vida (*Dez Leis para Ser Feliz, Revolucione sua qualidade de vida*), a saúde mental aparece no discurso de Cury geralmente subordinada à necessidade de aprimorar habilidades cognitivas em prol do desempenho intelectual e eficácia no campo profissional.

Essa talvez seja uma das mais importantes considerações desse estudo, já que o sucesso da venda de livros está atrelado a uma divulgação que utiliza nobres bandeiras como a educação, a felicidade, e a saúde (onde constantemente se alerta para a expansão da depressão e do suicídio) para destacar-se (CURY, 2011, pp. 189-190), mas a olhos mais atentos a mensagem mais enfatizada é a de que devemos render mais no trabalho e nas outras demandas da vida.

Tomado como expoente do gênero de autoajuda no Brasil das últimas duas décadas, o discurso de Augusto Cury mistura estrategicamente muitos temas, promessas e diferentes referências como a filosofia, a medicina e a religião para se credenciar e estimular a produtividade dos profissionais de diferentes mercados, especialmente do que vende aconselhamentos.

2.5) Psicologia aplicada ou psicologia positiva

Antes de partirmos para o terceiro capítulo, vamos tratar de um tema que resume boa parte dos pontos abordados no segundo, a psicologia positiva. O interesse aqui é entendermos mais a fundo o que seria a psicologia aplicada a que Cury se refere para legitimar cientificamente seu trabalho (visto no primeiro capítulo) como superior ao gênero literário da autoajuda.

É importante esclarecer que quase todo material consultado para essa análise foi publicado antes de que Cury lançasse seu primeiro livro, e, portanto, os mesmos conceitos quando utilizados por ele não trazem o ineditismo que ele gosta de associar

à sua imagem como quando declara que é o primeiro pesquisador a desenvolver um programa de gestão da emoção. Cury lança seu primeiro livro em 1998, o livro de Rudiger é de 1996 e utiliza exemplos de Bristol (1932 e 1948) e Atkinson (1900, 1906 e 1908).

A origem da psicologia positiva está associada a uma resposta frente à psicologia tradicional, que focava nas patologias e na fraqueza, passando a incorporar um pragmatismo acentuado. Embora os registros indiquem que sua expansão está relacionada com o mercado de autoajuda, é interessante notar as diferentes abordagens de pesquisadores sobre o tema. Freire Filho (2010. p.59) destaca a relação dessa nova vertente psi com o movimento de Nova Era e questiona as credenciais acadêmicas propagandeadas pelos profissionais que, segundo ele, reverberam fórmulas de como se viver bem ou pensamentos já compilados por autores da autoajuda. Por isso, a maioria das chamadas descobertas científicas da psicologia positiva não passaria da confirmação das verdades intuitivas do senso comum.

A visão otimista da natureza e do desenvolvimento humano é, segundo Freire Filho (2010. p. 63), uma herança de movimentos predecessores como a psicologia humanista. É interessante ver que assim como Cury se vende como inédito em alguns aspectos, seus antecessores da psicologia positiva também buscavam realçar a si mesmo como portadores de uma novidade, escamoteando ou renegando suas ligações com correntes psicológicas do passado.

Na abordagem de Rudiger, a psicologia positiva já se apresenta desde a virada do século XIX para o XX, tendo como exemplo o livro *A força do pensamento*, lançado originalmente em 1900 por William Atkinson e publicado no Brasil em 1938 pela editora Cultrix, a mesma editora que lançou o primeiro livro de Cury.

Desde seu início, a psicologia positiva já tinha como objetivo aumentar a eficácia mental, já que a mente era tida como um capital privado que pode ser colocado a serviço do sujeito, constituindo um bem para o indivíduo, como Rudiger comprova resgatando um trecho do livro *A mágica da vontade*, de 1948:

A mente consciente não é apenas um poderoso armazém de material sempre pronto para usar e que pode ser posto à disposição da consciência, mas também uma usina de energia com a qual o indivíduo pode ser carregado, capacitando-o para descobrir a força, a coragem e a fé em si mesmo. (BRISTOL 1948 apud RUDIGUER 1996)

Na fala de Bristol podemos identificar claramente como a instrumentalização da subjetividade e sua identificação como recurso energético já estavam ligadas às ideias de capacitação e força 50 anos antes de Cury se lançar como escritor.

Outra clara semelhança entre Cury e seus antecessores da psicologia positiva é a crença de que os problemas do indivíduo podem ser resolvidos pela transformação do pensamento negativo em positivo. Como diz Rudiguer, essa mentalização positiva se dá pela autogestão e controle da mente, cabendo ao indivíduo desenvolver o hábito de planejar mentalmente suas ações e combinar a vontade energética de realizá-las. Essa combinação de condições aparece em Cury quando ele indica que nossas ações precisam de 50% de ambições (sonhos) e 50% de disciplina.

A divisão entre o pensamento positivo e negativo também ganha outra roupagem no discurso de Cury, mas é identificada, por exemplo, quando ele classifica o gasto de energia emocional como útil ou inútil de acordo com sua influência no desempenho profissional, intelectual e social.

Para esclarecer o contexto histórico em que o mentalismo ou a nova psicologia redefiniu a prática de autoajuda, Rudiguer (1996) destacou as quatro maiores mudanças que se deram no período:

- *A preocupação em formar o caráter cedeu passo ao objetivo de transformar o indivíduo em pessoa de sucesso*
- *O comprometimento com o cumprimento dos deveres foi substituído pela preocupação em satisfazer os desejos através da prática da auto-gestão*
- *O fundamento da condução da vida transferiu-se do plano dos costumes para a dimensão do poder da mente*
- *As valorações que distinguiam moralmente o caráter cederam lugar às valorações supramorais que devem constituir o poder e a harmonia da personalidade*

Ao final de seu texto, Rudiguer revela que dos quatro destaques o que mais alterou o conceito de autoajuda foi sua conversão de modelo de ação moral (com base

no uso da força de vontade) em um programa psicológico dirigido para a construção do poder pessoal.

O destaque da psicologia positiva para Freire Filho fica por conta da felicidade, que passa a corresponder a um amplo nivelamento de satisfação obtido quando exploramos o melhor de nós mesmos. Além disso, a felicidade constitui, para a psicologia positiva, tanto uma ambição individual quanto uma obrigação social (FREIRE FILHO, 2010. p.62).

O material encontrado sobre psicologia positiva traz diversos aspectos e exemplos interessantes, mas busquei selecionar os que tinham maior ligação com o discurso de Cury e relevância com minha pesquisa, e julgo satisfatório o que vimos até aqui.

CAPÍTULO 3:

CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE DO SURGIMENTO DAS NARRATIVAS DE AUTOAJUDA

Depois de termos analisado as técnicas e estratégias utilizadas por Cury em seu discurso de autoajuda, buscaremos quais foram as condições de possibilidade de surgimento e de expansão do movimento de autoajuda assim como dos produtos que ele gerou. De tais condições tratará esse terceiro capítulo, destacando três principais recortes desse processo: a perda de referências, a mercantilização da vida e a instrumentalização da subjetividade.

Antes de iniciarmos esses três temas, colocaremos os principais precedentes que geraram essa tríade tendo em mente a relação entre descoletivização e desnarrativização do mundo.

Quanto a desvalorização do sentimento de união, se vemos as formas de relacionamento interpessoal se apresentarem majoritariamente como conexões (que podem ser múltiplas, efêmeras e pragmáticas) na contemporaneidade, podemos identificar que os laços estabelecidos pelas pessoas na modernidade (coletivamente com o contrato social e individualmente com o imaginário amoroso) já demonstravam um afrouxamento em relação aos vínculos (baseados no amor incondicional de deus) estabelecidos durante a idade média (TUCHERMAN, 2015).

É o indivíduo isolado, desorientado e desaconselhado que resta após o declínio de uma tradição comum, que garantia uma experiência coletiva na qual o trabalho e o tempo eram partilhados, em um mesmo universo de prática e de linguagem. No momento em que a experiência coletiva se perde e a tradição comum não oferece nenhuma base segura, outras formas de narrativas tornam-se dominantes, motivadas pela busca de uma explicação (BENJAMIN, 2014).

Para confirmarmos a visão de Benjamin, basta resgatarmos a estratégia de Cury de desvalorizar o cenário atual (estimulando o sentimento de angústia e medo) para ele mesmo sugerir, na sequência, a solução salvadora que guiará todos a uma melhoria em suas vidas.

A descoletivização e a desnarrativização geral do mundo reforçam o sentimento de transitoriedade em um ambiente que não promete duração, acarretando o surgimento de inquietações e nervosismos, e caracterizando a carência do ser (HAN, 2018). No discurso de Cury, podemos identificar essa inquietação em trechos em que ele generaliza que a sociedade está doente, perdida e louca.

3.1) Perda da experiência coletiva (ou Desnarrativização geral do mundo)

Em grande parte do nosso planeta, os agrupamentos que se formavam e se estabeleciam buscavam interpretar a natureza para manter sua sobrevivência e prosperidade. Ainda sem a definição das leis naturais da Terra, tais como gravidade e ciclo da água, muitas tribos criaram personagens para interpretarem essa autogestão

natural. Se, em algumas regiões onde hoje se encontra o Brasil, o trovão era representado por Tupã, o sol inspirou a criação de Rá em terras egípcias, assim como Iemanjá era a divindade do mar na costa africana, nas proximidades da atual Nigéria. Geralmente esses personagens estão atrelados a histórias (mitos) que contextualizam suas variações.

Com o aumento da complexidade desses grupos, seus membros precisavam estabelecer regras de convívio, e algumas dessas histórias se aliaram a preceitos morais, dando origem às primeiras experiências religiosas. Sobre a moral, a crítica nietzschiana (1998) se baseia no apontamento feito por Espinosa (2013) de que os valores de bem e mal, em algum momento e lugar foram criados por algum ser humano, sob interesse desse. E, para não serem questionados, foram envoltos de uma aura mística ocultando sua origem e remetendo-os a um mundo inalcançável da espiritualidade e do suprasensível.

Mais um ponto merece ser destacado dessa genealogia sobre a moral, a violência. Não faltaram castigos e até torturas nesse processo de repressão dos instintos, para que as regras fossem impostas. Mas além da mão de quem bate, tem a violência do instinto que quer revidar e não pode. O homem teve que lidar com essa dupla violência, uma externa e outra interna, redirecionando para a única vítima que lhe era disponível, ele mesmo. Como vemos na obra de Nietzsche, o homem, não podendo ser aventura, se torna ele mesmo uma aventura para si, no exercício da crueldade sobre si. Ele não abre mão desse sadismo, ele o interioriza. Portanto, essa paz alcançada por um suposto progresso da razão tem na verdade sua origem em torturas e em sangue derramado.

Freud (2016) compartilha com Nietzsche a perspectiva de que, ao longo de toda sua história, o homem tem sido violento, e de que, assim, a cultura tem sua origem na crueldade. Inclusive, ele também analisa sob esse processo sob a ótica da saúde, dizendo que “quando uma tendência instintual sucumbe à repressão, seus elementos libidinais se transformam em sintomas, seus componentes agressivos, em sentimento de culpa” (FREUD, 2016, p.86) e que a inibição do desejo pode causar formas doentias de comportamento, como psicoses, neuroses, angústias e desespero.

A partir desse ponto, entretanto, Freud traça um novo destino para sua interpretação, bem distante de onde Nietzsche apontava. Para o pai da psicanálise, há um desejo humanístico de pacificação e fraternidade, por isso a sublimação é um processo positivo, justamente por transformar a crueldade em sensações brandas. Nesse novo caminho, a sublimação dos desejos seria a moeda de troca da civilização: a comunidade nos protege dos instintos dos outros indivíduos, e, em troca, temos que abrir mão dos nossos.

Essa complexidade na organização social também era acompanhada de um acúmulo de conhecimento gerado pelo grupo em diversas questões, como agricultura, alvenaria e cuidados com o corpo.

Gozando de distintos conhecimentos, o valor da racionalidade foi defendido por pensadores em diferentes épocas dentre os mais conhecidos estão os filósofos da Grécia antiga, como Sócrates que argumentava que antes de entender o outro, cada um deveria conhecer-se a si mesmo. Condicionando o autoconhecimento como base para buscar conhecer a verdade, o pensamento socrático acabou estimulando a antropologia (voltada para o conhecimento do homem).

Nesse período conhecido como socrático, a filosofia se volta para o questionamento das ideias e práticas que direcionam os comportamentos dos seres humanos tanto como indivíduos como cidadãos. Baseados nos textos socráticos, diversos pensadores introduziram um raciocínio de intencionalidade no movimento da vida, que, no fundo, está baseado em uma inversão da relação causa-efeito. O que se torna efeito em função do *acaso*, é retratado como *telos*, colocando-se posteriormente o *efeito* na *origem*.

Essa crença no *telos*, na razão, se expande para a ciência e para a história, gerando diversas teorias como a explicação adaptacionista de Lamarck ou o evolucionismo de Darwin, assim como o ideal de progresso científico e progresso civilizatório prometendo uma felicidade. Vale notarmos que, ainda no século XXI, mantém-se a explicação adaptacionista (que já estava presente no século XIX) em campos de estudo como a neurociência.

No final da Idade Média, a chamada peste negra assolou a Europa, destruindo colheitas e matando a vida de pessoas e animais que dependiam dela. Para sobreviver, muitas pessoas migraram para aldeias formadas nas proximidades dos castelos que governavam o sistema feudalista. Com o aumento populacional dessas áreas urbanas, desenvolveram-se atividades ligadas ao artesanato. Nesse período as relações de trabalho se davam por juramentos: na vassalagem, a fidelidade oferecida por um inferior era retribuída com a proteção de seu superior; e nas confrarias, os membros (tecelões, comerciantes, ferreiros entre outros) se ligavam por meio de um juramento de confiança recíproca. Dessas aldeias, ou burgos, nasce uma classe social que desde o início do século XV experimentam um desenvolvimento econômico e social em certas regiões do continente europeu, a burguesia.

Esse enriquecimento gerado por uma forma inicial do capitalismo gera um deslocamento de poder econômico e social que não condiz mais com as estruturas políticas anteriores. O desejo de liberdade se fortalece nas cidades que estavam até então sob o domínio de barões, reis, imperadores e da igreja. Esse desejo político se infla de um fôlego teórico resgatado pelas obras de pensadores greco-romanos durante o Renascimento. Além da república, a retomada à antiguidade clássica é lida e aplicada com tratados de medicina, arquitetura, matemática, filosofia e história.

Influenciado por todas as facilidades geradas pelo conhecimento científico se tornaram cada vez mais frequentes e intensas as contestações e os questionamentos diante das religiões. Os movimentos mais marcantes que se seguiram nos séculos seguintes certamente foram a Reforma Protestante e a Contra-Reforma da igreja católica para tentar dar conta de tantos posicionamentos e explicações retrógradas diante da popularização das descobertas da ciência.

O historiador Eric Hobsbawn identifica que a descristianização já estava difundida entre os homens nas classes instruídas desde o final do século XVII ou do início do século XVIII em certas partes da Europa. E complementa que embora as classes populares ainda seguissem a fé católica, a ideologia de um iluminismo antitradicional, progressista e racionalista se encaixava como uma luva no ascendente classe média. (HOBSBAWN, 2014. p.341-342)

Cada vez mais a manutenção da fé precisava de argumentos racionais, e devido à incompatibilidade de ambos em diversos temas, cresceu o movimento de laicização. Alguns estados começaram a ver uma brecha para livrar-se da influência política da igreja, representada pela figura do papa. A Alemanha foi uma das primeiras nações a fazer essa separação.

Entre os franceses, há diversas tentativas de se criar uma moralidade burguesa anticristã equivalente à cristã nas gerações pós-revolucionárias. Essa abertura para a mudança seguiu até que não havia mais a necessidade de manter as aparências, adotando-se uma moralidade leiga oficial, com base em conceitos morais como a “solidariedade”. Hobsbawn (2014) traz também exemplos da Alemanha, do Reino Unido e dos Estados Unidos da América para mostrar que embora ainda tivesse maioria numérica, a religiosidade tradicional não era mais dominante, e a prova mais evidente dessa mudança é que, com as revoluções americana e francesa, as principais transformações políticas e sociais daquele período foram secularizadas e o cristianismo foi colocado de lado. E essa base foi seguida por muitos movimentos revolucionários que se seguiram. O exemplo se expandiu a tal ponto que a ideologia e da nova classe trabalhadora e dos movimentos socialistas do século XIX foi secular desde o princípio.

Frente a esse movimento de racionalização e afastamento da fé tradicional surgiram religiões mais irracionais e emocionalmente compulsivas. Sua expansão pelas massas se dá por diversas razões, as mais significativas para nosso estudo são: era, principalmente, um método de luta contra a sociedade cada vez mais fria, desumana e tirânica do liberalismo da classe média; e um meio de dar às pessoas com pouco estudo uma expressão primitiva de seus descontentamentos e aspirações. Sua superstição e literalismo respondiam contra toda uma sociedade em que dominava o cálculo racional, como também reagiam contra as classes superiores que deformavam a religião com seus novos hábitos e costumes..

Dessa reforma dupla, podemos afirmar que a maior discussão gerada era a direção para a qual a sociedade deveria caminhar. Os que defendiam o progresso com base iluminista comprovavam que o controle técnico da humanidade sobre a natureza aumentava cada vez mais. A burguesia liberal e o proletariado socialista tinham, pelo

menos, um ponto de concordância, o de que a aplicação da razão podia aperfeiçoar tanto a sociedade quanto cada indivíduo. Essa ideologia do progresso mantinha as forças e métodos da revolução científica do século XVII, e pode ser definida no trecho a seguir:

Seus hipóteses gerais sobre o mundo e o homem estavam marcadas por um penetrante individualismo, que se devia mais à introspecção dos indivíduos da classe média ou à observação de seu comportamento do que aos princípios *a priori* nos quais declarava estar fundamentada, e que se expressava em uma psicologia (embora a palavra ainda não existisse em 1789) que fazia eco com a mecânica do século XVII (HOBSBAWN, 2014. p.365)

Na análise do historiador, para o liberalismo clássico, o mundo humano era formado por átomos individuais procurando cada um a seu modo aumentar suas satisfações e minimizar seus desprazeres. Assim, na Declaração de Independência dos Estados Unidos, cada homem era “naturalmente” possui vida e liberdade para buscar sua felicidade.

Com base nesse liberalismo, a prática dos contratos se perpetuava pela manutenção de parcerias em busca de vantagem pessoal numa competição desenfreada. É claro que em troca das vantagens, o contrato estipulava uma redução da liberdade ilimitada que era natural ao homem para buscar o objetivo maior de cada indivíduo (a felicidade) e o objetivo da sociedade (a maior felicidade do maior número de pessoas).

Essa visão utilitarista tem como um dos maiores ícones os filósofos Thomas Hobbes e John Locke, e defende a propriedade privada, a liberdade individual e de empresa; e teve como início a publicação *A riqueza das nações* (1776) de Adam Smith. Segundo a concepção de Hobbes, o “homem é o lobo do homem”, em Estado de Natureza, prevaleceria a luta de todos contra todos, estimulando em toda e qualquer pessoa o medo da morte.

Teorizando sobre um outro estado de natureza, Jean-Jacques Rousseau imaginou um ambiente de felicidade natural e boa convivência, na qual os primeiros humanos viveriam como bons selvagens. Entretanto, segundo ele, essa paz reinou até que alguém demarcou um pedaço de terra. Esse nível de organização social baseado na propriedade privada daria início ao Estado de Sociedade (que seria o estado inicial

da teoria de Hobbes). Para dar conta dessa disputa generalizada, esses pensadores propuseram suas ideias de contrato social.

Por eliminar drasticamente a moralidade e o dever em uma redução ao cálculo racional, entre outras razões, o utilitarismo nunca chegou a abranger toda a ideologia da classe média. E podemos dizer que, sem limites para conter a ganância capitalista, o que se viu foi em grande parte a exploração dos trabalhadores por industriais que tentavam maximizar seus lucros, assim como grandes corporações que compravam ou faliavam seus concorrentes menores para aumentar suas riquezas. A concentração de renda era sinal de que a teoria de busca pela felicidade do maior número de pessoas não tinha muita aplicação fora dos livros. Na verdade era ainda pior, já que a injustiça do sistema que aumentava cada vez mais a desigualdade de rendas (“os ricos ficando mais ricos e os pobres mais pobres”) não era um acidente, mas o produto das operações do sistema. (HOBBSAWN, 2014. p.376)

Apesar de muitos autores de autoajuda tentarem remeter a origem do gênero para a Grécia antiga, a análise acadêmica tem considerado o lançamento do livro *Selfhelp* (traduzido como *Ajude-se*), em 1859, do médico escocês Samuel Smiles.

Segundo um artigo do *The Historical Journal*, em sua trajetória profissional, Smiles se engajou na luta por ideais que contemplavam o conjunto da sociedade. Porém, ao longo de sua atuação, viu projetos coletivos falharem por diferentes motivos, com destaque para um Estado aristocrático que não concedia muito. Assim, Smiles transferia a importância da educação pública para o campo do desenvolvimento individual de acordo com que se desiludia no campo da luta política. (MORRIS 1981 apud CASTELLANO 2014)

Smiles parte da ideia de que nem as melhores instituições podem oferecer ajuda ao homem, e que a função do governo é mais restritiva e negativa do que positiva e ativa. Segundo a visão dele, as instituições privadas ofereceram melhor condição de vida à população, e por isso ele chegou a chamar os empreendedores de “heróis industriais do mundo civilizado”. Com base nisso, ele funda sua ideia de autoajuda com o ideal de que os indivíduos se melhorem por meio da ação individual livre e independente, diminuindo a importância na luta para que as leis sejam alteradas e as instituições modificadas.

Rudiguer (1996) destaca que Smiles buscou ensinar como o indivíduo deve tomar posse de si e mesmo assim não ser egoísta, numa tentativa de conciliar o exercício da liberdade com a permanência dos valores morais:

A concepção de auto-ajuda que se esboça nesse momento precisa ser compreendida no contexto nas sucessivas tentativas de fundamentar moralmente o individualismo que surgiram a partir do séc. XVII. O problema de fundo presente nela não era novo. Desde o princípio, a modernidade colocou ao pensamento o problema da justificação moral em um mundo estruturado de maneira individualista.(RUDIGUER, 1996. p. 245)

Dessa forma, mesmo que as ações a serem desempenhadas se baseiem na moral comunitária, o caráter deve ser trabalhado em prol do próprio indivíduo. A autoajuda passa a servir como justificativa moral ao individualismo, pois serve para que as pessoas não tirem proveito da ajuda alheia.

A literatura de autoajuda cresceu nos EUA, que é o maior consumidor do gênero, e se expandiu para o mercado do Brasil, que, depois de décadas de importação dessas obras, atingiu no fim do século XX uma considerável produção nacional e hoje é o segundo maior consumidor desse mercado no mundo.

O mapeamento de Rudiguer mostra claramente essa entrada no país. Mapeando o mercado de autoajuda no Brasil, vemos que de 1910 a 1992, dos 30 livros mais vendidos, 27 eram de autores norte-americanos, e apenas 3 eram de brasileiros (todos ligados à temática do sucesso). Desses 2 eram do padre Lauro Trevisan (*Você pode se pensa que pode*, e *Você pode alcançar riquezas*) e um do médico Lair Ribeiro (*O sucesso não ocorre por acaso*). Além de sua relação profissional com a religião e a saúde, notemos que os raros representantes dessa lista surgiram no fim do século (Trevisan na década de 1980, e Ribeiro na década de 1990), enquanto os norte-americanos começaram seu domínio no mercado desde o início: Atkinson (1912), Mulford (1915) e Turnbull (1918).

ANEXO
A LITERATURA DE AUTO-AJUDA NO BRASIL

Quadro 1
BEST-SELLERS DO GÊNERO,
POR NÚMERO DE EDIÇÕES, DURANTE O PERÍODO 1910-1992*

1. Carnegie, D. <i>Como fazer amigos e influenciar pessoas</i> , 1939	42.ed.
2. Peale, N. <i>O poder do pensamento positivo</i> , 1956	38.ed.
3. Murphy, J. <i>O poder do subconsciente</i> , 1968	36.ed.
4. Trevisan, L. <i>Você pode alcançar riquezas</i> , 1986	30.ed.
5. Carnegie, D. <i>Como viver sem preocupações</i> , 1949	29.ed.
6. Bristol, C. <i>TNT: nossa força interior</i> , 1962	28.ed.
7. Ribeiro, L. <i>O sucesso não ocorre por acaso</i> , 1991	27.ed.
8. Hay, L. <i>Você tem poder de curar sua vida</i> , 1990	25.ed.
9. Trevisan, L. <i>Você pode se pensa que pode</i> , 1984	22.ed.
10. Murphy, J. <i>O poder cósmico do subconsciente</i> , 1973	20.ed.
11. Murphy, J. <i>Para viver melhor</i> , 1969	18.ed.
12. Dyer, W. <i>Seus pontos fracos</i> , 1978	17.ed.
13. Murphy, J. <i>Telepsiquismo</i> , 1974	16.ed.
14. Peale, V. <i>Como confiar em si mesmo</i> , 1958	16.ed.
15. Robbins, A. <i>Poder sem limites</i> , 1989	15.ed.
16. Buscaglia, L. <i>Vivendo, amando e aprendendo</i> , 1984	15.ed.
17. Silva, J. <i>O método Silva de controle mental</i> , 1984	15.ed.
18. Murphy, J. <i>A força do poder cósmico</i> , 1974	15.ed.
19. Murphy, J. <i>1001 maneiras de enriquecer</i> , 1970	15.ed.
20. Peale, V. <i>É fácil viver bem</i> , 1962	14.ed.
21. Atkinson, W. <i>A força do pensamento</i> , 1912	14.ed.
22. Turnbull, V. <i>Curso de magnetismo pessoal</i> , 1918	14.ed.
23. Hay, L. <i>Ame-se e cure sua vida</i> , 1991	14.ed.

24. Sherman, H. <i>Super - TNT</i> , 1976	13.ed.
25. Peale, V. <i>O valor do pensamento positivo</i> , 1960	12.ed.
26. Bremer, S. <i>Poder é curar</i> , 1970	12.ed.
27. Hill, N. <i>A lei do triunfo</i> , 1945	12.ed.
28. Mulford, P. <i>Nossas forças mentais</i> , 1915	12.ed.
29. Murphy, J. <i>A magia do poder extra-sensorial</i> , 1972	11.ed.
30. Mandino, Og. <i>O maior segredo do mundo</i> , 1972	12.ed.
Hors concours. Trevisan, L. <i>O poder infinito de sua mente</i> , 1980	250.ed.

Quadro 2
BEST-SELLERS DO GÊNERO,
POR NÚMERO DE EDIÇÕES, DURANTE O PERÍODO 1910-1950*

1. Carnegie, D. <i>Como fazer amigos e influenciar pessoas</i> , 1939	15.ed.
2. Mulford, P. <i>Nossas forças mentais</i> , 1915	9.ed.
3. Turnbull, V. <i>Curso de magnetismo pessoal</i> , 1918	8.ed.
4. Ralph, J. <i>Conhece-te pela psicanálise</i> , 1932	7.ed.
5. Purington, E. <i>A vitória do homem de ação</i> , 1931	6.ed.
6. Atkinson, W. <i>A força do pensamento</i> , 1912	5.ed.

* A data no quadro se refere ao ano da primeira edição.

E a postura de Cury destacando suas relações com os EUA (em palestras dadas, em cursos realizados, em parcerias com instituições e artistas norte-americanos) e com autores de lá como Daniel Goleman também se somam a essa análise. Castellano (2014. p. 120) identifica essa referência aos EUA como prática comum entre os autores de autoajuda, que o fazem para agregar capital cultural às suas imagens, e que acaba reforçando a ideia de que a estrutura de trabalho e sociedade daquele país seria o exemplo para que o Brasil seguir.

Por conta de tudo isso, entendemos que a autoajuda foi um gênero importado e mercadologicamente consolidado pela produção externa durante seu primeiro século no país, mantendo sua influência no surgimento da produção nacional que tem se destacado nas últimas décadas. Nesse sentido, julgamos mais relevante nos aprofundar nas condições que permitiram o desenvolvimento da autoajuda na

sociedade norte-americana do século XX e complementarmos com as especificidades do que se passava no Brasil durante o período.

Era paradoxal o papel da ciência na humanidade, se tantos benefícios e comodidades foram alcançados no progresso material com base no avanço tecnológico, também gerou catástrofes como poluição da natureza, altos índices de desemprego com o processo de mecanização das indústrias, além do extermínio de vidas com a bomba nuclear. A opinião pública se vê dividida entre a ode ao progresso e a rejeição (ou ao menos o questionamento) a esse ideal progressista.

Se o uso do avião como veículo de guerra gerou uma grave crise no inventor Santos Dumont, outros cientistas declaravam seus desconfortos e crises. Considerado o pai da física quântica e por isso um dos mais importantes cientistas do século XX, o alemão Max Planck era claro sobre a relação entre a crise na ciência e na vida externa:

Estamos vivendo um momento bastante singular da história. É um momento de crise no sentido literal desta palavra. Em cada ramo de nossa civilização espiritual e material parecemos ter chegado a um ponto de virada crítico. Esse espírito se mostra não só no estado real dos assuntos públicos, mas também na atitude geral em relação a valores fundamentais da vida pessoal e social [...] Agora o iconoclasta invadiu o campo da ciência. Dificilmente haverá um axioma científico que não seja hoje negado por alguém. E ao mesmo tempo praticamente qualquer teoria idiota quase certamente teria crentes e discípulos num lugar ou noutro. (PLANCK, 1933 apud HOBSBAWN, 1995)

Não é surpreendente que alguns autores de autoajuda (como na obra *O Segredo*) se utilizem da física quântica, alinhada à relativização da ciência tradicional para fazer paralelos com questões esotéricas.

Como todo campo profissional, havia grupos que adquiriam posturas diferentes e balizavam-se por outros códigos de ética. E assim muitos cientistas preferiam não pensar nas consequências de suas pesquisas, contanto o seu pagamento fosse realizado, geralmente pelo governo ou por grandes empresas. As consequências podem variar desde enfisema e câncer pulmonar nos casos de muitos clientes da indústria tabagista até o aumento do buraco da camada de ozônio (que publicamente foi associado ao uso de fluorocarbonos usados pela indústria tanto em refrigeração quanto nos aerossóis) que interfere de forma variada e muitas vezes alarmante no equilíbrio climático do planeta, desde a variação do nível das marés até o aumento da incidência de raios solares.

Depois de duas guerras mundiais em que se viu extermínios de vários tipos e com uma ampla diversidade de técnicas era justificável o questionamento sobre Deus. Afinal, como Ele poderia permitir tamanha atrocidade como uma bomba atômica ou as câmaras de gás?

Além disso, as descobertas das ciências ofereciam uma explicação alternativa (mesmo que ainda não fosse dogmática) aos sermões religiosos, a liberdade sexual e a comodidade gerada pelos bens de consumo traziam um prazer que não se via antes.

As religiões tradicionais não davam conta de lidar com as complexidades de um novo mundo urbanizado e tecnológico. Até mesmo as religiões se viram dependentes da ciência de certa maneira e algumas delas adaptaram seus discurso mesclando elementos das teorias de Darwin e até do *Big Bang*. Ainda que no último século tenham surgido diversas seitas e cultos menores, não se chegou a compensar a debandada dos antigos fiéis que deixaram para trás sua subordinação religiosa.

Vale lembrar que a ciência também foi questionada e muitas vezes responsabilizada por suas contribuições à penúria humana. O que se vê aqui é uma crise de crenças sejam elas nas propostas de governo da sociedade, da família ou do ser humano como indivíduo. Assim, abre-se um amplo caminho para o mercado de aconselhamento em que “a temática desses livros (de autoajuda) é ‘como você e eu poderemos preparar-nos, mental e espiritualmente, para viver [dia a dia] neste mundo em transformação!’ (SHERMAN, 1966 apud RUDIGUER , 1996).

Para resumir, toda a crise moral que se espalhava por tantos caminhos, escolho as palavras do sociólogo Wright Mills:

O constrangimento moral de nossa época resulta do fato de que velhos valores e códigos do que é correto já não atraem os homens e mulheres da era das empresas, nem foram substituídos por novos valores e códigos, que emprestassem um sentido e uma sanção moral às rotinas que hoje têm de seguir.

(*A elite do poder*, p. 405 apud RUDIGUER 1996, p. 243):

Devido à perda das narrativas, foi-se junto o sentido (da vida e da morte) que era dado implicitamente pelo contexto social. Como já vimos, essa perda de sentido aparece no discurso de Cury em trechos como quando diz que a verdade é inatingível e a vida tem obstáculos imprevisíveis. E pela falta de uma verdade e de garantias de

sucesso, ele nos sugere procurarmos uma razão para viver que nos traga prazer e esperança.

E questões que eram levadas com naturalidade passam a gerar um profundo choque na experiência individualizada. O melhor exemplo é a comparação entre a forma de lidar com a morte, que na Idade Média passava por um episódio público no qual se abriam as portas para visitação, e que atualmente   colocada para fora de casa e enclausurada pelas paredes de hospitais e asilos (BENJAMIN, 2014). Em virtude da falta de técnicas narrativas de morte, a saúde se eleva como ideal para conserva o da vida (HAN, 2018, p. 45).

Na segunda metade do século XX, o núcleo familiar que se tornou padrão da sociedade familiar (casal casado com filhos) sofreu grandes mudanças especialmente entre g neros e gera es desde que se iniciou uma revolu o cultural, mais sentida no ambiente urbano e industrializado. Enquanto a parcela dessas famílias se reduziam (entre 1960 e 1980, as casas norte-americanas viram o número de famílias despencar de 44% para 29%), as habita es eram tomadas cada vez mais por pessoas vivendo s s. (HOBSBAWN, 1995. p.316)

Primeiramente, podemos identificar como possíveis causas dessa redu o a revolu o sexual que foi gerada com o uso de antibióticos e anticoncepcionais que permitiam às mulheres uma maior prote o e liberdade. Nesse período também foram tratados mais abertamente a homossexualidade que até então sofria uma repressão ainda maior. Não   de se surpreender que muitos países passavam a legalizar o divórcio e que essa prática se tornou gradativamente mais comum.

Entre as gera es, o que se viu foi uma inversão de papéis quando a rapidez de lançamentos tecnológicos introduziu mudanças que eram melhor absorvidas pelos filhos do que pelos pais, dando uma vantagem maior   juventude, e assim a antecip o da aposentadoria passou a ser adotada pelas empresas como uma das formas mais comuns de diminuir os gastos com funcionários.

Esse afastamento cultural entre pais e filhos também se deu nos casos migratórios em que famílias largavam o campo em troca da cidade.

Com a brusca mudança de realidade, os filhos não viam tanta relevância nos valores da geração paterna e abraçavam com mais entusiasmo as novas motivações, geralmente do mercado de massa, de busca pelo desejo individual.

Com o fim das classes operárias a partir de 1990, os países ricos perderam um pouco mais do senso de coletividade, representado tanto pela união de seus sindicatos e pela manutenção de seu estilo de vida que podia gozar de lazeres compartilhados. Mas antes disso, eles mesmo foram passando por influências de descoletivização. Inicialmente, apesar de terem acesso a festas e passeios, estes eram geralmente feitos em lugares públicos, pois tampouco tinham condições e costume de privatizar sua vida social. Quando passaram pelo período de apogeu, chamado Era de Ouro, e gozavam tanto de emprego e acesso aos bens de consumo de massa, suas vidas foram privatizadas pela tecnologia e pela lógica do mercado. A televisão e o telefone tornaram possível uma reclusão maior, já que ao menos o cinema e o encontro pessoal se tornavam agora opções que gastavam mais tempo ou dinheiro.

Esse afastamento entre os operários ficava mais visível com o fim do período do pleno emprego, durante a crise econômica das décadas de 1970 e 1980, e se ampliou depois que o neoliberalismo pressionou os sindicatos e outros sistemas que protegiam em algum nível a parte mais fraca dos trabalhadores.

Nesse período de mudanças tecnológicas, os funcionários que tinham cargo de supervisão e gerência, assim como outros trabalhadores mais qualificados foram menos afetados do que aqueles que trabalhavam no chão de fábrica e em funções mais operacionais.

Com a demissão dos funcionários menos qualificados da base produtiva, aqueles que mantinham seus cargos em funções mais administrativas se distanciavam economicamente e politicamente, já que podiam ver-se como financiadores do sistema assistencial público que era destinado a um número cada vez maior de desempregados. Foi com essa queda da união trabalhista que se fortaleceu na opinião pública o apoio às políticas de direita e neoliberais. O maior exemplo dessa política descoletivizadora está na fala da governante britânica Margaret Thatcher: “Não há sociedade, só indivíduos”.

Certamente as consequências desse afrouxamento de laços familiares e comunitários tiveram mais impacto nas classes sociais mais baixas, pois esses mecanismos de solidariedade tinham grande relevância para a sobrevivência e o sucesso. Muitos estudantes, por exemplo, só tiveram a oportunidade de seguir até o ensino superior graças à contribuição de parentes, sem falar das diversas formas de cooperação entre vizinhos.

Além disso, os códigos morais também eram trocados. Para abrir caminho à autorrealização, à autoestima, autoconhecimento e outros estímulos focados no próprio ego, as antigas ideias de direitos e deveres eram descartadas, como fica evidente no aumento das instituições de moradia geriátrica, eufemicamente chamadas de casas de repouso. As altas exigências de entrega do mercado de trabalho, que depois precisava ser retomada com descanso e lazer para se restabelecer as energias, descartava a disponibilidade para cuidar dos mais velhos e até dos mais novos (como também se tornou comum o aumento de creches).

No texto *O Narrador*, Walter Benjamin identifica a ligação da experiência coletiva com a capacidade humana de narrar, já que esta se baseia na troca de experiências. Dessas experiências externas (tradicionalmente adquiridas pela proximidade gerada na transmissão das histórias de boca a boca e de geração em geração), além da vivência individual, provém a sabedoria capaz de dar conselhos, geralmente encontrados na narração como moral da história (BENJAMIN, 2014).

Essa sabedoria gerada pela experiência coletiva me parece o elemento de maior valor no intercâmbio de informações para a coesão social e para o direcionamento do indivíduo em suas questões pessoais. Entretanto, ela se perdeu junto com o caráter fragmentário da experiência, identificado por Benjamin (2014) com a divisão de trabalho e a obsolescência constante do conhecimento que se estabeleceram com a Revolução Industrial. Não é a toa que o mesmo autor coloca o narrador como um trabalhador artesanal já que este pode acrescentar à narrativa sua própria marca, e, por outro lado seu declínio está diretamente ligado ao desenvolvimento industrial.

Com a divisão do trabalho em etapas de produção, o trabalhador é alienado da completude a qual dominava no artesanato, passando a ter uma função cada vez mais

operacional e limitada. Com o investimento em pesquisa e desenvolvimento, máquinas e processos são substituídos por versões cada vez mais novas, tornando o conhecimento constantemente obsoleto e inclusive aumentando uma distância geracional entre jovens e anciãos (que têm sua experiência descartada pela nova geração).

O fracasso do modelo soviético ao fim serviu mais para a justificativa da manutenção do capitalismo. Mas a qual preço? A pura teoria liberal nunca foi totalmente aplicada (pois sempre havia a intervenção do estado em certas medidas) e quando chegou mais perto de se concretizar durante o governo Thatcher, suas medidas econômicas fracassaram, em outros países pioraram ainda mais as condições sociais da população. Outro caso de fracasso da economia liberal foi a queda da bolsa de 1929 e seu desemprego em massa nos EUA. Esse foi justamente o motivo que levou a adoção de um planejamento público e maior controle econômico.

Com a falência do bloco socialista e a desigualdade acentuada pelo capitalismo, entramos no século XXI sem a confiança nem sequer esperança em um sistema ou estrutura internacional, agravando o sentimento de insegurança e a percepção de uma crise permanente.

Se em 1989 a queda do muro de Berlim formalizou que as tensões de uma possível guerra nuclear entre duas superpotências estava afastada, o ataque ao World Trade Center em 2001 iniciava o terceiro milênio com a democratização do massacre a pequenos grupos. Pulverizou-se assim o sentimento de vulnerabilidade e risco a qualquer cidade que possa sofrer um atentado sem prévio aviso nem declaração de guerra. Entretanto esse risco que pode ser novo para os países ricos é muito frequente em zonas de conflito constante de países cuja desigualdade social perpetua a violência em favelas, arrastões e balas perdidas.

Apesar de terem relativas semelhanças com o processo de industrialização, urbanização e com as mudanças sociais vivenciadas nos EUA (e sabendo que muitos desses pontos em comum se devem pela economia globalizada e exportação comportamental da cultura norte-americana através de seus produtos e cultura de massa), o Brasil e outros países latino-americanos trazem características próprias, e por isso analisaremos algumas delas.

No caso do Brasil, há uma transformação sobre o entendimento de padrões culturais em torno do trabalho. Como Castellano (2014) identifica, entre os intelectuais brasileiros, há uma valorização da obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (lançado em 1920), de Weber, como a principal fonte de inspiração para a autocompreensão do Brasil, inclusive para estruturar comparações entre nosso país e os EUA (cujas práticas estariam mais próxima do racionalismo ocidental apresentado por Weber). Para o alemão, os trabalhadores norte-americanos se adequaram à nova ordem social pela racionalização e ascetismo (com autocontrole e autodisciplina) derivados do puritanismo trazido por seus colonizadores ingleses.

Castellano ressalta que foi o livro *Raízes do Brasil* (publicado em 1936), de Sérgio Buarque de Holanda, que reforçou o argumento weberiano por aqui e que nos permite identificar uma das mais evidentes diferenças entre a formação cultural brasileira e a dos EUA, a importância da ética religiosa na forma de lidar com o trabalho:

Enquanto nos EUA a ascese puritana favorecia uma devoção ao trabalho, o Brasil herdara uma elite econômica que, mais do que direitos e deveres associados ao universo laboral, buscava a obtenção de privilégios. Dada uma relativa facilidade de ascensão social verificada no contexto do império português, a burguesia lusitana apresentava práticas e aspirações de nobreza. (CASTELLANO, 2014. p.28)

Um dos recentes exemplos para entendermos a especificidade do Brasil foi a inovação médica e farmacêutica, a partir da década de 1940, que com antibióticos e vacinas passou a salvar inúmeras vidas nos países mais pobres que ainda conviviam com a precariedade de saneamento básico e expostos a outros riscos como insetos e alimentação insuficiente. Com essa redução de mortes, a população aumentava vertiginosamente numa velocidade que não era acompanhada pela economia, gerando um excesso de mão de obra e aumentando a distância entre o PIB dos países ricos e pobres. Nessa década, chegavam ao Brasil os livros *A lei do triunfo* (1945), de N. Hill, e *Como viver sem preocupações* (1949), de D. Carnegie.

Em relação à cultura terapêutica, Castellano (2014) conta que as teorias psicanalíticas que desde as décadas de 1910 e 1920 circulavam entre os intelectuais, se expandiram a partir da década de 1950 com a chegada dos primeiros psicanalistas credenciados pela *International Psychoanalytical Association* (IPA) para treinar e

credenciar profissionais brasileiros. E, em paralelo a essa expansão psicanalítica, o mercado editorial acompanhou essa demanda que se espalhava.

Após meados da década de 1960 e mais intensamente após a crise do petróleo de 1973, buscando melhores condições de produção (especialmente mão de obra mais barata e leis mais brandas) grandes indústrias, como os têxteis e os eletrônicos, começaram a migrar dos países já industrializados para países do chamado Terceiro Mundo. Esse processo ficou conhecido como a nova divisão internacional do trabalho e permitiu que um novo grupo econômico se formasse, os países que foram identificados na geografia internacional como de industrialização tardia. Por suas grandes extensões territoriais, os dois casos em que se pode notar essa mudança foram México e Brasil, com taxas de crescimento anual significativas e que se mantiveram durante décadas. Foi justamente nas décadas de 1980 e 1990 que começaram a despontar os primeiros *best-sellers* de autores brasileiros. Assim como as indústrias, o Brasil mantinha as diretrizes norte-americanas para produzir em seu próprio território.

O Brasil, por certo tempo, se tornou o oitavo na escala de maiores países de indústria capitalista. Esse aumento claro se deveu a casos como a implantação de fábricas como montadoras de carro (a empresa alemã Volkswagen instalou três fábricas no Brasil nesse período) e na criação da zona franca de Manaus (uma das primeiras zonas extraterritoriais no mundo que serve para as empresas escaparem ao controle fiscal de um Estado), que fabricava eletrônicos, têxteis, brinquedos, entre outros produtos para empresas americanas, europeias e asiáticas.

Na política, o último século viu grandes mudanças no Brasil, com maior relevância estão: a tentativa de um fortalecimento pela estatização da indústria de energia e siderurgia, e também de uma cultura de formação do trabalhador, típicos do governo de Getúlio Vargas; depois, houve um esforço desenvolvimentista com a construção de uma nova capital e ênfase na construção de rodovias; de 1964 até o final da década de 1980, o Brasil foi governado por uma ditadura militar que contava com apoio dos EUA, o que muito provavelmente facilitou a vinda de novas fábricas multinacionais para o país.

Durante a ditadura, o movimento de contracultura ganha força no Brasil e sua busca por modos de vida alternativos chega à relação com a fé. Assim, a Igreja

Católica, além de questionada, vê a expansão de religiões e práticas espirituais distintas. Primeiro as de origem oriental, e depois as indígenas e africanas que são parte das raízes brasileiras. (MAGNANI, 2000 apud CASTELLANO, 2014).

Durante décadas de 1980, a corrente de contracultura ganha peso no mercado editorial com os primeiros livros de Paulo Coelho, ícone da Nova Era brasileira e um dos autores com maiores vendas no Brasil e prestígio internacional. Sua maior obra é o livro *O Alquimista* (lançado originalmente em 1988), que, segundo a AFP, já vendeu 150 milhões de cópias em 69 idiomas diferentes, tornando-se o livro brasileiro mais vendido de todos os tempos, o mais traduzido no mundo, um dos livros mais vendidos da história e estabelecendo o Guinness World Record para a maioria dos livros traduzidos por um autor vivo desde 2009. Seu sucesso como escritor o levou a ser eleito em 25/07/2002 a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, e nomeado em 21/09/2007 como Mensageiro da Paz pela ONU. Segundo consta no site da ABL, seu interesse pela busca espiritual teve origem quando, ainda hippie, teve uma série de experiências em sociedades secretas e religiões orientais.

A Nova Era pode ser considerada uma espécie de fonte de referência religiosa e mística da qual a autoajuda se alimentou (e incorporou diversos conhecimentos não-tradicionais, tais como *feng shui*, estudos sobre anjos, cultura zen e budista) e também é uma busca por um “eu divino” dentro de cada pessoa, em resposta ao materialismo excessivo da crescente secularização do mundo moderno. (CASTELLANO, 2014. p. 91-92).

Nesse mesmo período, o surpreendente crescimento da indústria brasileira propiciou tanto a formação de um forte sindicalismo, representado politicamente com a criação do Partido dos Trabalhadores (PT) na década de 1980, quanto o aumento de classes profissionais que tiveram acesso à formação superior e puderam dar apoio intelectual à consolidação da esquerda operária.

Depois de duas décadas, a esquerda conseguiu eleger um presidente, Luiz Inácio Lula da Silva (e contando sua reeleição, a eleição e a reeleição de quem o sucedeu, foram ao todo quatro vitórias consecutivas nas urnas). Por essa grande sequência de mandatos, as ideias trazidas por Lula foram trabalhadas por muito tempo e uma que chama atenção para nosso estudo foi o estímulo à autoestima. Como aponta

Freire Filho (2013), desde sua campanha eleitoral de 2002, Lula já indicava que a recuperação da autoestima do povo brasileiro seria a meta principal de sua gestão, e, em 2004, o governo federal já apoiava o movimento “O melhor do Brasil é o brasileiro”, cujo primeiro passo foi a campanha “Eu sou brasileiro e não desisto nunca”.

Esse movimento idealizado pela Associação Brasileira de Anunciantes, e que ganhou apoio da mídia, além do governo, foi motivado pela crença de que os negócios no Brasil só cresceriam continua e sustentavelmente se a população passasse a ter autoestima. Não à toa a mídia brasileira passou a dar grande destaque para o tema, como as revistas de maior circulação do país. Na *Veja*, por exemplo, é notável a inserção gradativa da palavra autoestima. Enquanto entre os anos 1968 e 1974, não há nenhuma utilização do termo, seu uso é definitivamente incorporado na década de 1990, e cresce vertiginosamente na década de 2000. No ano de 2007 ela aparece 84 vezes (FREIRE FILHO, 2011).

Realmente, o Brasil entrava no século XXI de forma promissora, com boas taxas de crescimento ao ano, um aumento do poder de compra ainda mais significativo para a população, além de implementação de diversos programas sociais e assistenciais para tentar diminuir a desigualdade que está tão associada à imagem do país internacionalmente (foi nesse período que Augusto Cury surge de forma impressionante, assumindo rapidamente a liderança do mercado).

Entretanto, passada essa primeira década de otimismo, os protestos de 2013, quando avenidas de grandes cidades do país foram tomadas pela população, mostraram que a situação se via mais complexa do que anunciavam as campanhas publicitárias pró-autoestima anos antes. Quando a economia do país começou a sofrer impactos no meio desse processo, o discurso da direita começou a ganhar força com críticas às medidas assistencialistas, como os programas Bolsa Família e Fome Zero. Utilizando-se da lógica neoliberal de corte de verba no social que na cultura brasileira expressa-se bem no ditado “farinha pouca, meu pirão primeiro”, a direita e os partidos do centro armaram um golpe de estado para retirar do governo a presidenta reeleita Dilma Rousseff. A situação econômica que já estava mal piorou ainda mais, e muitos

investimentos internacionais fugiram do país, aumentando o desemprego e a competitividade no mercado de trabalho.

O interessante é perceber que tanto na primeira década (2001-2010) onde vivia-se um clima de otimismo e crescimento econômico, quanto na segunda década (a partir de 2011), marcada por protestos populares e crise política, Augusto Cury se manteve como líder de venda do mercado editorial. O mercado de autoajuda atua em diversas frentes: se há excesso de trabalho, vende-se técnicas para buscar o equilíbrio e alcançar uma qualidade de vida desejável, se há desemprego, o foco pode ser o desenvolvimento de uma mente empreendedora ou resiliência para quem não está feliz no emprego, mas tem poucas opções para mudar. Certamente, a abrangência de cenários e amplitude dos temas trabalhados por Cury, garantem estabilidade em suas vendas independentemente da instabilidade de outros mercados.

3.2) Mercantilização da Vida

As artes de início do século, especialmente o movimento vanguardista (que contava ainda com o dadaísmo e o surrealismo) e modernista, romperam brutalmente com a tradição e seus padrões estéticos. Essas manifestações artísticas traziam em si um espírito de impacto alinhado ao poder do cinema que arrebatava multidões. Mas, também trazia uma valorização do lúdico, colocando a temática mental em destaque como fazia o novo campo da psicologia. Entretanto, ao menos o surrealismo, havia uma clara crítica à racionalidade controlada, e assim uma valorização da espontaneidade e da imaginação.

Esse rompimento com a tradição se mantém nas décadas seguintes como comprovam o declínio da música clássica, pintura e escultura e a entrada da tecnologia representada pelo expansivo desenvolvimento de linguagens audiovisuais.

Escolas de arte como a Bauhaus levaram o design para uso prático e produção industrial. Essa proximidade com o mercado também foi atingida mais tarde pelo próprio surrealismo e mais ainda pela *pop art*, que se mesclava com a linguagem publicitária alimentando-se mutuamente uma da outra. Premiações de melhor direção

de arte podiam ser encontradas tanto na disputa do Oscar (indústria cinematográfica) quanto de uma estatueta em Cannes (mais tradicional competição do mercado publicitário internacional, que premia seus vencedores com a estátua de um leão). Ficou cada vez mais confuso para os leigos identificarem o que era ou não arte. Na virada da década de 1960 para 1970 iniciou-se uma reação ao modernismo nas artes que se manifestou com mais força na década de 1980 sob o nome de “pós-modernismo” e seu papel principal era negar qualquer critério preestabelecido de julgamento e valor nas artes e na vida como um todo como podemos ver na análise de Hobsbawn:

Todos os pós-modernismos tinham em comum um ceticismo essencial sobre a existência de uma realidade objetiva, e/ou a possibilidade de chegar a uma compreensão aceita dessa realidade por meios racionais. Todos tendiam a um radical relativismo. Todos, portanto, contestavam a essência de um mundo que se apoiava em crenças opostas, ou seja, o mundo transformado pela ciência e a tecnologia nela baseada, e a ideologia de progresso que o refletia. (HOBSBAWN, 1995. p.499-500)

Esse ceticismo generalizado dos pós-modernistas demonstrava como as artes já haviam se misturado à estrutura econômica e política nesse período. Um exemplo disso foi a substituição de Paris por Nova York como centro das artes visuais e de seu mercado demonstrando a consolidação da hegemonia americana nesse século. Outro exemplo foi o uso do cinema na guerra política como arma para formar a opinião pública desde os clássicos soviéticos até as grandes bilheterias hollywoodianas, sem esquecer é claro das obras produzidas pela propaganda nazista.

Se o cinema era o veículo de comunicação de massa de maior prestígio na primeira metade do século XX, a televisão teve um alcance ainda maior chegando a ser considerada o meio de comunicação de maior influência em quase todas as casas nas últimas décadas. Os diversos formatos publicitários foram sendo testados e consolidados tanto nos intervalos das atrações quanto no próprio conteúdo dos programas, no que é chamado no meio da propaganda como *merchandising*.

Apoiadas em teorias de estudos do campo psi e em pesquisas de mercado, as agências de publicidade exploraram as necessidades tanto materiais quanto espirituais de seu público. Assim, em vez de um pote de margarina vendiam a felicidade dos momentos em família, e no lugar de um vidro de perfume o que se oferecia era o

impacto sobre uma desejável companhia. Os lucros desse mercado chegaram a construir companhias que dominavam prédios inteiros e até abriam filiais em outros países. Para isso, houve uma especialização técnica tanto das equipes de planejamento que buscavam informações mais apuradas sobre os potenciais consumidores quanto dos criativos que deviam fisgar a atenção em imagens e textos sedutores e impactantes. Em vez da assinatura e da espontaneidade de um artista, as peças publicitárias eram criadas coletivamente e reajustadas com opiniões de diferentes áreas (incluindo a das áreas de marketing das empresas contratantes) e com alterações da tecnologia (como o apuro na imagem que geralmente fica a cargo da equipe de finalização e posteriormente da produção gráfica). Os nomes que aparecem na peça são de quem paga por ela: o anunciante que paga mais coloca sua logomarca e a agência que repassa parte dos ganhos aos funcionários coloca seu nome tanto como forma de divulgar seus serviços quanto uma chancela de qualidade à peça em si. Essa divisão do trabalho e a quebra da aura do artista não é novidade desde que Benjamin analisou a reprodutibilidade técnica.

A política também se aproveitava tanto dos meios de comunicação quanto da sua dimensão estética, como podemos comprovar com a eleição de Ronald Reagan, um ator que se aproveitava da fama e mais ainda dos conhecimentos técnicos de como se portar frente a uma câmera em um momento em que o aparelho ainda era novidade para os políticos, mas já exercia um enorme poder sobre as massas.

Para enriquecer a crítica sobre a utilização da dimensão estética nas táticas políticas e mercadológicas, vale a conclusão de Hobsbawn (2015. p. 25) de que a maneira mais eficaz de construir uma economia industrial baseada na empresa privada era combiná-la com motivações que nada tivessem a ver com a lógica do livre mercado, justamente com valores que estavam se perdendo na prática (como a noção do dever e confiança familiar) e por isso estavam sendo incorporados às necessidades vendidas através de bens de consumo.

Assim como em diversos outros campos do século XX, os EUA também dominaram o panorama da ciência muito graças a sua importância política e econômica que começou a se estabelecer de fato no período entreguerras, como podemos comparar pela quantidade de Prêmios Nobel. Entre 1900 e 1933, os EUA

levaram apenas sete premiações; mas, entre 1933 e 1970, foram 77. (HOBSBAWN, 1995. p. 505). A migração de cientistas e intelectuais do mundo se concentrou ainda mais depois da Segunda Guerra Mundial, tendo como destino o país que oferecia melhores investimentos e segurança política.

Primeiramente, com a experiência de rápida aplicação das descobertas científicas durante a guerra, e tendo como exemplo o ciclo da moda que a cada estação lança novas coleções, as indústrias de bens de consumo passaram a extrair seus lucros da venda em massa para uso intensivo, instantâneo e breve. Com a fórmula norte-americana de lançar novos produtos aplicando rapidamente o conhecimento adquirido do investimento em pesquisas, os avanços tecnológicos passaram a se dar cada vez mais rápido. Claro que a concentração de cientistas de ponta em um mesmo país também facilitava a comunicação entre eles e facilitava o processo fosse por cooperação ou por competição.

É com base nesses fatos que Hobsbawn (2015, p.261) afirma que a revolução tecnológica entrou na consciência do consumidor de tal forma que a novidade se transformou no principal recurso de venda para tudo. O mercado dizia (e a mídia corroborava) que o “novo” significava tanto que era melhor, quanto absolutamente revolucionado. Por isso, diferentes ramos da indústria mantinham suas equipes de “Pesquisa e Desenvolvimento” como uma área ou até mesmo uma diretoria dentro de sua estrutura organizacional. Tornou-se comum que cientistas e trabalhadores braçais usassem crachás da mesma empresa, mas claramente com prestígio e salários bem distintos. Essa incorporação científica nas corporações também deixava outra desigualdade ainda mais evidente: a das corporações de países ricos (onde se concentravam os cientistas) e as empresas de países pobres.

Durante a década de 1960, as indústrias de países ricos passaram a lidar com uma queda de produtividade da mão de obra e uma exigência dos funcionários por salários mais justos, deixando de lado a amenidade das negociações anteriores. Enquanto isso, os índices de produtividade foram ampliados extraordinariamente na atividade agrícola de capital intensivo, basicamente pela mecanização e os produtos gerados pela química agrícola e biotecnologia. A industrialização eliminou por fim o campesinato tanto nos países de rápida industrialização como nos países mais pobres.

A porcentagem de camponeses se reduziu quase à metade em vinte anos no Brasil (1960-80).

Nos países ricos, a partir da década de 1980, por conta das transformações técnicas da produção, que substituíram o trabalho anteriormente gerado por mão de obra, as classes operárias industriais começaram a diminuir visivelmente. Na mesma época, o número de proletários multiplicou-se de uma maneira sem precedentes nos países mais pobres, dado a migração de indústrias como a naval e a siderúrgica.

A busca por aumento de produtividade e redução de custos encontrava na mecanização uma opção para reduzir a participação dos humanos, cuja maior relevância para a economia se dava ao comprar bens e serviços. As máquinas deixaram claro que os profissionais não qualificados são mais facilmente descartados na busca constante por aumento de produtividade do mercado capitalista.

Diante de tantas transformações (econômicas, científicas, sociais e tecnológicas) que acontecem cada vez mais rápido, os sujeitos se veem obrigados a desenvolverem uma capacidade de mudança e adaptação para não se tornarem obsoletos como as máquinas e serem deixados à margem do processo (RUDIGUER, 1996. p.244). Mesmo concordando com essa citação, a ressalva que torna a realidade ainda mais crítica é que os seres humanos estavam sendo trocados por máquinas, mas as máquinas obsoletas não eram trocadas por humanos.

Todas essas questões de progresso, obsolescência e produtividade se tornaram cada vez mais presentes nas ideias debatidas pela ciência e na realidade cotidiana chegando até o domínio mais concreto do indivíduo, seu próprio corpo.

Na virada do séc. XIX para o XX, o corpo foi inventado como objeto teórico, e já no séc. XX se desenvolveram várias técnicas e aparelhos de visualização sobre ele, e também se popularizou a psicologia, se consolidando como uma disciplina científica já independente do campo filosófico de onde havia se originado. Foi nesse caminho que chegamos ao séc. XXI como um século biotécnico, no qual os limites do corpo humano foram transpostos pela tecnologia (dando sequência aos avanços que já haviam se iniciado com os psicofármacos, transplantes de órgãos, bancos de sangue, próteses de membros, etc.).

Em seu texto *Nascimento da Biopolítica*, Foucault (1997) define o conceito como a tentativa de racionalizar os problemas propostos à prática do governo, desde o século XVIII, pelos fenômenos próprios a um conjunto de seres vivos constituídos em população.

No texto *A Governamentalidade*, ele descreve as técnicas e táticas de governo, que se tornaram a questão política fundamental e o espaço real de luta. O filósofo explica ainda como os instrumentos do governo agem “por vários meios” para que determinados fins possam ser atingidos, objetivando a intensificação dos processos do próprio governo. Como essas táticas “permitem definir a cada instante o que deve ou não competir ao estado, o que é público ou privado”, elas legitimam que o neoliberalismo americano estenda a racionalidade de mercado a domínios não-econômicos, no caso, a família e a natalidade ou a delinquência e a política penal” (Foucault, 1997).

A biopolítica tem se mantido por transformações nela mesma e nos indivíduos. Para analisar seu estágio contemporâneo, Rose (2013) lista cinco mutações significativas que, por se interconectarem, permitiram a remodelação da percepção e da prática médica e políticas, são elas: molecularização, otimização, subjetificação, expertise somática e economias de vitalidade.

Nas mudanças da subjetificação, o autor destaca os *indivíduos somáticos*, como decorrência do surgimento de uma *ética somática*, que, em vez de princípios morais, está ligada a valores para a conduta de uma vida, “que atribui um lugar central à existência corporal, física”.

Pelas mudanças das economias de vitalidade, formou-se o conceito de *biocapital*, que está baseado nos laços entre verdade e capitalização, entre a busca do valor de acionista e o valor humano investido na esperança da cura e da otimização (Rose, 2013, p.20).

Na interconexão entre a ética somática (da subjetificação) e o biocapital (das economias de vitalidade) formou-se uma *economia ética somática*, que é uma interconexão entre afetos e corpo similar ao *capitalismo afetivo* de Illouz (2011).

Dando sequência à referência do liberalismo, Foucault (1997) trabalha a figura do *empreendedor de si mesmo* como personagem contemporâneo em que as formas de subjetivação transformam o indivíduo, para que este seja seu próprio capital, gerando

para si mesmo a fonte de sua renda. Para empreender a si mesmo (em uma lógica empresarial), deve-se valorizar seu biocapital por meio de escolhas estratégicas e condutas que contribuam para os elementos (ínatos e adquiridos) que compõem esse capital.

A valorização do empreendedorismo como característica pessoal pode ser diretamente relacionado a um culto da performance que passou a povoar o imaginário popular, que pode ser denominado de cultura do *management*, e vem migrando do mundo dos negócios para outras esferas da vida social. Como código de valores e condutas, o empreendedorismo orienta a organização das atividades de forma a garantir iniciativa, efetividade e controle (EHRENBERG, 2010, p.198-199).

O termo biocapital é equivalente a *capital humano* ou recursos humanos, que são termos amplamente utilizados pelas empresas, inclusive para nomear as divisões que tem como tarefa cuidar de assuntos relativos aos funcionários, passando desde etapas burocráticas como pagamento e planos de saúde, até etapas estratégicas como os processos de seleção de novos funcionários e avaliação de performance, treinamento, promoção para cargos maiores, campanhas de motivação, além, é claro, da demissão. O *Dicionário de economia do século XXI* define *capital humano* como capacidade de trabalho, já que designa as aptidões e habilidades pessoais que permitem ao indivíduo auferir uma renda. Em uma perspectiva biopolítica, o dicionário também identifica o termo como o conjunto dos investimentos destinados à formação educacional e profissional de determinada população, por isso o índice de crescimento do capital humano é considerado um dos indicadores do crescimento econômico (SANDRONI, 2007).

Tradicionalmente, as universidades e outras instituições de educação superior têm a função de formar profissionais para o serviço público ou para o mercado.

Essa necessidade se tornou ainda maior devido às demandas da economia moderna que exige muito mais especialistas, administradores, professores e técnicos do que no passado, levando ao número de universidades no mundo quase dobrar na década de 1970.

Mas além disso, outra razão da notável expansão da educação superior foi a intenção dos pais de salvaguardar o futuro de seus filhos, fazendo muitas vezes

economias e esforços para garantir melhores chances para quando a próxima geração chegasse ao mercado de trabalho. As famílias sabiam que o estudo era a melhor oportunidade para aumentar sua renda e seu prestígio na sociedade.

Embora a multiplicação da oferta de mundos (de consumo, de informação, de lazer) seja uma das características da sociedade de controle, essas ofertas são mundos formatados e vazios de toda singularidade, e a série de alternativas obriga o indivíduo a estar sempre avaliando opções das quais não participou da criação. O que poderia parecer como um direito de escolha, ou livre-arbítrio, pode se tornar uma obrigação de se enquadrar estrategicamente nas caixas que renderão uma melhor avaliação ao indivíduo que busca valorizar-se na figura do empreendedor de si.

3.3) Instrumentalização da subjetividade

No cenário atual da sociedade de mercado, cujas exigências estão em constante mudança e expansão, é necessário avaliar quais são os elementos que contribuem para formação de um tipo de indivíduo que possa ser compatível com as diferentes (e muitas vezes simultâneas) tarefas.

Alimentada pelos avanços nos estudos neurocientíficos e biológicos, a expectativa de que qualidades e capacidades podem ser alteradas por demanda, de acordo com a necessidade, tem tornado o cérebro o protagonista de uma colonização no imaginário da sociedade.

Agindo politicamente sobre a sociedade, sob a ótica de mercado, a comunicação submete cada cidadão (ora como trabalhador, ora como consumidor) a diferentes relações de poder. Pelo estímulo dos fluxos de desejo, a comunicação determina a produção de um novo sentido que modifica o sentido global da realidade (ideologia, estilo de vida e concepção de mundo).

Sobre a motivação do sujeito para o trabalho, temos tanto em Lazzarato (2006) quanto em Deleuze (2013) a identificação de um sentido que é criado para tal.

Outro fator importante para compreendermos melhor esse impulso produtivo é a utilização de fatores tidos como negativos para servir de estímulos de superação, ou desafios que aprimoram o indivíduo.

Podemos complementar essa valorização do desafio quando Lazzarato (2006) identifica no modo de trabalho contemporâneo a necessidade de aprender com a incerteza e as mudanças, tornando o indivíduo ativo diante da instabilidade, e quando Deleuze (2013) trata do controle contínuo, típico das sociedades de controle, questionando a introdução do “salário por mérito” e a formação permanente sob a face de benefício, enquanto camufla um controle que está sempre em ação. A meritocracia se conecta à ideia de competição e somente em um mundo que estabelece a competição como modo de vida. (CASTELLANO, 2014: 47)

Pelo que vimos até então, o biopoder expande sua ação para as áreas cognitivas e os estudos de Foucault sobre a subjetividade exerceram forte influência nos trabalhos mais recentes sobre o tema, merecendo destaque as referências feitas a ele por Lazzarato (2006), para lembrar que o biopoder visa o homem enquanto mente, e por Crary (2012), para reforçar que “todas as ciências que no século XIX começavam com o prefixo *psico* são parte dessa apropriação estratégica da subjetividade”. Essa visão ganha força com a definição feita por Negri e Lazzarato (2011) de que a atualidade é a era dos bens imateriais, da lógica “psi”.

Cada vez mais, a economia busca aumentar o consumo (para ampliar a produção) e diminuir os custos. Tratando-se de seres vivos, o governo (ou o mercado) lança mão dos modos de subjetivação para promover a individualização dos indivíduos e a docilização de seus corpos, exercendo assim seu “biopoder” através de dispositivos disciplinares.

Se cada vez mais somos cobrados para decidirmos por nós mesmos, e ao mesmo tempo perdemos as referências para nos direcionar, torna-se comum o sentimento de tensão e mal-estar no indivíduo. E, para compensar, o mesmo busca fontes de bem-estar, gerando as condições necessárias para que um sistema terapêutico se amplifique em diversos campos e camadas da existência individual e coletiva.

O gênero de autoajuda veicula um conjunto de práticas terapêuticas e esforços de racionalização terapêutica da vida interior, representado pelo cultivo do poder

peçoal e no controle da mente, ordenados pelo princípio terapêutico da criação do bem-estar com a própria individualidade (Rudiguer, 1996).

Se estamos na era do imaterial, do “psi”, Pasquinelli traz a noção de economia da atenção para descrever como uma parcela do valor de uma mercadoria é produzida pela acumulação de desejo (sob a influência da mídia) e de inteligência. Assim como para a atenção, esse modo pode ser aplicado para descrever o valor de qualquer objeto “cognitivo” sob a perspectiva da produção de valor. Outro exemplo citado por ele é o valor de rede, aplicado genericamente a toda internet e também às redes sociais, no qual as relações “sociais” são incorporadas como valor mercadológico, com base na quantidade e na qualidade de seus pontos de interação.

Segundo Lazzarato, na sociedade de controle, novas técnicas de sujeição (ainda mais invasivas) somaram-se às técnicas que se mantiveram das sociedades disciplinares. Ele destaca três dispositivos que (em conjunto) constituem a sociedade de controle. O primeiro é a moldagem dos corpos, que decorre das disciplinas (prisões, escola, fábrica); o segundo é a gestão da vida, organizada pelo biopoder (como as políticas de saúde); e o terceiro é a modulação da memória e suas potências virtuais reguladas pela noopolítica (as novas relações de poder que têm como o objeto a memória e a atenção).

Em seu livro *Técnicas do observador*, Crary demonstra que os imperativos da modernização capitalista geraram técnicas para racionalizar a sensação e administrar a percepção, de modo que o sujeito humano se ajustou a novos arranjos de poder, por meio do conhecimento do corpo e de seus modos de funcionamento.

Lazzarato complementa a noção de sociedade de controle, resgatando a definição de Gabriel Tarde de que, “desde seu nascimento e durante seu desenvolvimento maciço a partir da segunda metade do século XX”, esse novo arranjo social se caracteriza por três fenômenos: a cooperação entre cérebros, tecnologia de telecomunicação, e os processos de formação de públicos (processos de subjetivação e sujeição).

Na concepção de Pasquinelli, a produção coletiva de conhecimento é sempre “parasitada” pelas corporações do capitalismo cognitivo, como a mais-valia do trabalho vivo dos trabalhadores era extraída pelas fábricas anteriormente. Nessa

mesma linha, Lazzarato cita Tarde para dizer que a criação de possíveis (voltada para os consumidores e trabalhadores) é a verdadeira produção, e o que Marx chamava de produção é, na verdade, reprodução. Assim, a produção explora as forças de invenção e repetição, e as potências “psicológicas”, tais como a memória e a atenção, ambas necessárias para o ato de criar.

Ainda baseado nos conceitos de Tarde, Lazzarato descreve as atividades de criação e de repetição, diferenciando-as pela atenção à ação fim e ao tipo de memória exigida. Enquanto a atividade de *criação* se caracteriza pela atenção livre da ação fim (pois essa liberdade é necessária para a criação de possíveis) e pela memória intelectual, a atividade de *repetição* exige que a atenção esteja absorvida pela ação-fim, utilizando-se da memória sensório-motora. Embora, essa divisão de atividades possa parecer muito simplória a princípio, Lazzarato faz duas ressalvas imprescindíveis para entendermos sua complexidade. A primeira é que entre esses dois extremos podem haver infinitas escalas e variações; e a segunda ressalva é de que esses tipos de atividades são originalmente “livres” e já existiam antes que trabalho (conceito tal como utilizado por “economistas e marxistas”) surgisse para capturá-las.

A análise sobre as técnicas de subjetivação na sociedade de controle pode ser ainda enriquecida com as contribuições de Bauman (2011), Illouz e Rose. Como já vimos, o primeiro retoma o tema da patologização da subjetividade gerada pelo processo constante de depreciação das identificações já adotadas anteriormente.

Para Lazzarato, os dispositivos políticos da gestão da vida se transformaram da garantia contra os riscos sociais (desemprego, aposentadoria, doença) para a intervenção na vida dos indivíduos para que se submetam ao emprego, à relação de trabalho subordinado. (Lazzarato, 2006, p.87).

Deleuze (2013), no texto *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*, diz que “o marketing é agora instrumento de controle social” e que estimula a motivação para o trabalho (e para a formação permanente) como uma de suas “alegrias”, quando na verdade direciona as pessoas para a servidão.

Essa relação entre motivação e trabalho aparece no estudo de Castellano (2014) destacando como o mercado de autoajuda se utiliza das transformações

ocorridas na sociedade ocidental nos últimos séculos, aproveitando do cenário de incerteza e ansiedade:

Boa parte das obras analisadas [...] começa, justamente, com a descrição de um contexto social marcado pela precariedade das relações de trabalho, pela dificuldade de manutenção de um emprego e pela necessidade constante – e muitas vezes cruel – de autoaprimoramento. O discurso, todavia, não é de contestação. O quadro é apresentado como imutável, cabendo a nós buscar a maneira mais adequada de nos adaptarmos. Mais do que isso, a composição do mercado de trabalho não é apresentada como ruim, mas como um mar de *oportunidades* para quem adota o comportamento *correto*. (CASTELLANO, 2014. p.121)

Talvez, possamos incluir nessa estratégia de duplo sentido do marketing (motivação-servidão), o trecho em que Lazzarato (2006) trata do duplo viés do trabalho, quando a empresa permite uma certa autonomia ao trabalhador para “capturar” o sujeito em um mundo interno que a própria empresa criou para o trabalhador.

A lógica da empresa passou a produzir o sentido capaz de derrubar antigas barreiras e de subordinar o campo social, político e comunicação. Com o fim dessas barreiras, não há mais distinção entre cidadão e consumidor, nem entre informação e publicidade. A sociedade se conecta à produção de mais-valia (Negri e Lazzarato, 2011).

Podemos verificar como essa transposição de barreiras leva o mercadológico ao campo biopolítico, quando Pasquinelli analisa a vida como um “substrato de uma faculdade, de uma força de trabalho, que também é incorporada na mercadoria”. Sendo a vida uma força passível de ser comercializada para o trabalho, a biopolítica se torna apenas um efeito posterior “que consiste na comercialização de potencial como tal”.

Para analisarmos a própria autoajuda, e a construção de sentido que Cury coloca como necessária para uma mudança de postura, será útil o diálogo que Lazzarato estabelece com Foucault, Bakhtin e Tarde. Partindo da afirmação de Foucault de que uma sociedade é definida pelo regime discursivo, pelos enunciados que ela formula, e pelas visibilidades que tais enunciados efetuam, Lazzarato desenvolve dois importantes temas (a produção de mundos e a persuasão).

Para ele, o capitalismo é uma produção de mundos, uma afetação, na qual “a expressão e a efetuação dos mundos e das subjetividades neles inseridas, a criação e a realização do sensível (desejos, crenças, inteligências) antecedem a produção econômica”. Sob essa perspectiva, a empresa tende a priorizar as forças e agenciamentos (ou máquinas) de expressão, tais como atividades de pesquisa e desenvolvimento, de marketing, de concepção e de comunicação. (Lazzarato, pp.99-100)

Com base na visão de Bakhtin sobre o poder da palavra, Lazzarato descreve o ser como virtualidade, que é atualizada com a participação da palavra, “desagregando aquilo que é dado como pronto, acabado, e abrindo-se, através do desejo, ao devir, à criação do novo”. Para ele, nas sociedades de controle, as relações de poder se expressam pela capacidade dos cérebros de afetar e ser afetado (as “máquinas de expressão” distribuem maneiras de sentir para assim instigar maneiras de viver), e, para ilustrar isso, Lazzarato cita Tarde: “Os meios mecânicos, que permitem que seja transmitida em alto e bom som a ação sugestiva de um líder (a palavra, a escrita, a imprensa), não cessam de evoluir”.

Com os argumentos de Lazzarato, podemos questionar os interesses por trás das “máquinas de expressão”, como a autoajuda, e a ação sugestiva da escrita de um líder, como Augusto Cury, sob a ótica do capitalismo. Sobre a questão das escolhas colocada por Cury.

Assim, surge dessa lógica capitalista, a premissa de investimento em educação para expandir o capital humano pela formação de competências; e, também, aparece a figura do indivíduo somático, que se caracteriza pelo cuidado permanentemente e pelo cálculo de riscos no gerenciamento de sua vida, como pode ser visto em diversos exemplos no livro *A Política da própria Vida – Biomedicina, poder e subjetividade no século XXI* de Nikolas Rose (2013).

A abordagem patológica de Cury e a valorização de se assumir as fraquezas, pode ser tomada pelo conceito de nihilismo, que, para Nietzsche, se opunha à vontade de potência e de criação. Tomando o conceito de “potência”, Lazzarato diz que “existir é diferir”, e que essa diferenciação é imprevisível, pois desdobra sua própria potência de criação pela hibridação das diferentes fontes que se conectam. Essa

potência de criação se deve à potência da multiplicidade, que é capturada pelo capitalismo em indivíduos e classes, reduzindo a multiplicidade a dualismos e uniformizando as singularidades. Dessa forma, a conversão da multiplicidade em classes funciona como constituição de tipos (e normas) e repressão da multiplicidade (neutralização de outros devires possíveis). Além disso, o capitalismo como produção de modos de vida exerce uma função antiprodutiva porque ao “subordinar a constituição dos desejos e crenças” aos imperativos de valores do capital, destrói a potência de criação das singularidades individuais e coletivas. Com essa formatação, apoiada na capacidade unificadora da comunicação, o capitalismo estabelece uma homogeneização que empobrece a subjetividade. (Lazzarato, pp.150-151)

Essa abordagem nos permite associar os dualismos e dilemas antagônicos feitos por Cury em seus livros.

Além disso, por se apresentar dentro do discurso unilateral das “máquinas de expressão” (como imprensa e telecomunicações), a definição destas alternativas é atribuída a especialistas (vale salientar a forma com que a figura do *coach* tem ganhado poder como orientador de variadas áreas da vida na sociedade de controle) ou a “autores” da literatura. (Lazzarato, pp.101-102)

Pelo empobrecimento da subjetividade (esvaziamento das singularidades), pela exclusão na criação de alternativas, e sem a opção de debate das mesmas, o capitalismo contemporâneo difunde a sensação de impotência e o afastamento entre os indivíduos e a dinâmica de criação e expressão. Assim, torna-se ainda mais importante a perspectiva de Lazzarato quando coloca a saúde como um dos bens necessários para a força de criação e de realização da cooperação entre os cérebros. Com base nessa visão, podemos deduzir que a saúde mental é imprescindível para a cooperação dos cérebros, e que a depressão e demais transtornos psíquicos podem interferir gravemente na produção do capitalismo cognitivo.

Illouz constata que “a própria narrativa que promove a autoajuda é uma narrativa de doença e do sofrimento psíquico”. (2011, p. 89), pois dissemina um modo de olhar desconfiado tanto sobre si quanto sobre o outro. Ao olhar para si mesmo, o indivíduo se depara com a ameaça de doenças (em uma “patologização da subjetividade”), e ao olhar para o outro, depara-se com riscos diversos, deflagrando

assim um narcisismo exacerbado e um constante gerenciamento de riscos. Por essa perspectiva, podemos identificar semelhanças na forma com que o mercado explora as ideologias de salvação e cuidado de si (como anteriormente foi utilizada a religião) para apaziguar a consciência individual “em tempos de prejuízos, de carestia, de terror, de desconfiança” (Nietzsche, 2006, p.255).

Lazzarato identifica no modo de trabalho contemporâneo a necessidade de aprender com a incerteza e as mudanças, tornando-se ativo diante da instabilidade. Essa definição é semelhante ao que Cury identifica como “resiliência”:

“Perdas e ganhos (...) fazem parte da trajetória de todo ser humano. Por isso, devemos proteger a mente, gerenciar a ansiedade, trabalhar as perdas – enfim, ter resiliência.

O que é a resiliência? É a capacidade de preservar a integridade diante das adversidades. É, acima de tudo, aprender a proteger a própria emoção. (...) Protegê-la é usar a dor para lapidar a paciência, (...) usar as falhas para corrigir as rotas” (CURY, 2015. p.10)

3.4) Surto de aconselhamento

Com a individualização, facilita-se a privatização de serviços, e com os corpos já dóceis, adapta-se mais rápido tanto o estímulo aos desejos de consumo quanto a adaptação da mão de obra na linha de produção. Para diminuir os custos de tempo e de esforço em lidar com qualquer tipo de resistência, o governo busca desmobilizar qualquer tipo de organização coletiva (como sindicatos e associações de atuação social), e individual.

Com a desconfiança sobre os outros, o terreno estava aberto para a expansão do subjetivismo que se tem como base a ideia de que a realidade pode ser alterada dentro da mente de cada um já que ela tem como um de seus pilares a experiência individual. Assim, não haveria mais motivos para lutar por mudanças coletivas que requerem articulações complexas e resultados instáveis. Se a busca por resultados é exigida cada vez com mais urgência, entendeu-se que a busca pela mudança do próprio ser era mais eficaz.

É claro que a fragilização dos laços é um processo que vem progredindo há séculos na sociedade, mas com a progressão do subjetivismo, ela atingiu uma intensidade maior do que nunca foi visto. As narrativas coletivas têm se perdido diante de discursos individualizantes, gerando uma confusão de valores e desintegrando os valores morais que antes eram usados no julgamento das questões e nas tomadas de decisões.

Segundo Espósito, no século XX, o “negativo” é usado como “impulso produtivo” na vida do indivíduo, que diz: “sem aquele obstáculo – ou aquela falta – a vida do indivíduo e da espécie não encontraria a energia necessária ao seu desenvolvimento, permaneceria vencida pelo amontoado de impulsos naturais dos quais deve pelo contrário libertar-se para poder abrir-se às esferas das prestações superiores” (Espósito, 2010, p. 76).

Retomando o que já foi analisado até agora, se mostra plausível que o cenário acima fomentou uma lógica de imunização contra os riscos do eu e do outro, interconectando pelo menos quatro campos (ideologia, consumo, pedagogia e terapia). Esse estudo parte do entendimento que tais campos formam entre si o círculo vicioso que explica o fenômeno comercial e cultural da literatura de autoajuda.

No campo da ideologia, destaca-se a figura do coach (no caso, o autor do livro) e a lógica de adestramento que incita à eficácia. Complementa-se aí o “ideal contemporâneo de comunicação”, destacado por Illouz (2011) como uma ideologia de linguagem na qual o credo psicológico nos dá a convicção de que o poder da linguagem nos ajuda a compreender e controlar nosso meio social e afetivo.

O campo do consumo, abrange toda a estratégia mercadológica de divulgação extensiva na mídia da cultura de massa, visando segmentar e atingir os variados nichos de mercado para aumentar o lucro, visto que esses livros são produtos culturais, mercadorias. Também é um tema de consumo a forma que esses produtos estão sendo utilizados pelo público e como eles têm interferido na vida individual e coletiva.

A hierarquia entre a valorização de um aparente conhecimento científico dos livros em detrimento do conhecimento espontâneo do leitor, destaca-se como um dos alicerces do campo pedagógico, que ainda conta com a instrumentalização das

informações passadas e a legitimação por referências da filosofia e de outras ciências (especialmente as neurociências).

Para Illouz (2011), a *identidade* tornou-se cada vez mais publicamente encenada numa variedade de locais sociais por meio de uma narrativa que combina a aspiração à autorrealização com o direito de sofrimento afetivo. A autora complementa que tal narrativa deve ter uma enorme ressonância institucional cultural para que se torne num esquema básico “que organize o eu”, e que, dessa forma, as visões morais do indivíduo criadas pelo discurso psicológico foram adotadas pelo estado. Com a intervenção do estado e o barateamento de livros, a psicologia tem se tornado gradativamente mais acessível e assimilada pela população em geral, contribuindo para que haja uma *mercantilização da individualidade*, em que a indústria de aconselhamento, literatura de autoajuda, estado, credo psicológico e até indústria farmacêutica “se entremeeiam para formar” o ideal de personalidade atual. Nessa direção, é construído e reconstruído o *eu* pós-moderno, caracterizado por manipulações conscientes de si mesmo para agradar os outros, desempenhando múltiplos papéis.

Bauman (2011) trata esse estado como um “terror de inadequação” gerado pelo processo constante de depreciação das identificações já adotadas anteriormente. Dessa forma, a construção da identidade pendula entre os sentimentos de liberdade e segurança, nunca se fixando em nenhum deles, mas sim estando preso ao sentimento de ansiedade (este sim, constante). Por isso, as tomadas de decisão ganham ainda mais importância na formação do indivíduo para que ele se torne compatível com as exigências do mundo atual que está em constante movimento e assim exige flexibilidade na construção do “eu”.

O problema é que quando os afetos se tornam objetos para serem pensados, a racionalidade esvazia a particularidade e avalia por critérios de valores já estabelecidos, em um estilo de vida racionalizado pela lógica de custo-benefício (ILLOUZ, 2011). Essa idealização de como se deve ser e agir, pressupõe um exercício constante já que esses ideais têm como característica fundamental serem ampliados em busca de uma perfeição irreal. Por conta disso, o indivíduo deve ser flexível e mutável, negando sua espontaneidade natural, em um processo perpétuo que Illouz (2011) chama de “reatualização” do “eu”, e Bauman (2011) identifica como “batalha

cognitiva”. Para o autor, é por conta dessa batalha que tem se gerado um “surto de aconselhamento”, que almeja o adestramento para o comportamento adequado, no qual são destacados exemplos de biografias e testemunhos “de homens e mulheres que souberam construir suas vidas e fazer a diferença”, e que tem como referência a figura do coach. Este aconselhador apresenta traços do poder pastoral que Foucault (1997) havia apresentado, e que pode ter relação com a valorização da autoajuda e o retorno de expansão nos movimentos religiosos.

Com o destaque da autoajuda, desenha-se uma disputa entre sua pragmática imediatista (identificada pela relação com sucesso, dinheiro, saúde, beleza e prestígio) e outros saberes ligados à esfera do conhecimento psicológico, no espaço da mídia. Por todos os processos já apresentados, o sucesso da autoajuda parece dever muito a sua “narrativa motivacional compatível com o biopoder”. (Tucherman, 2012, p.315).

Para entendermos melhor as diversas conexões surgidas nas reflexões teóricas sobre as técnicas de subjetivação de Cury, aproveitaremos algumas concepções de Foucault, Nietzsche e Deleuze, que nos permitirão destacar os pontos-chave de toda a análise feita até aqui.

No texto *O Método*, Foucault explica que, quando se trabalha na superficialidade das oposições (como as recorrentes antíteses encontradas nos dilemas propostos por Cury), se diminui a avaliação crítica, pois se apoia em julgamentos preestabelecidos e não se exige o esforço de pensamento. Essa visão simplista se torna irrelevante para analisar o poder, já que este se caracteriza por uma multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio que se exercem. Por isso, devemos buscar o esquema das modificações geradas pelo jogo dessas correlações, sendo o discurso uma importante fonte de estudo, já que é nele onde se articula poder e saber, como diz Foucault, “É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder (...), o discurso veicula e produz poder, reforça-o, mas também o mina” (Foucault, *O Método*). No texto *Nietzsche, a Genealogia e a História*, Foucault explica que “acontecimento” é o termo para quando a relação de forças se inverte, e as expõe. Ainda nesse texto, ele aborda como o corpo é afetado nessa disputa de forças: “pensamos em todo caso que o corpo tem apenas as leis da sua fisiologia e que ele escapa à história. Novo erro. Ele é formado por uma série de regimes que o constroem” (pg.72), e é destruído por ritmos de

trabalho e intoxicado por valores, hábitos e leis morais simultaneamente. Para entendermos essa intoxicação, tomemos um trecho de *A Hermenêutica do Sujeito*, no qual Foucault, retoma o discurso de Sêneca que diz que os homens constroem falsos valores, que, na verdade, são desejos que nos aprisionam em um falso comércio.

Para avançarmos na questão dos falsos valores, podemos retomar o pensamento de Nietzsche no qual tudo é interpretação, não existem fatos. Assim, é com base em nossos interesses que valorizamos ou criticamos as propostas de verdade, já que os valores humanos são inventados. Em vez de nos submetermos aos receituários já dados, é preciso criar com base em nossos próprios interesses. Além disso, ao nos questionarmos sobre nossos próprios pressupostos de valores que foram criados por outros e naturalizados por nós.

Na perspectiva de Deleuze, os controles mudam sua forma continuamente (implantação progressiva e dispersa), criando novas formas de controle, e exigindo novas armas para combatê-las.

Por fim, podemos identificar que a bibliografia de Cury, servindo como exemplo de discurso de autoajuda e outras máquinas de expressão, trabalha na criação de sentidos que alimentam a luta de forças que se ameaçam em busca de poder. No cenário do capitalismo cognitivo e do discurso “psi”, essa luta se dá pela apropriação estratégica da subjetividade, cujo objetivo é destruir a potência e neutralizar o devir das forças oponentes. No caso de Cury, essa diminuição de potência pode ser identificada nos conceitos de homogeneização (pelas escolhas previamente formatadas), patologização (pela narrativa da doença) e adestramento (pela valorização da disciplina e resiliência), que servem de base da sua argumentação.

Vemos aqui a delimitação de um campo terapêutico no discurso de Cury, com um ciclo iniciado com o diagnóstico da patologia, seguido da prescrição visando a cura. Por colocar a prescrição como um conhecimento técnico que o leitor precisa do livro para ter acesso, há uma instrumentalização das informações passadas, assumindo uma lógica pedagógica. Esse campo pedagógico fica mais claro na expressão “formação de pensadores”, uma das mais utilizadas por Cury. A conexão entre o

campo pedagógico (que visa ensinar) e o terapêutico (que visa curar) ensina o indivíduo a curar a si mesmo (ALVES, 2015).

Além do pedagógico e do terapêutico, há, pelo menos, dois outros campos que podemos notar nos livros de Cury, são eles o campo do consumo e o da ideologia. O primeiro fica evidente quando Cury realça seu produto (os livros) como revelador e transformador, valorizando sua utilização pelo público. E o segundo, o campo da ideologia, destaca-se a lógica de adestramento na figura do coach (no caso, o autor do livro), que funciona como coerção subliminar de uma dominação pelo medo (do fracasso, dor, doença e sofrimento).

Outra figura importante da autoajuda, o suíço Alain de Botton traz alguns pontos em comum com Cury: ambos tingiram sucesso midiático e de vendas com seus livros, são categorizados como autoajuda, trazem o respaldo de serem especialistas pela suas distintas formações, produzem conteúdo audiovisual (e em série) baseado em suas próprias obras literárias, e têm entrada nos grandes meios de comunicação de seus países (De Botton escreve regularmente para jornais britânicos, incluindo *The Independent*, e seus seriados passam na TV).

Outros escritores contemporâneos de autoajuda também têm algumas dessas características, mas o que realmente distingue Cury e De Botton do resto do mercado são seus bem-sucedidos projetos educacionais. Enquanto Cury criou a Escola da Inteligência e o Grupo Educacional Augusto Cury (focado no desenvolvimento da inteligência socioemocional de crianças, adolescentes, adultos e empresas), De Botton lançou a The School of Life (TSOL), escola livre de filosofia para a vida cotidiana fundada na Inglaterra e já com sede no Brasil. A variedade de produtos ofertada por essa escola é ampla, com destaque para a venda de itens no site e seu canal no YouTube. Assim como Cury, a instituição se utiliza da comunicação em diferentes redes sociais, especialmente o Instagram.

A partir do fundamento de seus empreendimentos pedagógicos, podemos evidenciar características que se assemelham e se distanciam entre os dois, já que ambos argumentam suas funções terapêuticas no campo socioemocional, mas se fundamentam em diferentes bases religiosas. Se Cury diz ter se convertido ao

cristianismo pela admiração da figura de Jesus (tema que lhe rendeu alguns de seus títulos mais vendidos e uma enorme parcela de consumidores no mercado), De Botton se utiliza do ateísmo para promover sua escola. Vale termos em mente a diferença entre Brasil e Suíça em relação à religião. Embora ambos estados sejam oficialmente laicos (o que significa que oficialmente o poder do Estado é imparcial em relação a questões religiosas), 8% da população não tem religião no Brasil, enquanto esse número ultrapassa os 20% na Suíça.

Filósofo de formação, De Botton é um ateu convicto e propaga essa filosofia de vida em sua obra. De acordo com sua visão, as pessoas aderem a uma religião em busca de sustentação psicológica e manutenção da saúde mental frente a tantos problemas e dificuldades que temos que lidar em nossas trajetórias, tais como morte e relacionamentos interpessoais. Terapeuticamente, ele defende o uso da filosofia para lidar com o sofrimento humano.

Entendendo que as religiões deveriam ser substituídas, ele idealizou e lançou a School of Life para ser a instituição na qual as pessoas possam buscar respostas para lidar com seus temores e percalços, mas em sua obra temos ao menos um caso em que ele reconhece benefícios da religião frente a um moderno ateísmo que precisa ser revisto.

Em sua tese de doutorado, Tatiana Sanches (2017) explica a visão de Botton de que as religiões teriam sido fundadas para servirem a duas necessidades fundamentais, e que ainda hoje não foram resolvidas pela sociedade secular: a necessidade de vivermos juntos e em harmonia apesar de nossos impulsos egoístas e violentos; e a necessidade de lidar com altos graus de dor, vinda de diferentes direções. Dessa forma, a sociedade secular teria ficado sem recursos importantes ao abandonar a religião e as tradições como um todo.

No livro *Religião para ateus* (que se apresenta àqueles que sabem que Deus está morto, mas continuam a se sensibilizar pelas questões que impulsionaram sua invenção), o filósofo diz que os ateus poderiam aproveitar certos recursos das religiões para lidar com alguns males da vida, e que a comunidade, gentileza, educação e ternura estão entre os legados das instituições da fé. Para ele, essas instituições têm como função consolar demandas universais e eternas.

O erro do moderno ateísmo tem sido negligenciar a quantidade de aspectos que permanecem relevantes após o descarte dos princípios centrais das fés. Assim que pararmos de sentir que devemos nos prostrar diante delas ou denegri-las, estamos livres para descobrir as religiões como repositórios de uma miríade de conceitos engenhosos, com os quais podemos tentar mitigar alguns dos males mais persistentes e mal cuidados da vida secular. (DE BOTTON, 2011 apud SANCHES, 2017)

Na visão de Botton, as religiões são os maiores casos de sucesso educacional e intelectual que já existiram, pois conseguiram combinar teorias sobre ética e metafísica, com aplicação prática em educação, moda, arte, política, entre outros campos diversos.

Me parece que a maior diferença entre Cury e De Botton é que enquanto o primeiro aumentou sua produção após a conversão ao cristianismo, o segundo teve o ateísmo como motivação para criar sua escola (para que as pessoas não busquem respostas na Igreja). Entretanto os dois tratam as religiões como fonte de aprendizados.

De Botton diz que sua escola ensina *filosofia prática* para ser vivenciada no dia a dia. Se essa nomenclatura lembra a psicologia aplicada de que Cury se utiliza para negar seu vínculo com a autoajuda, devemos destacar que, ao contrário de Cury, De Botton assume abertamente ser um escritor de autoajuda. Mesmo assim, De Botton faz questão de colocar sua produção como superior à maioria dos outros livros do gênero, assim como Cury faz. Para ele, o problema da autoajuda não é o gênero em si, mas o acúmulo de autores ruins que se dedicam a esse campo da literatura. Ele disse que “a maioria dos livros de autoajuda é escrita por americanos sentimentais e moralistas, que prometem a seus leitores a vida eterna e riquezas incontestáveis” gerando um estigma de estupidez que se consolida na perspectiva da elite cultural, crítica literária e estudos acadêmicos (VENTICINQUE, 2012). Muito do descrédito em relação à autoajuda se deve à enorme quantidade de promessas feitas em grande parte de seus livros e não realizadas na vida dos leitores. Ele ainda complementa que pode ser útil se apoiar em algum ensinamento para lidar com a árdua tarefa que é atravessar a vida, e portanto sugere filósofos clássicos que ensinam a viver, como pode se verificar no trecho a seguir retirado de sua entrevista concedida à revista *Época*:

Por mais de 2 mil anos, grandes filósofos se dedicaram a obras que podem ser lidas como textos de autoajuda. O filósofo estoico Sêneca dava conselhos aos romanos para lidar com a raiva. As *Meditações*, do filósofo romano Marco Aurélio, estão entre os melhores textos de autoajuda já escritos. Em uma cultura que dá valor a obras como essas, as pessoas cometerão menos erros. (VENTICINQUE, 2012)

Sanches (2017) estudou a TSOL e os produtos de Botton, definindo a atitude dele como irônica já que, mesmo conhecendo bem os anseios de seu público, ele oferece produtos que resultam da demanda gerada pelo próprio mal-estar que nos cerca. Ela conclui que a filosofia ofertada por ele oferece saídas para as demandas dos selves modernos modernos, de modo a remediar, mas nunca curar, o vazio de sentido desses selves. Podemos comprovar esse discurso em um dos próprios livros de Botton:

Um livro de autoajuda útil [...] deveria então se concentrar em administrar dor, não em eliminá-la totalmente; deveríamos esperar encontrar uma versão literária de um hospício e não de um hospital. No entanto, embora não possamos esperar que livros resolvam nossos problemas, eles podem oferecer oportunidades para descarregarmos nossa tristeza e encontrarmos uma confirmação de que nossas aflições são comuns a outras pessoas. Livros têm a função de nos consolar com a lembrança de que não estamos sós nas humilhantes e peculiares dificuldades [...]. (DE BOTTON, 2012 apud SANCHES, 2017)

Sanches (2017) detecta em De Botton uma insistência para construir uma narrativa que se vale da Filosofia e que pode ser entendida como uma vertente “cult” das retóricas da autoajuda. Embora embalado e vendido como filosofia nas prateleiras de grandes livrarias, o que se tem algumas vezes são romances (como *Kiss & Tell*) com pitadas de autoajuda. Revestidos de aura intelectual trazida pela Filosofia esses livros se valorizam no mercado, na competição com as outras ofertas de autoajuda.

Inspirado em grandes pensadores como Sócrates, Epicuro, Schopenhauer e Montaigne, Alain de Botton se utiliza de uma linguagem popular (e, portanto, mais acessível às massas) para se tornar um filósofo popular na contemporaneidade, especificamente no gênero da autoajuda, respeitado até pela crítica especializada. Com uma formação semelhante à de Botton, a filósofa e escritora Sarah Bakewell (autora de uma biografia sobre o pensador Michel de Montaigne) identifica em De Botton uma grande simplificação do pensamento dos filósofos que cita, e complementa que não tem nada contra isso. Realmente, vemos um grande

afastamento entre a complexidade da abordagem acadêmica com os produtos culturais consumidos na mídia de massa. Assim como as universidades buscam ações de extensão para dialogar com a sociedade, poderíamos identificar um interesse de autores que buscam compartilhar com a sociedade conhecimentos que pudessem beneficiar a mais pessoas.

Nas duas primeiras décadas de sua produção literária (1993-2016), De Botton publicou 15 livros: *The course of Love* (2016), *The news: a user's manual* (2014), *Art as therapy* (2013), *How to think more about sex* (2012), *Religion for atheists* (2011), *A week at the airport* (2009), *The pleasures and sorrows of work* (2009), *The architecture of happiness* (2006), *Status anxiety* (2004), *The art of travel* (2002), *The consolations of philosophy* (2000), *How Proust can change your life* (1997), *Kiss & tell* (1995), *The romantic movement* (1994) e *Essays in love* (1993).

Entre os títulos podemos identificar alguns temas e abordagens semelhantes e destoantes à produção de Cury. Como pontos em comum, há referências a ansiedade, felicidade, trabalho, promessa/possibilidade de mudar a vida, oferta de terapia e pragmatismo de manual.

Sobre as diferenças, a mais evidente se dá em relação ao tema amor. Embora Cury já tenha escrito um livro de dicas para casais e outro sobre o risco do ciúme, De Botton dedicou mais atenção ao tema em suas primeiras obras e retomou nos últimos anos, mantendo a amplitude da palavra amor. Para o filósofo o amor e o trabalho são as principais fontes de nos dar um sentido para a vida. E no caso de Cury, como já vimos, o indivíduo é incentivado a criar um sentido que tenha validade para si próprio, guiando-se pela busca do prazer e pela fuga da dor.

Para encerrar essa comparação entre os dois maiores exemplos de sucesso da literatura de autoajuda da década, destacamos a estratégia de ambos em diferenciar-se do resto do mercado como um discurso baseado em estudos (da filosofia e da área de saúde), por meio de uma linguagem simples, acessível e reforçada pela visibilidade da mídia de massas. Contando ainda com uma abordagem terapêutica e pragmática da subjetividade que lhes permite lucrar com outros negócios na indústria do aconselhamento e na pedagogia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o estudo sobre o sentimento de mal-estar, que fiz para elaborar este trabalho, foram abordados diversos conceitos da obra de Nietzsche. Embora o livro mais lido tenha sido *Genealogia da moral*, foi pela citação de outra obra com que me instiguei em entender o raciocínio de Nietzsche a ponto de tornar-me capaz de conectar os demais conceitos do filósofo. A citação trata-se da expressão “torna-te o que tu és”, que aparece pelo menos três vezes em seus livros: uma em *A Gaia ciência*, e as outras duas em *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. O motivo da minha atração foi pelo aparente paradoxo de uma ação que se volta para ela mesma, podendo dar a entender de que se trata de uma ordem para algo nulo, ou um esforço inútil.

Sobre os autores a serem analisados, adianto aqui que, apesar de ter sido discípulo de Schopenhauer, foi tratada a forte influência que Espinosa (a quem me foi muito útil para entender certos conceitos nietzschianos, em especial o de *vontade de potência*) pode ter causado em Nietzsche. Os autores que escreveram posteriormente à vida deste, como Freud, Foucault e Deleuze mostram como suas ideias foram apropriadas e redimensionadas em outros contextos, mas com algo de muito comum entre elas, o interesse pelas afetos e motivações humanas.

Por fim, tentei redimensionar a ideia deles para nosso século XXI, buscando conexões entre a problemática do *mal-estar*, o conceito de *vontade de potência*, e a máxima de *tornar-se o que se é* para dialogar com o discurso de autoajuda. Para tanto, trabalhei com a hipótese de que a autoajuda é um discurso com valores compatíveis aos da política neoliberal e se apoia na linguagem *psi*, resultando em um fenômeno mercadológico da indústria cultural.

Com tudo o que foi apresentado, e analisando autores de diferentes épocas (desde o estoicismo grego até o século XXI, passando pela modernidade), confirmamos a permanência da busca por uma visão que amplie nosso entendimento do todo ao qual pertencemos, para, assim, compreendermos as condições que nos

afetam. Nesse processo, novos aconselhamentos são criados, e alguns são redimensionados para as diferentes épocas.

Considero especialmente importantes os conceitos de *amor fati* e de *tornar-se o que se é* para analisar o discurso da autoajuda, e com destaque para a gestão da emoção proposta por Cury (2016, p.7-11). Também são fundamentais as visões de Nietzsche e demais autores para questionar os conceitos de liberdade, autonomia, saúde, felicidade, destino, criação de sentido e objetivo de vida.

Amor fati e visão do alto

Resgatando textos do estoicismo, em especial das cartas em que Sêneca escreveu a Lucílio, Foucault analisa, em sua *Hermenêutica do sujeito*, a questão da plenitude do ser consigo, que seria “encontrar a felicidade em si mesmo”, sendo firme e sereno nas adversidades, não perseguindo bens passageiros, vencendo os vícios, e, assim, estando pronto para inclusive uma morte repentina e inesperada.

No trecho “Tomar a si mesmo como um fado, não se querer ‘diferente’ — em tais condições isso é a grande sensatez mesma” (NIETZSCHE, 2003, p.45), Nietzsche corrobora com o ideal estoico de buscar uma felicidade plena na aceitação do ser consigo mesmo. Ele expande essa visão para além do ser, englobando toda a eternidade, em outro texto:

Minha fórmula para a grandeza no homem é *amor fati*: nada querer diferente, quer no futuro ou no passado, nem mesmo para toda a eternidade. Não basta suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo — todo idealismo é uma mentira diante da necessidade — deve-se amá-lo... (NIETZSCHE, 2003: 66).

Correlacionando os textos, vemos a relação entre *fado* e *fati*. Ambos significam destino, mas o primeiro é a expressão em latim, a mesma que dá origem a fatídico. Segundo o dicionário Michaelis, *amor fati* é uma expressão latina que significa “amor ao destino”, “amor ao fado”, e que, no estoicismo e em Nietzsche, significa aceitação integral da vida e do destino humano mesmo em seus aspectos mais cruéis e dolorosos.

Por se tratar de uma autobiografia, é natural que Nietzsche relacione, em *Ecce Homo*, os conceitos à sua vida, e por isso ele chega a dizer que “o necessário não me fere; *amor fati* é minha natureza mais íntima” (NIETZSCHE, 2003, p.115).

Vale analisarmos como Nietzsche via o destino, e, para isso, temos essa passagem rica de adjetivos:

Tais seres são imprevisíveis, eles vêm como o *destino*, sem motivo, razão, consideração, pretexto, eles surgem como o raio, de maneira demasiado terrível, repentina, persuasiva, demasiado “outra”, para serem sequer odiados (NIETZSCHE, 1998, p.69).

Além de repentino e imprevisível, o destino é descrito pela ausência de motivo e razão. Por não seguir nenhuma lógica ou razão, não podemos prevê-lo. Por não ser movido por nenhuma motivação ou intencionalidade, não podemos sequer odiá-lo.

Contrariamente à máxima do *amor fati*, a vontade livre aparece em Nietzsche como a capacidade de agir conscientemente, enquanto sob fado compreendemos o princípio que nos conduz na ação inconsciente. É na livre vontade que aparece para o indivíduo o princípio da singularização, da separação do todo; entretanto o fado retoma a ligação orgânica do homem com as outras partes da natureza e o do universo.

No texto *Fado e História*, Nietzsche define que “Fado nada é senão uma cadeia de acontecimentos, que o homem, tão logo atue, criando assim seus próprios acontecimentos, determina seu próprio fado”. Me parece aqui que o *fado* pode ser comparado ao conceito de *tornar-se o que se é*, já que a ação do ser retoma sobre ele mesmo como uma consequência no seu cenário e nas suas próprias condições.

Em outro momento do mesmo texto, ele diz que “A livre vontade absoluta, sem fado, transformaria o homem em Deus, o princípio fatalista em um autômato”, já que a vontade livre aparece como aquilo sem vínculos, arbitrário: é o infinitamente livre e errante, o espírito. Por outro lado, o fado é uma necessidade, “se não quisermos acreditar que a história do mundo é um sonho incerto, as indizíveis dores da humanidade são invenções, e nós mesmos joguetes de nossas fantasias”. Por fim, fica evidente a complementariedade entre os dois, quando ele diz que *fado* é a infundável força de resistência contra a livre vontade; como a oposição entre espírito e real, bem e mal.

Para retomarmos o que já vimos anteriormente sobre a consciência em Nietzsche e Freud, destaco esse trecho em que ela se relaciona justamente com a noção de poder sobre o destino, e pode ser identificada com a livre vontade:

O orgulhoso conhecimento do privilégio extraordinário da responsabilidade, a consciência dessa rara liberdade, desse poder sobre si mesmo e o destino, desceu nele até sua mais íntima profundidade e tornou-se instinto, instinto dominante – como chamará ele a esse instinto dominante, supondo que necessite de uma palavra para ele? Mas não há dúvida: este homem soberano o chama de sua consciência (NIETZSCHE, 2003: 45).

Antes de encerrarmos, é preciso esclarecer como é possível atingirmos a vivência para assimilarmos essa aceitação do destino, e para isso voltamos ao mesmo pensador que nos sugeriu serenidade e firmeza diante das adversidades. No texto *Consolação a Márcia*, Sêneca apresenta o tema da *visão do alto*, que, segundo Foucault (2006, p.345-347), aparece em outros textos estoicos, e parece definir uma das mais fundamentais formas de experiência espiritual encontradas na cultura ocidental. Resumidamente, Sêneca propõe que nos vejamos do alto, e, afastando cada vez mais nossa perspectiva, englobaremos tudo o que está ao nosso redor, a ponto de ver todo o universo, até nos darmos conta de que somos um ponto no espaço do universo. Ele também propõe que nos pensemos sob uma lógica cronológica, e que, com a mesma dinâmica de afastamento, nos vejamos como um ponto no tempo do universo.

Enxergando a nós mesmos como apenas um ponto no espaço e no tempo do universo, percebemos o quão pequeno e breve é cada um de nós diante do conjunto de determinações e necessidades a que estamos ligados. Assim, só nos resta compreender e aceitar essas condições, de que a vida é feita de maravilhas e dores, e elas estão indissociavelmente ligadas.

Achamos muito apropriado analisarmos os processos tratados nesse estudo pela lógica da narrativa, pois foi ela a base inicial para a humanidade tentar compreender o seu entorno e a si mesma, assim como também serviu de suporte às formas de coerção e coesão social. Para chegar até essa conclusão foram importantes as contribuições de Benjamin, especialmente com seu texto *O Narrador*, e a

terminologia usada por Han (2018) para identificar a desnarrativização do mundo. Também foi de extrema importância o entendimento trazido por Foucault de que esses discursos são efeitos e causadores das situações que vivemos. Podemos, assim, colocar que a autoajuda (e a indústria de aconselhamento) é tanto resultado do processo de descoletivização quanto um propagador estimulante desse mesmo processo.

A busca por aumento do lucro e conseqüentemente da produtividade se deu muito pela introdução de máquinas, e, tanto por ter que saber lidar com elas quanto pelo risco de serem substituídos por elas, os trabalhadores passaram a assimilar cada vez mais os ideais de automação. O maior estímulo vinha dos próprios patrões ou gestores que aumentaram suas exigências de previsibilidade e controle que iam desde a imposição de um horário de trabalho e descanso até metas pré-definidas de entrega, passando por cartilhas de comportamento que diminuía cada vez mais a abertura para que os trabalhadores se comportasse espontaneamente. Esses manuais de comportamento chegam ao ápice com a ideia de gestão da emoção defendida por Cury e outros autores da autoajuda.

Essa análise corrobora com a ideia de que embora a sociedade de controle tenha propiciado uma multiplicação da oferta de mundos (de consumo, de informação, de lazer), essas ofertas são formatadas e vazias de singularidade. O que se apresenta como um direito de escolha ou livre-arbítrio acaba agindo como uma obrigação de se enquadrar em padrões dos quais não se participou da criação.

O grande destaque que pode ser notado nas últimas décadas para a saúde mental se deve principalmente pelo aumento de informações no mundo do trabalho, exigindo cada vez mais raciocínio, memória e outras atividades cognitivas. Essa sobrecarga no uso da mente exigiu atenção tanto pelo grande número de transtornos que os profissionais têm desenvolvido desde então, quanto pela busca de um aumento de performance por parte das empresas. Aliás, esses dois fatores estão constantemente relacionados já que doenças como a depressão têm sido consideradas grandes motivos de incapacitação para o trabalho.

O conformismo com a ausência de luta política e articulações sociais que vemos em Cury, é um traço característico da própria autoajuda e se encontra presente

desde sua origem, como vimos no caso de Smiles que se desiluiu no campo da luta política devido às dificuldades de negociar com o Estado, levando-o até a desacreditar da educação pública passando a valorizar a busca pelo desenvolvimento individual.

Essa sensação de impotência se dá pelo empobrecimento da subjetividade tanto pela exclusão na criação de propostas (que, em geral, vêm predefinidas pelo mercado, governo ou especialistas, e esvaziadas de qualquer singularidade) quanto pela falta de debate sobre as mesmas (por falta de organismos cooperativos com representatividade).

Apesar de esse sentimento de descoletivização ser identificado desde a transição da idade média para a modernidade, a verdade é que ele se intensificou nos últimos séculos junto com individualismo estimulado por políticas liberais e posteriormente pela literatura de autoajuda.

O estudo sobre o discurso de Cury demonstra que ele é guiado pelas demandas corporativas, especialmente quando trata a subjetividade e os afetos como recursos energéticos para a produção capitalista, defendendo sua gestão para uma maior produtividade, e valorizando termos comuns ao mercado, tais como sustentabilidade, eficácia e empreendedorismo.

Se a relação de trabalho é formada por, pelo menos, duas figuras (o empregador e o empregado), Cury demonstra claramente de qual lado está. Ele sugere nivelamentos de proatividade (numa lógica de progresso) para que o empregado se entregue cada vez mais aos desejos da empresa, ultrapassando inclusive os limites da carga horária contratada. O ápice dessa lógica que ele cria para beneficiar as empresas é mercantilizar até as emoções das pessoas em busca de maior eficácia no trabalho (minimizando qualquer sentimento que possa interferir no desempenho profissional). O que me chama mais a atenção é que a exploração dos trabalhadores seja colocada astutamente como um aconselhamento benéfico que justifica inclusive a compra de seus livros.

Como Foucault disse, na luta constante entre forças, o discurso se adapta às novas relações que se formam nessa disputa. Assim, ele pode tanto reforçar quanto

minar o poder (podendo ser simultaneamente instrumento e efeito de poder), e percebemos melhor isso justamente quando a relação de forças se inverte.

A autoajuda tem um movimento de adaptação e assimilação para manter-se em diferentes grupos e conjunturas, assim como partidos que fazem alianças com políticos de posições diferentes (e até antagônicas) para manterem-se no poder. E, para mim, o maior exemplo dessa estratégia de adaptação de discurso na história ocidental foram os movimentos da Reforma Protestante e da Contra-Reforma da Igreja na tentativa de atualizar as normas que se tornarem retrógradas diante das descobertas científicas e dos comportamentos surgidos em uma nova composição da sociedade.

Por isso, muitos textos podem contrariar o que foi escrito em outras épocas, por outros autores ou até em outros capítulos do mesmo livro. É também por essa assimilação que podemos encontrar em um mesmo texto uma mistura de exemplos e bases de argumentação, como Cury faz utilizando-se da medicina, filosofia, religião, psicologia, pedagogia, eficácia e neurociências para falar de relacionamentos, trabalho, estudos, criação de filhos, espiritualidade e cuidados com a saúde do corpo e da mente.

Tomando os exemplos de Cury e De Botton, podemos identificar semelhanças que levariam a ambos terem alcançado e se mantido entre os maiores vendedores de autoajuda nesse início do século XXI.

Embora tenham origens e formações distintas (De Botton é suíço e filósofo, e Cury é brasileiro e psiquiatra), ambos trazem o respaldo de serem estudiosos/especialistas com o diferencial de usarem uma linguagem simples e portanto acessível ao grande público. Essa aura intelectual é usada por eles para venderem seus discursos como um conteúdo diferenciado e melhor que as outras opções com as quais eles disputam espaço no mercado de aconselhamento, e deixam claro seu repúdio a grande maioria das publicações de autoajuda.

Além de simples, ambos se apropriaram da linguagem audiovisual e de plataformas digitais para ampliar sua visibilidade nas redes sociais e na mídia de massas. Sobre seus conteúdos, vale ainda destacar a abordagem terapêutica e

pragmática da subjetividade que, por já estar difundida na cultura como um todo, é utilizada por eles como base para lucrar em negócios na indústria do aconselhamento e no mercado de educação. Outro fator que contribui para sua visibilidade e fidelização do público é a diversidade de temas que abordam em uma alta produção de novos livros.

- Diferenciação: aura intelectual; repúdio a grande maioria das publicações de autoajuda
- Linguagem: simples; linguagem audiovisual
- Plataformas: redes sociais e mídia de massas, além dos impressos
- Abordagem: terapêutica e pragmática
- Abrangência: tratam de diferentes temas, visando um público amplo
- Produtividade: muitas publicações
- Empreendedorismo: mercado de educação e aconselhamento

A vitimização que aparece tantas vezes no discurso autobiográfico de Cury se enquadra na tendência atual da autoajuda de usar o sofrimento como meio de desenvolvimento pessoal e acesso a uma verdade interior, legitimando o conhecimento pela vivência pessoal do autor, tratada por Rose (1990) como uma lógica de veracidade pela confissão. Dessa forma, confirmamos o que alguns pensadores (Furedi e Keane) identificam como o favorecimento a uma linguagem terapêutica cada vez mais assimilada e replicada, que configura a recuperação de experiências de sofrimento numa questão de hábito, treinamento ou mudança de estilo de vida, que tem como base a busca da melhoria por algo considerado negativo ou inicialmente prejudicial. Nessa lógica social da busca por imunizar-se (Espósito), Cury se aproveita desse cenário para ampliar a oferta de seus serviços terapêuticos para diversos mercados: seja em consultas presenciais, clínicas, escolas, cursos, livros e salas de cinema.

- Imunização: crença na proteção pela assimilação do negativo

- A dor revela: Sofrimento como meio de desenvolvimento e acesso a uma verdade interior
- Ginástica do Trauma: recuperação de experiências de sofrimento para treinar e aprimorar-se



De uma forma bem simplista, apelando para o antagonismo entre duas ideias, Cury coloca a necessidade do gerenciamento da emoção sob o risco de que o indivíduo acabe sendo dominado por seus impulsos naturais se não agir. A proposta de autogestão proposta por Cury passa antes pela figura de um adestrador (seja ele um coach, um especialista ou um mestre) e para isso é valorizada a disciplina para garantir que haja continuidade no processo. Outro ingrediente importante para essa fórmula é a busca de motivação para equilibrar as doses de desgaste em geral.

- Figura de um adestrador: seja ele um coach, um especialista ou um mestre
- Disciplina: para manter o foco e comprometimento
- Equilíbrio: Busca de motivação para compensar as doses de desgaste



Nesse panorama atual de sofrimento, há também uma pressão velada por ostentar otimismo, felicidade e performance. Assim, é comum que as imagens opostas de felicidade e tristeza (ou sucesso e fracasso) sejam frequentemente veiculadas e vinculadas uma a outra, seja para que a possibilidade de fracasso sirva de estímulo para se empenhar mais ou para que a imagem de sucesso seja usada como parâmetro para marginalizar os níveis de desempenho considerados baixos.

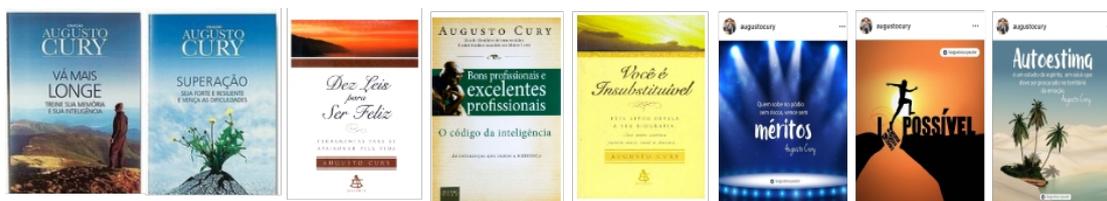
Nesse caminho para fugir do fracasso (sofrimento) em busca do sucesso (felicidade) é justamente a gestão de si que permite o processo de superação. Nesse autogerenciamento terapêutico em busca de superar a si mesmo e a seus traumas são naturalizados novos conceitos como autoestima, meritocracia e resiliência.

Para fechar esse processo que conecta sofrimento a um certo nível felicidade ou benefício, Cury demonstra como a ideia de resiliência carrega tanto a ideia de adaptabilidade quanto a capacidade de superação, de forma que é pela capacidade de adaptar-se que o indivíduo pode sobreviver e superar as adversidades, como um camaleão que se camufla para não ser capturado por um predador.

A meritocracia é a ideia básica para justificar as diferenças de resultados de acordo com o esforço de cada um, porém em um país de elevada desigualdade social como o Brasil essa ideia se torna absurda pois as diferenças de condições interferem diretamente na disputa.

Por sua vez, a autoestima seria a técnica que dá forças ao indivíduo para que ele se transforme de sujeito do sofrimento para sujeito da superação (SACRAMENTO, 2016).

- Pressão por felicidade e desempenho: ambas ideias estão interligadas como metas para todos
- Gestão de si: permite o processo de superação
- Resiliência: carrega tanto a ideia de adaptabilidade quanto a capacidade de superação
- Meritocracia: justifica as diferenças de resultados, desconsiderando as diferenças de condições
- Autoestima: dá forças ao indivíduo para que ele se transforme



A entrada da autoajuda no Brasil se deu claramente pelos autores norte-americanos (podendo ser incluída em um movimento mais amplo chamado por historiadores de imperialismo americano e que abrange ações na política, na economia e na cultura) e influenciou a produção nacional que ainda tem os EUA como exemplo a ser seguido por seu poderio internacional. Entretanto, é inevitável que surjam contradições ao tentar aplicar a teoria importada em uma sociedade que se formou de maneira tão distinta. Um dos exemplos em que isso se nota com mais evidência é o conceito de meritocracia, que ignora toda a desigualdade de condições perpetuada por longos períodos de colonização e escravidão.

Outro fator relevante dessa relação é que a produção nacional da literatura de autoajuda tenha se expandido mais notadamente justamente no período em que a nova divisão internacional de trabalho fez com que indústrias dos países mais ricos migrassem para países mais pobres como o Brasil. Assim, uma nova cultura de trabalho chegava já formatada e precisava ser assimilada pelos trabalhadores brasileiros que se inseriam mais na lógica de trabalho das multinacionais.

No mercado de autoajuda em que se circula centenas de milhões de dólares no mundo, e tendo o Brasil como o segundo maior mercado, entende-se o valor dado à imagem dos autores e a disputa que há entre eles para abocanharem as maiores fatias de vendas. Mesmo assim, considero muito agressiva a estratégia de popularização de Cury por diferentes motivos. O maior deles é pela sua meta de manter-se sempre na mídia e sempre vendendo, o que fez com que chegasse a publicar a quantidade absurda de 60 livros em 20 anos (o que dá 1 livro lançado a cada 4 meses). Também já colocou como meta para si mesmo lançar um filme por ano.

Outro motivo é a escolha consciente por temas midiáticos que levou um ateu a escrever diversos livros sobre Jesus, inclusive fazendo-o se declarar convertido ao cristianismo.

É difícil fazer uma análise de Cury sem destacar, ou ao menos identificar, a tentativa dele em construir para si uma imagem de poder e destaque. Um dos alicerces que ele tenta construir é seu pioneirismo em sua pesquisa, mas o fato de que sua principal base argumentativa (a identificação da subjetividade como recurso

energético ligado à eficácia) já havia sido publicada 50 anos antes dele lançar seu primeiro livro abre um precedente para questionar essa valorização de si mesmo.

Podemos complementar essa estratégia com sua tentativa de respaldar historicamente o mercado de coaching cuja profissão ainda não é regulamentada no Brasil, remetendo sua prática a períodos de apogeu, como o império romano e a Grécia Antiga.

Essa tentativa de valorização e respaldo tem ainda mais peso na sua busca de legitimar seu discurso, quando faz relatos em primeira pessoa, se utiliza do status de especialista e da ciência, quando se relaciona com ícones de prestígio, e também quando desvaloriza o cenário descrito se eximindo dele (e, mais que isso, se colocando como solução).

Embora ele fuja de todas as críticas que venham acompanhadas da alcunha de guru da autoajuda, ele se coloca como exemplo a ser seguido, colocando-se no mesmo nível de reconhecidos líderes da história tais como Abraham Lincoln, Martin Luther King e especialmente Jesus Cristo, com quem ele constrói uma simbiose destacando características de um no outro.

Apesar de iniciar o estudo tendo uma imagem mais científica de Cury por sua formação em medicina e argumentos da neurociência, fui rapidamente surpreendido pela sua apropriação de discursos religiosos e ainda mais por sua tentativa de associar sua imagem à de Jesus Cristo. Dentre os exemplos mais destacados retomo a semelhança da forma com que apresenta algumas diretrizes como se fossem mandamentos religiosos, e o trecho em que ele mesmo chama sua lista de críticas aos professores de Sete pecados capitais dos educadores.

Além da literatura de autoajuda outro discurso voltado para a mídia de massa que se expandiu com o poder do aumento de consumo foi a publicidade. E assim como a autoajuda, a linguagem publicitária se utiliza de várias referências e formatos para motivar a adesão da sociedade à lógica do mercado. Um desses formatos é o *merchandising*, que, de modo geral consiste em colocar o produto a ser vendido no meio de um conteúdo que interessa ao público, cobrindo-se de uma aura de atratividade e camuflando-se de uma identificação mais óbvia e até indesejável dos

intervalos comerciais que justamente impedem que o público continue desfrutando do conteúdo que realmente lhe atrai.

Essa lógica do *merchandising* parece presente na estratégia de Cury quando ele se utiliza do nobre chamariz da saúde mental, da educação e da felicidade, para disseminar seu discurso em prol do aumento de produtividade (especialmente no trabalho) e de adaptação às demandas cada vez mais abusivas do mercado. Outra relação entre a escrita de Cury e a linguagem publicitária é a forma metafórica e lúdica com que adapta os termos para se tornar mais desejável e vendável como a troca da palavra “ambição” por “sonho”, e “empreendedor” por “vencedor”.

Ele é perspicaz, mistura posicionamentos distintos que podem chegar a ser antagônicos em certo nível de análise porque estimula o esforço e o relaxamento, o equilíbrio e a intensificação, a qualidade de vida e o trabalho extra, a liberdade de pensamento e a subordinação a leis e manuais.

Inicialmente, tive dúvidas quando me deparei com temas que me pareciam relevantes (como os da imagem abaixo), e até considerei os possíveis benefícios que talvez fossem gerados entre seus leitores. Entretanto, o senso crítico e a análise apurada sobre sua obra e seu discurso me mostraram que seu conteúdo é mais inconstante do que seu interesse em manter-se atrativo e vendável, e no final das contas o que prevalece em seu discurso é um estímulo à sujeição (ao adestramento de suas regras e às condições de trabalho impostas pelo mercado).



Além do conteúdo, a destacada venda de livros de Cury está associada a um conjunto de estratégias de marketing e venda, como: a serialidade dos conteúdos para estimular a fidelização do consumo, a produção compulsiva de novos livros (1 cada 4 meses, aproveitando o público fiel e gerando novo motivo para sua aparição na mídia), a variedade de temas (pelo menos 10 grupos temáticos para abranger o maior público possível), a constante veiculação de seu nome na mídia tanto espontânea (entrevistas e reportagens), trabalhadas (publicações em seus perfis nas redes sociais) e até pagas (como verificamos nos anúncios publicitários que vendem seus livros e produtos no buscador Google).

Um dos exemplos que mais me chama atenção é quando o site de uma de suas empresas destaca como um dos motivos para incentivar a venda de uma franquia “o reconhecimento mundial do idealizador dos cursos”, corroborando minha hipótese de que Cury constrói um personagem de si acima de qualquer suspeita, destacando suas qualidades para endossar seus produtos com a aura alcançada na sua imagem. E para facilitar esse entendimento para o público ele criou até um selo de qualidade Augusto Cury, agindo como um personagem de identificação das ofertas como muitas marcas fazem com a figura do “garoto-propaganda”.

- Serialidade (dos conteúdos): para estimular a fidelização do consumo
- Produção compulsiva (1 livro a cada 4 meses): gerando mais visibilidade na mídia e aumentando a renda com clientes fiéis
- Variedade de temas: (pelo menos 10 grupos temáticos) para abranger o maior público possível
- Constante veiculação de seu nome na mídia: de forma espontânea, trabalhada e paga
- Garoto propaganda: para endossar seus produtos com a aura alcançada na sua imagem

Por construir uma imagem pública exemplar, esse estudo se empenhou em buscar e identificar o que não é mostrado por Cury, desmistificando a percepção de que ele pode aconselhar seu público de forma desinteressada ou altruísta.

Para isso, abordamos sua arbitrariedade, como quando demarca sem uma metodologia aparente o desejável e o deplorável, as emoções úteis e inúteis; sua falta de comprovações e demonstração efetiva em determinados assuntos, como nos casos em que ele fala que é citado academicamente; sua narrativa de coerção, em que estimula o medo para oferecer seus serviços como proteção ou salvação; suas diversas contradições, especialmente a que diz não fazer autoajuda quando segue muitos dos padrões e se utiliza de referências compartilhadas pelo gênero; seu estímulo à manipulação do outro como estratégias de conquista e convencimento; seu alinhamento à exploração no trabalho, incentivando aos profissionais trabalharem mais do que o acordado; é permissivo com práticas de assédio, como da vez que ele considera um bom profissional quem se utiliza do poder do medo, lembrando no final que essa estratégia é apenas menos eficiente do que usar elogios.

- Arbitrariedade: delimita as emoções úteis e inúteis sem uma metodologia aparente
- Falta de comprovações: não demonstra os trabalhos em que supostamente é citado
- Coerção pelo medo: estimula a sensação de crise para vender-se como solução
- Contradições: diversos casos como quando diz que não faz autoajuda por não usar regras prontas e publica livros baseados em comandos como *Dez Leis para ser Feliz*
- Manipulação do outro: estimula o uso de técnicas para conquista e convencimento
- Exploração no trabalho: estimula que o profissional dedique horas extras e direcione suas emoções e pensamentos privilegiando o trabalho
- Permissivo com práticas de assédio: dá aval para profissionais que utilizam o poder do medo sobre sua equipe

Quando Cury trabalha na superficialidade das oposições (com as recorrentes antíteses encontradas nos dilemas que propostos por ele), diminui-se a avaliação

crítica do leitor, pois o mesmo se apoia em julgamentos preestabelecidos e não se exige o esforço de pensamento.

Além disso, seus aconselhamentos predefinidos (ao mesmo tempo generalistas e com comandos detalhados) inibe a espontaneidade, o questionamento e a criatividade necessários para que o leitor desenvolva uma linha de pensamento própria e mais condizente com suas condições.

Outro fator que merece ser criticado é a forma coercitiva com que ele guia sua linha de raciocínio, estimulando o sentimento de medo com cenários caóticos de luta pela sobrevivência e de doença e loucura generalizada.

E, por último, a valorização da disciplina e da resiliência servem de base para sua argumentação de adestramento. Diante de vários problemas sociais, ele diz que reclamar é inútil e apenas gasta mais energia, tirando assim a potência do ato de expressar-se livremente e de transformar o mundo pela crítica, pelo debate e pela sugestão de novas propostas.

- Coerção: sentimento de medo com cenários caóticos
- Adestramento: valorização da disciplina e da resiliência
- Crítica à reclamação: colocado como esforço inútil e desgastante
- Superficialidade das oposições
- Homogeneização: generalizações e aconselhamentos predefinidos

Cury estimula o conformismo diante das dificuldades de articulação social para a luta política, baseado em sua descrença no debate político e social, fazendo parecer que as dificuldades de mudança social são impedimentos irreversíveis.

Ele também vai minando a confiança na humanidade e no outro, afirmando que os seres humanos são eternos exploradores, individualistas, egoístas, egocêntricos, e preconceituosos. Baseado nessa desconfiança com os demais, Cury propõe mecanismos de individualização como a busca por autoestima, o autoconhecimento e o autodiálogo.

Mais do que a desconfiança, Cury também prega a competitividade entre os humanos, relacionando o mercado de trabalho a uma luta pela sobrevivência.

- Conformismo: dificuldades de articulação social são colocadas como irreversíveis
- Desconfiança (na humanidade e no outro): lógica do homem é o lobo do homem
- Competitividade: luta por sobrevivência
- Autocentramento: incentivo a autoconhecimento e autoestima

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, V. L.P. Receitas para a conjugalidade: uma análise da literatura de autoajuda. São Paulo: Annablume, 2015.

BAUMAN, Zigmunt. A Ética é possível num mundo de consumidores? Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CASTELLANO, Mayka. Sobre vencedores e fracassados: a cultura da autoajuda e o imaginário do sucesso. Rio de Janeiro, 2014.

CRARY, Jonathan. Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

DELEUZE, G. Conversações. São Paulo: Editora 34, 2013.

DOSSE, François. O desafio biográfico: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

EHRENBERG, A. O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

ESPÓSITO, Roberto. Bios: biopolítica e filosofia. Lisboa: Edições 70, 2010.

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2006 - 2ª.ed.

_____. O método. In: História da sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982). Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. Nietzsche, Freud e Marx Theatrum Philosophicum. São Paulo: Princípio Editora, 1997.

FREIRE FILHO, J. Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

_____. O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima. Porto Alegre: Revista FAMECOS PUC-RGS, volume 18, número 3, 2011.

_____. “Autoestima é tudo”: anotações para um dicionário de ideias feitas sobre a felicidade. In: RIBEIRO, A. P; FREIRE FILHO, J e HERSCHMANN, M. (orgs.). Entretenimento, Felicidade e Memória: forças moventes do contemporâneo. Guararema, SP: Anadarco, 2013.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. São Paulo: Editora Schwarcz, 2016.

FUREDI, Frank. Therapy culture: cultivating vulnerability in an uncertain age. Londres: Routledge, 2004.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do Cansaço. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

HOBSBAWN, Eric J., Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. A Era das Revoluções: 1789 - 1848. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

ILLOUZ, Eva. O amor nos tempos do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KEANE, H. Setting yourself free: techniques of recovery. Health, v. 4, n. 3, pp. 324-345, 2000.

LAZZARATO, Maurizio. As revoluções do capitalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LAZZARATO, Maurizio e NEGRI, Antonio. Trabalho Imaterial: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MILLER, A. The pornography of trauma: faking identity in misery memoirs. LinQ, vol. 39, pp. 90-103, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. Humano, demasiado humano. São Paulo: Escala, 2006.

_____. A Gaia Ciência. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. Ecce Homo: Como cheguei a ser o que sou. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

PASQUINELLI, Matteo. Um diagrama do capitalismo cognitivo e da exploração da inteligência social geral.

http://matteopasquinelli.com/docs/Pasquinelli_PageRank.pdf*

ROSE, N. A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

RUDIGUER, F. Literatura de auto-ajuda e individualismo: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

SACRAMENTO, I. O espetáculo do trauma: narrativas testemunhais de celebridades sobre o bullying num programa de TV. Contracampo, Niterói, v. 35, n. 02, pp. 157-182, ago./nov., 2016.

SANCHES, T. Filosofia selfie-service: uma análise das ofertas da TSOL e das obras de Alain de Botton para as demandas de um self perdido. Campinas, SP: [s.n.], 2017.

SANDRONI, P. Dicionário de economia do século XXI. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

SPINOZA, Baruch. Ética. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.

TUCHERMAN, I. Autoajuda, mídia e biopoder. Revista FAMECOS PUC-RGS, volume 19, número 2, 2012.

Reportagens

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Biografia de Paulo Coelho*. ABL, Rio de Janeiro, 4 mar. 2016. Disponível em:

<www.academia.org.br/academicos/paulo-coelho/biografia/>. Acesso em 19 de setembro de 2018.

BERGAMASCO, Daniel. “*Augusto Cury lança livro sobre a inteligência de Jesus*”. Veja, São Paulo, 7 out. 2016. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/entretenimento/augusto-cury-lanca-livro-sobre-a-inteligencia-de-jesus/>>. Acesso em 7 de julho de 2018.

CAPLAN, Natália. “*Sucesso de vendas, livros de Augusto Cury começam a ganhar espaço nas telonas*”. A Crítica, São Paulo, 11 set. 2016. Disponível em:

<<https://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/sucesso-de-vendas-livros-de-augusto-cury-comecam-a-ganhar-espaco-nas-telonas>>. Acesso em 14 de setembro de 2018.

CARVALHO, Pedro. “*Ganhar dinheiro vicia*”, diz Augusto Cury. Época Negócios, São Paulo, 20 jul. 2015. Disponível em: <<http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Visao/noticia/2015/07/ganhar-dinheiro-vicia-diz-augusto-cury.html>>. Acesso em 7 de julho de 2018.

CUDISCHEVITCH, Clarice. “*Novas franquias chegam ao mercado e prometem faturamento de até R\$ 150 mil por mês*”. Estadão de São Paulo, São Paulo, 13 jun. 2013. Disponível em: <<https://pme.estadao.com.br/noticias/noticias,novas-franquias-chegam-ao-mercado-e-prometem-faturamento-de-ate-r-150-mil-por-mes,3089,0.htm>>. Acesso em 7 de julho de 2018.

GEROMEL, R. *Meet Augusto Cury, Brazil's most read author*. Forbes, Nova Iorque, 23 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/ricardogeromel/2017/08/23/meet-augusto-cury-brazils-most-read-author/#1c85d3f0dd63>>. Acesso em 7 de julho de 2018.

GUIMARÃES, Camila. “*Augusto Cury: Não devemos sofrer por antecipação*”. Época, São Paulo, 10 jan. 2014. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/01/baugusto-curyb-nao-devemos-sofrer-por-antecipacao.html>>. Acesso em 7 de julho de 2018.

MAIA, M. C. “*Não escrevo para fazer sucesso*”, diz Augusto Cury. Veja, São Paulo, 24 ago. 2009. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/entretenimento/nao-escrevo-para-fazer-sucesso-diz-augusto-cury/>>. Acesso em 7 de julho de 2018.

NEUMAN, C. “*Sociedade se converteu em um hospital psiquiátrico*”, diz escritor Augusto Cury. Folha de S. Paulo, São Paulo, 02 jul. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2009/07/588069-sociedade-se-converteu-em-um-hospital-psiquiatrico-diz-escritor-augusto-cury.shtml>>. Acesso em 7 de julho de 2018.

PRATA, L. “*5 perguntas para Augusto Cury*”. Cláudia, São Paulo, 27 out. 2016. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/noticias/5-perguntas-para-augusto-cury/>>. Acesso em 7 de julho de 2018.

RODRIGUES, Alan. “*Vivemos a Era do pesadelo, não dos sonhos*”. Istoé, São Paulo, 16 dez. 2016. Disponível em: <<https://istoe.com.br/vivemos-era-do-pesadelo-nao-dos-sonhos/>>. Acesso em 7 de julho de 2018.

RODRIGUES, M. F. “*Meus livros provocam o leitor*”, diz Augusto Cury, o maior best-seller do Brasil. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 06 jan. 2018. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,meus-livros-provocam-o-leitor-diz->

augusto-cury-o-maior-best-seller-do-brasil,70002140280>. Acesso em 7 de julho de 2018.

VENTICINQUE, D. “*As lições de vida de Alain de Botton, o filósofo pop*”. Época, São Paulo, 07 set. 2012. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/09/licoes-de-vida-de-alain-botton-o-filosofo-pop.html>>. Acesso em 14 de setembro de 2018.

WEISS, Ana. “*Augusto Cury e a cura da corrupção*”. Istoé, São Paulo, 29 abr. 2016.

Disponível em:

<https://istoe.com.br/452209_AUGUSTO+CURY+E+A+CURA+DA+CORRUPCAO/>. Acesso em 7 de julho de 2018.

ZAIDAN, P. *Augusto Cury, o escritor que as mulheres amam*. Cláudia, São Paulo, 27 out. 2016.

Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/noticias/augusto-cury-o-escritor-que-as-mulheres-amam/>>. Acesso em 7 de julho de 2018.

Fonte primária

CURY, A. *Ansiedade – Como enfrentar o mal do século*. São Paulo: Editora Saraiva, 2013

_____. *Armadilhas da Mente*. São Paulo: Arqueiro, 2013.

_____. *Dez Leis para Ser Feliz: ferramentas para se apaixonar pela vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. *Doze semanas para mudar uma vida*. São Paulo: Academia da Inteligência, 2004.

_____. *Em Busca do sentido da Vida*. São Paulo: Planeta, 2013 - 1ª.ed.

_____. Gestão da Emoção. São Paulo: Editora Benvirá, 2016.

_____. Inteligência Multifocal: análise da construção dos pensamentos e da formação de pensadores. São Paulo: Cultrix, 2016 – 8ª ed.

_____. Manual dos Jovens estressados. 2.ed. São Paulo: Academia da Inteligência, 2015.

_____. Mentis Brilhantes Mentis Treinadas. São Paulo: Academia de Inteligência, 2014.

_____. Nunca Desista de seus Sonhos. Rio de Janeiro, Sextante, 2015.

_____. O código da inteligência emocional e a excelência emocional. São Paulo, Thomas Nelson Brasil, 2011.

_____. O funcionamento da mente. São Paulo: Cultrix, 2016 - 1ª ed.

_____. O Vendedor de sonhos - O chamado. São Paulo: Planeta, 2016 - 3ª ed.

_____. Revolucione sua qualidade de vida: navegando nas águas da emoção. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

_____. Treinando a Emoção para ser Feliz. São Paulo: Academia de Inteligência, 2015.

ESCOLA DA INTELIGÊNCIA. Livro da Família: a gestão da emoção. LFGE/1a ed./ pais/responsáveis/2015-PAN160.000